Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas (TOE) na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPI a disponibilizar este TEDE sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir do dia 25/03/2024

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação

2. Identificação da Dissertação

Autor:	MARIA CLARA LIMA DE OLIVEIRA		Matrícula: 20221006344 *(identificador)*
Telefone:	32651217		
Identidade:	3956919 - SSP/PI	CPF:	E-mail: mariaclaralima0923@gmail.com
Orientador:	JOHNY SANTANA DE ARAUJO	CPF: 474.646.073-68	E-mail: johny@ufpi.edu.br
Membro da banca:	FRANCISCO GLEISON DA COSTA MONTEIRO	CPF: 448.623.853-20	E-mail: gleison.monteiro@ufpi.edu.br
Membro da banca:	JOHNY SANTANA DE ARAUJO	CPF: 474.646.073-68	E-mail: johny@ufpi.edu.br
Membro da banca:	MARGARIDA PORTELA	CPF:	E-mail: margaridapereira2003@gmail.com
Data da Defesa:	25/03/2024	Titulação: Mestre	
Título:	COTIDIANO, TRABALHO E MEMÓRIA: Maria Hilda Policarpo de Melo e a participação das enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira (1942-1945)		
Instituição de Defesa:	Universidade Federal do Piauí/UFPI		CNPJ: 06.517.387/0001-34
Afiliação:			CNPJ:
Palavras-chave:	Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira. Cotidiano. Memória. Trabalho.		

3. Agência de Fomento

UFPI

4. Informação de acesso ao documento

Liberação para publicação: **Total**

Maria Clara Lima de Oliveira — Assinatura do autor

23/07/2024 — Data

Havendo concordância com a publicação eletrônica, toma-se imprescindível o envio em formato digital da tese ou dissertação.

ATENÇÃO

Para verificar a autenticidade deste documento acesse **/sigaa/documentos/** informando o identificador, a data de emissão e o código de verificação **abbfc71dd6**

Digitalizado com CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

MARIA CLARA LIMA DE OLIVEIRA

COTIDIANO, TRABALHO E MEMÓRIA: Maria Hilda Policarpo de Melo e a participação das enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira (1942-1945)

TERESINA – PI
2024

MARIA CLARA LIMA DE OLIVEIRA

COTIDIANO, TRABALHO E MEMÓRIA: Maria Hilda Policarpo de Melo e a participação das enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira (1942-1945)

Dissertação para Defesa de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Piauí – UFPI, Programa de Pós-graduação em História do Brasil – PPGHB, como requisito para obtenção do título de Mestra em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de Araújo.

TERESINA – PI
2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

O48c Oliveira, Maria Clara Lima de.
Cotidiano, trabalho e memória : Maria Hilda Policarpo de Melo e a participação das enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira (1942-1945) / Maria Clara Lima de Oliveira. -- 2024.
145 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2024.
"Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de Araújo".

1. Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira. 2. Cotidiano. 3. Memória. 4. Trabalho. I. Araújo, Johny Santana de. II. Título.

CDD 981.061

Bibliotecária: Francisca das Chagas Dias Leite – CRB3/1004

MARIA CLARA LIMA DE OLIVEIRA

COTIDIANO, TRABALHO E MEMÓRIA: Maria Hilda Policarpo de Melo e a participação das enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira (1942-1945)

Dissertação para Defesa de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Piauí – UFPI, Programa de Pós-graduação em História do Brasil – PPGHB, como requisito para obtenção do título de Mestra em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Johny Santana de Araújo.

Aprovado em 25 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Johny Santana de Araújo (Presidente)
Universidade Federal do Piauí-UFPI

Prof.ª Dr.ª Margarida Portela (Examinador Externo)
Universidade Nova de Lisboa – HTC/NOVA-FCSH

Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro (Examinador Interno)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (suplente)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

TERESINA – PI
2024

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) a bolsa de pesquisa que possibilitou a realização desse projeto. A minha família; minha mãe Adalziza Borges e minha irmã Olivia Lima pelo apoio durante essa jornada acadêmica.

Agradeço também aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Em especial, gostaria de expressar minha gratidão ao meu orientador, Johny Santana, e aos professores Pedro Vilarinho, Teresinha Queiroz, Elisângela Cardoso, Francisco Alcides do Nascimento e Francisco Gleison Monteiro, que contribuíram diretamente e indiretamente para o desenvolvimento da minha pesquisa.

A professora Juçara Leite, professora titular da UFES, que me ajudou no fornecimento de fontes importantíssimas para a realização da minha pesquisa.

Ao meu companheiro de orientação Heverton Machado que durante nosso processo de escrita e pesquisa colaboramos mutuamente. Trocamos fontes, bibliografia e outros materiais de pesquisa.

Aos meus amigos que fiz durante o mestrado - Lanna, Carvalho Neto, Heverton, Lucas André, Maria Andrade e Erismar - desejo que trilhem um caminho acadêmico espetacular como mestres em um futuro próximo. Essas pessoas foram fundamentais durante minha jornada no mestrado. Entre risos e angústias, nós nos apoiamos e caminhamos juntos. O processo de escrita e pesquisa nem sempre é solitário, e para alcançar um bom resultado final, é crucial reconhecer a ajuda daqueles que serviram de alicerce nos melhores e nos nem tão bons momentos.

Ao meu amigo Flávio Carvalho que foi de fundamental importância na conclusão da minha pesquisa. Um grande amigo e também mestre em História do Brasil.

Agradeço a mim mesma pela dedicação e persistência em continuar, mesmo nos momentos em que pensei em desistir. Este trabalho foi fruto de muito esforço e comprometimento com um tema de pesquisa que me inspira paixão. Espero ter alcançado um resultado satisfatório e que este estudo contribua de forma significativa para o campo acadêmico.

RESUMO

Este estudo analisa a participação das enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira (FEB), em especial de Maria Hilda Policarpo de Melo, enfermeira piauiense que atuou no serviço de saúde da FEB nos hospitais de campanha no front italiano durante a Segunda Guerra Mundial. Escrever sobre as atividades de mulheres em conflitos armados, neste caso no serviço de saúde como enfermeiras, tem sua relevância ao colocá-las em uma perspectiva central na narrativa histórica. Sobretudo, tendo como foco uma personagem praticamente desconhecida na historiografia piauiense. Objetivamos, portanto, analisar a memória, o trabalho e aspectos do cotidiano por meio de jornais periódicos e livros de memória sobre a atuação das enfermeiras e da piauiense na FEB como enfermeira de guerra. Desvendando as nuances que as envolvem e tendo como base as discussões sobre sistemas simbólicos e a noção de *habitus* em Pierre Bourdieu (1998), as práticas cotidianas em Michel de Certeau (1998), a coordenação de discursos em Michel Foucault (1971), além de uma reflexão sobre a memória como suporte nos processos de identidade e como modalidade de representação social em Michael Pollak (1998) e Ângela de Castro Gomes (2004). Para alcançar esse objetivo, conduziremos uma pesquisa qualitativa documental centrada em fontes históricas que se incidem no problema de pesquisa do objeto de estudo a fim de proporcionar uma maior compreensão das ações de Hilda Policarpo e das enfermeiras da FEB no tempo e no espaço. A partir disso, utilizaremos diferentes camadas de interpretação e percepções que se sobrepõem às fontes. Através dessa abordagem, exploraremos múltiplas camadas de interpretação e perspectivas que se entrelaçam nas fontes documentais disponíveis, proporcionando uma visão diversificada das experiências e atuações dessas mulheres durante o contexto histórico da década de 1940.

Palavras-chave: Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira. Cotidiano. Memória. Trabalho.

ABSTRACT

This study examines the involvement of nurses in the Brazilian Expeditionary Force (FEB), with a particular focus on Maria Hilda Policarpo de Melo, a nurse from Piauí who served in the healthcare sector of the FEB in field hospitals on the Italian front during World War II. Writing about the activities of women in armed conflicts, in this case, in healthcare roles as nurses, holds significance by placing them at the core of the historical narrative. Moreover, our focus is on a character practically unknown in Piauí's historiography. Our objective, therefore, is to analyze memory, work, and aspects of daily life through periodicals and memoirs concerning the actions of the nurses and the Piauí-born woman as a wartime nurse in the FEB. Uncovering the subtleties that surround them, we draw on discussions of symbolic systems and Pierre Bourdieu's notion of habitus (1998), daily practices as described by Michel de Certeau (1998), discourse coordination as analyzed by Michel Foucault (1971), along with a reflection on memory as a support in processes of identity and as a form of social representation, inspired by Michael Pollak (1998) and Ângela de Castro Gomes (2004). To achieve this goal, we will conduct a qualitative documentary research centered on historical sources that directly relate to the research question, with the aim of providing a deeper understanding of the actions of Hilda Policarpo and the FEB nurses in their historical and geographical context. From this foundation, we will utilize different layers of interpretation and perspectives that overlap within the available documentary sources. Through this approach, we will explore multiple layers of interpretation and perspectives that intertwine in the available documentary sources, offering a diversified view of the experiences and contributions of these women during the historical context of the 1940s.

Key-words: Nurses of the Brazilian Expeditionary Force. Everyday life. Memory. Work.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEERE	Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército
CEPB	Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo
CESP	Curso de Enfermeira da Saúde Pública
CICV	Comitê Internacional da Cruz Vermelha
COEE	Corpo de Oficiais Enfermeiras do Exército
CV	Cruz Vermelha
CVB	Cruz Vermelha Brasileira
CVS	Curso de Visitadoras Sanitárias
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
EEAN	Escola de Enfermagem Anna Nery
EEDNSP	Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública
EPE	Escola Prática de Enfermeiras
EPECVB	Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira
EPEERJ	Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras no Rio de Janeiro
EUA	Estados Unidos da América
FAB	Força Aérea Brasileira
FEB	Força Expedicionária Brasileira
HGV	Hospital Getúlio Vargas
HM	Hospital Militar
PGM	Primeira Guerra Mundial
SGM	Segunda Guerra Mundial
SSE	Serviço de Saúde do Exército

LISTA DE FIGURAS

Tabela 1 – Quadro de atividades semanais no “Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército.....30
Figura 2 – Alguns dos exercícios físicos realizados no “CURSO DE EMERGÊNCIA DE ENFERMEIRAS DA RESERVA DO EXÉRCITO. 33
Figura 3 – Ansiosos pela hora da luta! 35
Figura 4 – Destreza, coragem e iniciativa própria. 35
Figura 5 – Virginia e duas enfermeiras em frente à uma das ambulâncias alemãs capturadas na cidade de Parolla, Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. 41
Figura 6 – As enfermeiras expedicionárias completam o seu preparo físico e militar.....46
Figura 7 – Virgínia Portocarrero trajando uniforme de inverno das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália. 47
Figura 8 – Mat. Dr. Ernesto, Cap. Dr Contreiras e enfermeira Antonieta 48
Figura 9 – Enfermeiras não identificadas (Nápoles-Itália).....49
Figura 10 – Em exercícios as enfermeiras expedicionárias.....50
Figura 11 – As novas Carteiras de identidade da Cruz Vermelha Brasileira. 59
Figura 12 – Primeiras oficiais enfermeiras brasileiras a chegar a Itália durante a Segunda Guerra Mundial, Nápoles, 15 de julho de 1944.....79
Figura 13 – Hotel Atlantic, requisitado para oficiais Brasileiros e americanos (em trânsito), Casablanca.....80
Figura 14 – Dakar – Guerreiros Senagalezes. 84
Figura 15 – Enfermeiras do General Hospital Headquarter Building - Nápoles. Da esquerda para direita: Nair (a enfermeira negra mencionada anteriormente), Soares, Edith, Carlota, Roselys e Isabel. 89
Figura 16 – O casal Dr. Sebastião Solto Maior e Elza Miranda da Silva, que se casaram secretamente antes de embarcar, no acampamento do 16º Hospital de Evacuação onde serviram. 92
Figura 17 – Vista aérea das barracas de residência do 32º Hospital de Campo em Valdibura. Ao fundo Monte Castelo. 95
Figura 18 – Tenente Jacira de Souza Gois em sua barraca no 32º Hospital de Campo, o mais próximo da linha de frente, localizado em Vadibura.....95
Figura 19 – 16th Evacuation Hospital em Pistóia. 96

Figura 20 – 16th Evacuation Hospital em Pistóia, aspecto do serviço hospitalar e tendas brasileiras (brancas). 96
Figura 21 – Nesta colônia de férias construída para moças por Mussolini, foi instalado o 7º Hospital de Estacionamento que comportava 1200 leitos 97
Figura 22 – 7th Station Hospital – Um ângulo interno. 97
Figura 23 – Fachada do 24 General Hospital em Florença. 98
Figura 24 – Na entrada do 45º General Hospital em Nápoles, um grupo de pacientes ladeando a tenente Elza Cansanção Medeiros 98
Figura 25 – Mapa elaborado por Altamira Valadares com a localização dos Hospitais Militares – Acervo do CDAPV 99
Tabela 26 – Relação nominal das enfermeiras que concluíram o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército em outros Estados e seguiram para o teatro de operações da Itália. 100
Figura 27 – Enfermeiras e hospital desmontado. 110
Figura 28 – Alunas do curso de enfermeiras para a FEB, em treinamento de educação física. 114
Figura 29 – Enfermeiras Jacira e Neuza cuidando de uma criança italiana 119
Figura 30 – A primeira brasileira que se apresentou voluntariamente para os serviços de guerra. 125
Figura 31 – As três enfermeiras quando em visita ao DIÁRIO. Da esquerda para a direita Maria de Lourdes Santos, Maria Hilda de Melo e Alzira Marinho. 127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

2 – CAPÍTULO 1 – MULHERES NA GUERRA, MULHERES EM GUERRA: A ATUAÇÃO DE ENFERMEIRAS NA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA 21

2.1 “Se eu morrer, outras seguirão em meu lugar”: a mobilização e o voluntariado de Maria Hilda Policarpo de Melo a FEB 21

2.2 A formação de um *habitus* militar: o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército 28

2.3 As enfermeiras expedicionárias e seus uniformes: a construção simbólica 40

3 – CAPÍTULO 2 – A DIVULGAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CORPO DE ENFERMEIRAS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA ATRAVÉS DA IMPRENSA 52

3.1 A construção de um discurso: A Revista da Cruz Vermelha Brasileira 52

3.2 A enfermeira expedicionária: mãe-pátria, abnegada e caridosa 64

3.3 Do embarque à chegada ao front italiano 78

4 – CAPÍTULO 3 – COTIDIANO E TRABALHO: MEMÓRIA E TESTEMUNHO DAS ENFERMEIRAS NO SERVIÇO DE SAÚDE DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA 88

4.1 Nos bastidores da guerra: acampamentos, hospitais e recreamento 88

4.2 Diário como lembranças e memórias de papel 108

4.3 Escrever ou esquecer: lembranças traumáticas 115

4.4 Memória e Esquecimento: a participação de uma enfermeira Piauiense na FEB 121

CONSIDERAÇÕES FINAIS 129

REFERÊNCIAS 131

INTRODUÇÃO

A recente abordagem da Nova História Militar busca uma perspectiva interdisciplinar, ou seja, estudando a guerra e os sujeitos que a compõem a partir dos diferentes campos de pesquisa. Nesse aspecto, torna-se possível e abre caminho para pesquisar por meio do trabalho, memória e vida cotidiana as mulheres enquanto sujeitos militares em diferentes áreas de atuação nas instituições militares e em contexto de guerra. Essa perspectiva de estudo é de grande relevância para a produção histórica no que diz respeito aos estudos sobre a participação feminina em contexto de conflitos armados, pois escrever uma narrativa em que as mulheres ocupem um lugar central, sob olhares diversos, variadas fontes e abordagens, torna-se um desafio a enfrentar.

Na década de 1960, temos a publicação de Nelson Werneck Sodré (1965), *A História Militar do Brasil*, com uma interpretação dos fatos a partir de uma leitura marxista. Posteriormente, tivemos a publicação do artigo pioneiro de José Murilo de Carvalho (1983), *As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador*, publicado na coleção *História geral da civilização brasileira*, no qual ele produz uma análise inovadora sobre essa temática. No entanto, durante boa parte do século XX no Brasil, em razão do golpe de 1964 e do regime militar, não houve um avanço nos estudos na área da História Militar, ficando ainda restrito a estudos sobre batalhas, táticas e figuras importantes do meio militar. É só a partir da década de 1990 que há uma renovação nesse campo de estudo, "a Nova História Militar"[1], numa confluência entre a História Social, Antropologia e perspectivas Pós-modernas, resultado em sua maioria de pesquisas de mestrado e doutorado produzidas no âmbito da universidade.[2]

O campo da "Nova História Militar Brasileira" colheu os frutos da renovação historiográfica que ocorreu na década de 1980. Esta abordagem passou a considerar a História Militar como intrinsecamente ligada aos acontecimentos na sociedade em um contexto mais amplo. Isso implica na análise dos aspectos econômicos, políticos e culturais da guerra, bem como na compreensão do envolvimento das pessoas nesse cenário. Portanto, o foco se expandiu para além das Forças Armadas em si, abrangendo também a interação delas com a sociedade. Isso permite uma compreensão mais abrangente e profunda da História Militar, considerando

[1] Para detalhes ler: CASTRO, Celso. (1990, 1995, 2002); SOUZA, Adriana Barreto de (1999); BEATTIE, Peter M. (2001); SMALLMAN, Shawn C. (2001); IZECKSOHN, Vitor (2001), KRAAY, Hendrik (2004); NASCIMENTO, Álvaro Pereira do (2004); FERRAZ, Francisco César Alves (2004); D'ARAUJO, Maria Celina (2004); ARAUJO, Johny Santana de (2005, 2009); SOUZA, Maria Regina Santos de (2012).

[2] CASTRO, C; IZECKSOHN, V; KRAAY, H. Da História Militar à 'nova' história Militar. In: CASTRO, Celso et al (org.). **Nova História Militar Brasileira**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 10-46.

não apenas os eventos e estratégias militares, mas também como esses eventos afetam e são afetados pela sociedade em geral.

O novo enfoque direcionado à presença feminina em instituições militares e teatros de guerra tem viabilizado a incorporação de abordagens relativas a questões de gênero, com o propósito de evidenciar a participação e o papel desempenhado por mulheres nos contingentes militares na "Nova História Militar do Brasil". Contudo, é imperativo ressaltar que essa integração ainda se encontra em um estágio incipiente.

Esta pesquisa traz à tona a atuação das enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira (FEB), em especial de Maria Hilda Policarpo de Melo, enfermeira piauiense que participou do serviço de saúde da FEB nos hospitais de campanha no *front* italiano durante a Segunda Guerra Mundial. O processo de "esquecimento" das mulheres nas narrativas historiográficas é parte de uma sedimentação seletiva, sendo necessário valorizar as práticas de memória feminina. No entanto, a quebra dos silêncios das mulheres em diversas áreas de atuação e conhecimento nem sempre é visível e, por vezes, essa quebra não ocorre.

Os silêncios nas fontes, a falta de pistas, marcas e rastros, a ausência de suas próprias impressões nos materiais históricos foram questões que, na década de 1980, trouxeram novos questionamentos. Ou seja, a participação ou não das mulheres nos espaços públicos e privados e de que maneira ocorriam as formas de sociabilidade na vida cotidiana. É no desvendar da História que se encontram as sensibilidades coletivas, fatos e práticas cotidianas, espaços comuns de homens e mulheres.[3]

De acordo com Ângela de Castro Gomes[4], mesmo os sujeitos históricos postulados numa perspectiva de dominação, as ações sociais se pautam na liberdade desses sujeitos a partir de negociações dos sistemas normativos. Ainda que limitadas, não é possível eliminar completamente escolhas, possibilidades e interpretações da realidade. Ao trazer a dimensão do cotidiano a partir de suas trajetórias, pode-se mergulhar nos sentidos da liberdade e nas estratégias de negociações.

As mulheres que eram retratadas em obras do século XIX ressaltavam um ideal de mulher atrelado às virtudes tidas como inerentes do ser feminino, como, por exemplo, em *Brasileiras Célebres*, publicado pela primeira vez em 1862. Já na Guerra do Paraguai, é possível perceber as mulheres se insurgindo contra as regras impostas pela sociedade patriarcal, seja na

[3] SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**: Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 64.
[4] GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-24.

condição de esposas, irmãs, mães, prostitutas ou até mesmo pegando em armas e se aventurando na guerra. No entanto, a mulher é uma figura marginalizada na História Militar do Brasil, o que permeia o imaginário ao longo do século XX em relação às condições e contribuições da presença feminina na guerra. De acordo com Juçara Leite[5], pouco tem sido feito para traçar novas perspectivas e pontos de análise, mesmo após os dois grandes conflitos do século XX, nos quais a presença feminina foi maciça tanto dentro como fora do campo de batalha.

Este estudo faz parte do campo da História Militar, mas também se baseia em outros campos de pesquisa, como a História da Saúde e a História de Gênero. Essa abordagem interdisciplinar visa proporcionar novas perspectivas de análise que se complementam e servem como ferramentas de interpretação essenciais para o objeto de estudo desta pesquisa em desenvolvimento.

Para que este estudo sobre a atuação da piauiense Hilda Policarpo e das enfermeiras no serviço de saúde da FEB fosse viável, foi necessário adentrar a esfera do privado e das relações cotidianas. Além disso, foi preciso empregar um olhar aguçado à documentação disponível, que muitas vezes não trata diretamente da personagem central deste estudo, mas que serve para compreender o contexto social em que ela está inserida, a fim de estabelecer uma análise relacional sobre a participação de enfermeiras na FEB de forma ampla.

Assim sendo, foram utilizados como fonte nesta pesquisa os diários de viagem de enfermeiras que atuaram na FEB, publicados na forma de livro e o manuscrito da enfermeira expedicionária Altamira Valadares, jornais disponíveis na hemeroteca digital (Fundação Biblioteca Nacional)[6], a Revista da Cruz Vermelha Brasileira, o Diário Oficial do Piauí e documentos legislativos publicados no Diário Oficial da União. As fotografias encontradas nos jornais e no acervo digital da Fiocruz foram aproveitadas neste estudo de forma ilustrativa, a fim de fornecer uma maior substancialidade a este campo de pesquisa. Embora utilizadas apenas para ilustração, elas fornecem uma gama de informações visuais que complementam a narrativa do texto.

Esta pesquisa começou a ser desenvolvida ainda durante a graduação, ao longo do processo de escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O tema de pesquisa chegou até mim por meio de uma conversa informal com o Prof. Dr. Johny Santana Araújo, que foi meu

---

[5] LEITE, J. L. Diários de Guerra: mulheres, livros e testemunhos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**,** 26., 2011, São Paulo**. Anais do 26º Simpósio Nacional de História.** São Paulo**:** ANPUH, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300940511_ARQUIVO_Anpuh2011-JucaraLeite.pdf. Acesso em: 03 out. 2023.

[6] A Hemeroteca Digital Brasileira é um portal de periódicos nacionais que permite ampla consulta, pela internet, a jornais, revistas, anuários, boletins e publicações seriadas. Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acesso: 03 out. 2023.

orientador tanto na graduação quanto no mestrado, durante a disciplina de História Contemporânea II. Ao ter conhecimento dessa possibilidade de pesquisa, busquei coletar fontes e ler pesquisas semelhantes sobre o tema, até que, juntamente com meu orientador, descobrimos a participação de uma piauiense no serviço de saúde da FEB.

No entanto, devido a questões pessoais que atrasaram o andamento da pesquisa e posteriormente à pandemia, que impossibilitou a continuidade da pesquisa no Arquivo Público do Piauí, concentrei-me apenas nos documentos disponíveis na hemeroteca digital. Portanto, durante a graduação, não pude realizar uma pesquisa centrada na enfermeira piauiense devido à escassez de fontes sobre ela, o que inviabilizaria um estudo com informações aprofundadas.

Dito isso, obtivemos novas fontes de análise por meio do Arquivo Público do Piauí e de livros de memórias de ex-enfermeiras da FEB, e decidimos dar continuidade à pesquisa no mestrado, focando no cotidiano e no trabalho nos hospitais de campanha no *front* italiano, tendo como personagem central Maria Hilda Policarpo de Melo, enfermeira que atuou no teatro de operações do serviço de saúde da FEB. Nosso objetivo nesta pesquisa foi trabalhar com a trajetória de vida da piauiense inserida em um contexto social e nas relações cotidianas sobre a participação de enfermeiras na FEB, e não realizar um estudo biográfico detalhado, pois isso exigiria um conjunto mais amplo de fontes que não foram obtidas.

A pesquisa se beneficia da diversificação de tipologias documentais que foram incorporadas em seu escopo. Esse leque variado de fontes documentais possibilita um cruzamento de dados abrangente, permitindo-nos não apenas analisar cada fonte isoladamente, mas também realizar comparações entre elas. Ao fazer isso, ganhamos uma perspectiva mais rica e abrangente, que nos ajuda a entender os diferentes discursos que permeiam esses documentos. A análise dessas diversas perspectivas e vozes presentes nas fontes documentais enriquece nossa compreensão do objeto de estudo e contribui para uma visão mais completa e contextualizada da pesquisa desenvolvida.

Com isso, acreditamos que esta pesquisa contribui de maneira significativa para a História do Piauí, colocando o Estado no centro do debate sobre a dinâmica social da primeira metade do século XX por meio da participação de uma piauiense. Rememorar a participação dessa personagem, pouco conhecida na historiografia piauiense, no cenário do conflito armado mais importante do século XX tem sua relevância no sentido de preservar a memória histórica e evitar que o passado seja totalmente esquecido. Rememorar é um ato político que se insere em ações individuais e coletivas.

As práticas cotidianas, de acordo com Michel de Certeau[7], ocorrem em subordinação a uma grande cadeia de acontecimentos e procedimentos, funcionando a partir das formas de discurso – aqui ele se remete a Michel Foucault – empregadas sobre os sujeitos e na incorporação do discurso em suas práticas e condutas, ou seja, a noção de *habitus* em Bourdieu. Dito isso, o cotidiano pode ser estudado por diferentes perspectivas, em espaços e lugares distintos. Por exemplo, os bastidores da guerra nos hospitais de campanha através da participação de enfermeiras na FEB e da trajetória de vida de Hilda Policarpo durante sua atuação como enfermeira nessa delegação.

Desta forma, é nesses espaços ocupados nos hospitais de campanha que é possível observar, por meio de suas narrativas, dos discursos presentes na imprensa e nos documentos oficiais do Estado, o cotidiano no âmbito da guerra. As trajetórias individuais e coletivas se inserem e estão situadas em um contexto em que, por meio das práticas cotidianas, é possível perceber como ocorreram as atuações dessas mulheres. O interesse principal ao adentrar a esfera do cotidiano é compreender como e de que maneira ocorreram as ações comuns nos hospitais de campanha e em seu entorno, na interação entre as iguais e seus superiores. Portanto, é nesses espaços que Maria Hilda Policarpo de Melo e as enfermeiras da FEB mostram as astúcias femininas, criando uma espécie de política de sobrevivência na vida cotidiana marcada por micro resistências e micropoderes femininos em ambientes majoritariamente masculinos e hostis, como é o caso da guerra.[8]

O poder simbólico, de acordo com Pierre Bourdieu[9], é um poder que se apresenta de forma invisível, exercido em cumplicidade pelos sujeitos que, muitas vezes, não sabem que o exercem. Por isso, é necessário realizar uma análise estrutural sobre o objeto de estudo desta pesquisa, examinando como esse sistema se manifesta no trabalho e no cotidiano na retaguarda da FEB nos hospitais de campanha em relação à atuação das enfermeiras. O poder simbólico possui a capacidade de construir uma determinada realidade para estabelecer sentido na malha social. A construção de símbolos é um importante instrumento de integração social em um grupo específico, pois constrói significados na reprodução coletiva da ordem social estabelecida.

As formas de comunicação atravessam relações de poder e dependem diretamente de um material simbólico entre os indivíduos inseridos em um ciclo social. É uma estrutura que traz legitimidade e imposição de ideias e discursos de uma classe sobre outra. Cria-se uma ideia

---

[7] CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 109.
[8] DIAS, M. O. L. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2º. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
[9] BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

sobre o lugar social a ser ocupado de acordo com os interesses existentes, sejam eles políticos ou sociais.[10] Todo esse sistema simbólico criado em torno de um determinado grupo social, como no caso das enfermeiras expedicionárias e de Maria Hilda Policarpo de Melo, reflete nas ações cotidianas desses indivíduos. Funciona, portanto, como instrumentos simbólicos de dominação, assim como na divisão social do trabalho em que as enfermeiras do serviço de saúde da FEB foram inseridas, onde há, sobretudo, uma categorização do espaço que resulta em efeitos de dominação, resistência e no exercício de micropoderes nesse contexto espacial.

A noção de *habitus* indica um acúmulo de conhecimento adquirido, é a forma como o indivíduo incorpora o conhecimento disposto em seu modo de agir, falar e postura. Por exemplo, no Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE), as modalidades que envolviam o aprendizado de disciplina militar e as atividades físicas visavam, em certa medida, padronizar o comportamento dessas enfermeiras, além de disciplinar o corpo feminino nesse espaço ocupado por elas. Portanto, será necessário identificar a forma de *habitus*, a maneira como, em momentos e lugares diferentes, determinadas realidades sociais foram construídas e pensadas, seguindo caminhos diferenciados. A forma de falar e agir obedece a esses padrões sociais, e o *habitus* serve como uma ponte entre o individual e o coletivo, ou seja, trata-se de um sistema de posições socialmente construído.[11]

Assim, será discutida, com base na análise teórica de Pierre Bourdieu[12], a eficácia simbólica da participação das enfermeiras no campo militar, contextualizando-a à luz dos conceitos de *habitus* e sistemas simbólicos. Além disso, será identificado o caráter heterogêneo presente nesse agrupamento feminino da FEB.

O discurso faz parte de um sistema de ordenamento, no qual a sociedade o produz, mas também está inserido em um sistema de controle e organização. Ou seja, no ato de articular e transmitir ideias no campo simbólico, seja por meio da escrita ou até mesmo das expressões corporais, há um sistema de interdição que estabelece o que pode ser dito e o que não pode ser dito. No campo político, isso se expressa em articulação com o poder, definindo, por exemplo, quem tem permissão para falar.[13]

A mobilização para a criação de um grupo de enfermeiras com o objetivo de fornecer suporte de saúde aos soldados brasileiros fez parte da política do Estado Novo. Esse discurso serviu como sustentação oficial do governo para mobilizar o maior número possível de

[10] BOURDIEU, 1998.
[11] BOURDIEU, 1998.
[12] BOURDIEU, 1998.
[13] FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

voluntários para a FEB, incentivando-os a se oferecerem para o *front* de batalha. Dessa forma, o Estado estabeleceu a finalidade e a existência desses indivíduos nessa delegação, hierarquizando e dividindo os espaços existentes.

A imprensa, expressando os interesses do Estado Novo, utilizava uma linguagem persuasiva, posicionando-se como uma força política a serviço do Estado e de seus interesses. A enfermeira voluntária era frequentemente retratada como uma mãe que se sacrificava em prol da nação, um discurso endossado pelos meios de comunicação da época. Ela era a representação de que os deveres com a pátria estavam acima de tudo, sendo simbolicamente retratada como a mãe daqueles que iam para a guerra em defesa do Brasil. No campo de batalha, ela era simbolizada como a mãe distante e preocupada.

Isso ocorreu com Hilda Policarpo em reportagens nos jornais da época, em que o termo "voluntária" foi usado de forma enfática para designar sua pessoa ao público leitor. Acreditamos que tanto sua imagem quanto a das outras enfermeiras da FEB tenham sido utilizadas como meio de mobilização e inspiração por meio da coordenação do discurso. Esse não é um discurso neutro, essas representações produzem práticas e estratégias para impor um ideal e legitimar escolhas dentro de uma concepção do mundo social.

De acordo com Carlo Ginzburg[14], assim como um detetive, o historiador parte de pressupostos na busca por pistas, sinais e indícios deixados pelas pessoas, construindo um passado que vai além do que é dito e do que é posto. Cada objeto de estudo possui suas próprias características que o diferenciam de outros objetos por suas peculiaridades. O comportamento e os gestos inconscientes demonstram traços de personalidade, revelando aspectos concretos e ocultos por meio de características pouco percebidas ou notáveis. Esse método de análise se baseia em resíduos, em dados considerados marginais, mas que são reveladores de aspectos importantes do objeto de estudo. Mesmo nas particularidades individuais, é possível estabelecer analogias entre diferentes elementos que coexistem, realizando reconstruções sob diferentes aspectos e realidades, e assim estabelecer uma narrativa coerente. Apesar da escassez de dados abundantes sobre a atuação da enfermeira piauiense no *front* italiano, o conhecimento histórico pode ser obtido de forma indireta, indiciária e conjectural.

Pretendemos, assim, analisar como se deu a participação das enfermeiras na FEB, em especial da enfermeira piauiense Maria Hilda Policarpo Melo, nas suas nuances estruturais e de perspectiva, a fim de entender seu voluntariado e desempenho no serviço de saúde da FEB. Que tipo de discurso afetou Maria Hilda Policarpo de Melo, provocando seu processo de

[14] GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário**.** In: GINZBURG, Carlo (org.). **Mitos, emblemas, sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-181.

voluntariado para atuar como enfermeira no *front* italiano? E de que maneira ocorreu sua participação na FEB?

A escassez de registros tanto escritos como orais da enfermeira piauiense nos levou a buscar intermediações e analogias com as fontes obtidas para esta pesquisa, a fim de rastrear sua passagem como enfermeira da FEB. Até onde se sabe, ela não deixou registros escritos narrando sua passagem nessa delegação e não há entrevistas orais dela em nenhum banco de dados disponível consultado. Trata-se de um trabalho de escavação das fontes no limite desse escavamento, pois, embora ela seja uma figura de destaque em algumas matérias jornalísticas da época em que participou, muita coisa se perdeu ao longo do tempo e pouco foi feito para mantê-la viva em nossa memória. No entanto, foi possível realizar uma pesquisa satisfatória em que ela aparece de forma direta e indireta ao longo do texto.

As mulheres brasileiras que participaram diretamente do conflito da Segunda Guerra Mundial foram em número irrisório em comparação com outros países. As poucas que estiveram junto aos soldados brasileiros, que foram combater na Europa ao lado dos Aliados, integraram a equipe de saúde da Força Aérea Brasileira (FAB)[15] e da Força Expedicionária Brasileira (FEB)[16]. Ao todo, foram 73 enfermeiras, sendo 67 na FEB e 6 na FAB. Essas enfermeiras brasileiras trabalharam em conjunto com as norte-americanas nas sessões hospitalares anexadas aos hospitais dos Estados Unidos da América (EUA).[17]

As enfermeiras que integraram a retaguarda da FEB foram mulheres de várias regiões do Brasil. O Exército aderiu ao voluntariado, conduzindo um corpo de enfermeiras bastante heterogêneo em relação à sua formação técnica e profissional. A enfermeira piauiense Maria Hilda Policarpo de Melo foi uma das enfermeiras voluntárias. Ela fez o seu Curso de Emergência de Enfermeira da Reserva do Exército (CEERE) em Fortaleza – CE, sendo a única

---

[15] A Segunda Guerra Mundial já acontecia na Europa quando o Presidente Getúlio Vargas sancionou, em 20 de janeiro de 1941, o decreto-lei nº 2.961, criando o Ministério da Aeronáutica. No entanto, ainda em seus primeiros passos - fundando escolas e aeródromos - a Força Aérea Brasileira (FAB) foi obrigada a ingressar em um teatro de operações extracontinental. Nele, a Aviação de Caça brasileira teve seu batismo de fogo – e papel fundamental no cumprimento de missões em solo italiano. A declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo, em 22 de agosto de 1942, determinou uma mobilização geral. Em 18 de dezembro de 1943, foi criado o Primeiro Grupo de Aviação de Caça (1º GAVCA) e, em 20 de julho de 1944, a Primeira Esquadrilha de Ligação e Observação (1a ELO) informações extraídas do sítio digital: https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/33818/. Acesso: 08 jul. 2023.

[16] A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB) foi uma força militar terrestre composta por 25.834 homens e mulheres, que durante a Segunda Guerra Mundial foi responsável pela participação do BRASIL ao lado dos Aliados na Campanha da ITÁLIA. informação extraída do sítio digital: https://www.adiexitalia.org/index.php/pt/forca-expedicionaria-brasileira-feb. Acesso: 08 jul. 2023.

[17] ROQUE, D. M. **A veterana:** perfil biográfico da 2º tenente Helena Ramos enfermeira da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2019.

enfermeira de sua turma e do Piauí a ir para o *front* italiano.[18]

As integrantes da FEB vieram dos cursos realizados no Rio de Janeiro capital, Salvador - Bahia, Fortaleza - Ceará, Belo Horizonte - Minas Gerais e Curitiba - Paraná. No entanto, mais da metade, mesmo sendo naturais de outros Estados, fizeram seus cursos no Rio de Janeiro. Esse processo admissional no Exército é resultado de uma intensa mobilização que possibilitou a criação de um grupo de enfermeiras para dar apoio nos serviços de saúde aos soldados que iriam atuar no campo de batalha durante a Segunda Guerra Mundial.[19]

Maria Hilda Policarpo de Melo é natural de Teresina, mas residiu na cidade de Picos boa parte de sua vida, atuando como professora primária. Posteriormente, ela trabalhou como escriturária no Tribunal de Apelação do Piauí em Teresina, antes de seguir para o *front* italiano. Nasceu em 1º de maio de 1920, filha de José Policarpo Ferreira e Regina Policarpo Ferreira. Ela foi a única piauiense a participar do serviço de saúde como enfermeira na FEB, tendo uma breve contribuição de dois meses atuando nos hospitais de campanha em Nápoles, Itália. É descrita como "o amuleto vivo da sorte" no livro biográfico de Altamira Valadares[20], pois pouco tempo depois de sua chegada em Nápoles, a paz foi restabelecida.[21]

Desta forma, a construção do cotidiano pelas margens é de grande importância ao buscar dar destaque à participação feminina como enfermeiras militares na esfera social citada. Os diários, documentos oficiais do Estado e as produções de memórias são essenciais para a construção dessa perspectiva, permitindo que o historiador chegue tão próximo às palavras das pessoas quanto um pesquisador da história oral com o seu gravador. Um exemplo disso é o livro *O queijo e os Vermes (1976)* de Carlo Ginzburg. Mesmo com uma documentação escassa, dispersa e obscura, é possível fazer um bom uso dela, atentando-se às questões de representatividade dos indivíduos.

Destarte, no capítulo 1 será feita, de forma introdutória, uma análise histórica sobre a participação feminina em cenários de conflitos armados, os papéis e atuações no ambiente de guerra e nas instituições militares. Além disso, será pertinente entender o processo que levou o Brasil a criar um serviço de saúde na FEB para atuar na Segunda Guerra Mundial no *front* italiano, permitindo, desta maneira, a atuação de enfermeiras na condição de militares no

---

[18] TENENTES enfermeiras da F.E.B comissionadas junto ao curso de saúde da 7. R. MILITAR. **Diário de Pernambuco**. Recife, ano, 120, n. 283, p. 3, 1 dez. 1944.

[19] OLIVEIRA, A. B; SANTOS, T. C. F. Entre ganhos e perdas simbólicas: A (des) mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial. **Escola Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 423-428, set. 2007.

[20] VALADARES, A. P. **Álbum Biográfico das Febianas**: pesquisa da II Guerra Mundial. Batatais: Mauro Familiar, 1976.

[21] OLIVEIRA, M. C. L. **A mulher brasileira vai a guerra**: a inserção de enfermeiras na retaguarda da Força Expedicionária Brasileira (1942-1945). Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.

Exército. Também se buscará compreender como se deu o processo de voluntariado das enfermeiras, em especial de Maria Hilda Policarpo de Melo, no serviço de saúde da FEB. Averiguando, ainda, de que maneira o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE) atuou na padronização de comportamento sobre os corpos das enfermeiras brasileiras e no uso dos uniformes militares, além da divulgação na mídia imprensa. Essas mulheres saíram da marginalidade que lhes foi imposta pela sociedade da época e partiram para atuar em funções auxiliares específicas, principalmente na área da saúde, a fim de suprir a necessidade e a demanda de força de trabalho no cenário de guerra, sendo submetidas a uma disciplina militar.

No capítulo 2 será problematizada a forma como ocorreu a divulgação e as representações do corpo de enfermeiras da FEB em matérias publicadas nos jornais A Noite (RJ), Diário da Noite (RJ) e Diário de Notícias (RJ), além da revista da Cruz Vermelha Brasileira (CVB), sob o regime do Estado Novo. Será abordada a ideia de "voluntário da pátria" que foi sendo constituída pela política nacional do Estado Novo, com ajuda da imprensa, na criação da imagem da enfermeira da FEB como mãe pátria, abnegada e caridosa no âmbito da sociedade civil.

No capítulo 3 será abordado o processo de formação que levou Maria Hilda Policarpo de Melo e as enfermeiras da FEB a embarcarem rumo ao *front* italiano. Além disso, serão analisados aspectos das práticas cotidianas dessas mulheres nos hospitais de campanha e nos acampamentos em seus momentos de recreação. Pretendemos, portanto, fazer uma reflexão sobre a memória enquanto suporte nos processos de identidade e como modalidade de representação social a partir das práticas cotidianas dessas mulheres na retaguarda da FEB nos hospitais de campanha. Além disso, analisaremos a memória e a construção de estruturas simbólicas produzidas pelos jornais periódicos, documentos oficiais e livros de memória sobre a participação de Hilda Policarpo na FEB enquanto enfermeira de guerra.

Portanto, esta pesquisa parte do pressuposto de que a pouca produção histórica e a falta de conservação de registros têm feito com que a memória sobre a atuação da enfermeira piauiense caia no esquecimento. É por meio dos jornais, da memória escrita e dos poucos registros encontrados na produção de memória de outras enfermeiras da FEB que pretendemos rememorar a trajetória dessa personagem ao longo desse fio narrativo. Como afirma Jacques Le Goff[22], são formas de garantir que as lembranças não sejam esquecidas.

[22] LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques (org.). **História e memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 366-420.

2 – CAPÍTULO 1 – MULHERES NA GUERRA, MULHERES EM GUERRA: A ATUAÇÃO DE ENFERMEIRAS NA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

2.1 “Se eu morrer, outras seguirão em meu lugar”: a mobilização e o voluntariado de Maria Hilda Policarpo de Melo a FEB

Apesar das contradições vivenciadas pelo Brasil durante o regime totalitário do Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial serviu como catalisador para fortalecer o sentimento de nação, moldado pela perspectiva estadonovista. A participação voluntária e a mobilização de indivíduos dispostos a integrar as fileiras do Exército só poderiam ocorrer mediante uma convergência de motivos. Isso foi impulsionado tanto pela indignação pública diante dos eventos externos, com a ameaça de um grande inimigo, quanto pelo sentimento de nacionalismo cultivado na população brasileira e adotado pela sociedade em diversas frentes de mobilização.

Dentre os meios utilizados pelo governo estadonovista para promover a mobilização social, destacavam-se os jornais. Além de sua função tradicional de divulgação de notícias e afins, esses veículos desempenharam um papel crucial ao colaborar, de certa maneira, na construção de um sentimento de nacionalidade cultivado desde a Guerra do Paraguai e buscando através de uma memória forjada do passado uma mobilização voluntária.[23]

Segundo Virgínia Carvalho (2009), os meios de comunicação no Brasil durante a Grande Guerra, incluindo a imprensa, o cinema e o rádio, eram amplamente influenciados por propagandas dos Estados Unidos. Essas propagandas abordavam diversos temas, desde o sacrifício dos soldados em tempos de guerra até o poderio militar norte-americano, além de retratar os hábitos e o estilo de vida americano. O objetivo por trás de tudo isso era neutralizar a influência alemã e italiana, identificando aqueles que pudessem ser simpatizantes e rotulando-os como inimigos da pátria. Desta forma, apesar da aparente neutralidade do Brasil no início da guerra, percebia-se uma crescente inclinação para a influência americana.[24]

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) desempenhava um papel crucial nas iniciativas do governo estadonovista, especialmente durante a guerra, ao promover

---

[23] ARAÚJO, J. S. **BRAVOS DO PIAUÍ! ORGULHAI-VOS. SOIS DOS MAIS BRAVOS BATALHÕES DO IMPÉRIO:** A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai 1865 -1866. 2009. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

[24] CARVALHO, V. M. G. **Ex-Combatentes Do Brasil –** Entre História e Memória (1945-2009**).** 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

mobilizações populares com foco tanto moral quanto material em favor do conflito. Houve uma valorização constante das Forças Armadas brasileiras por meio de todos os instrumentos propagandistas governamentais. [25]

O rádio sobressaía como o meio propagandista mais eficaz, ao relatar de maneira contínua a situação das tropas brasileiras no *front* italiano, chegando a uma audiência mais abrangente do que o jornal impresso, especialmente em uma população com índices de alfabetização relativamente baixos durante meados da década de 1940. Entretanto, a imprensa impressa manteve um considerável poder de mobilização, especialmente por meio de representações visuais com a divulgação de fotografias relacionadas à guerra, tanto nas áreas de combate quanto em outros contextos.[26]

No contexto do voluntariado das enfermeiras FEB, a mobilização foi conduzida tanto por meio dos jornais, na construção simbólica de uma enfermeira que personificasse a mãe-pátria, desempenhando um papel materno no campo de batalha no cuidado aos feridos, quanto pelas revistas de enfermagem, com destaque para a Revista da Cruz Vermelha Brasileira (RCVB). Esta última incentivava suas ex-alunas a se voluntariarem e simultaneamente promovia a abertura de novos cursos de formação em enfermagem, visando criar um contingente renovado de enfermeiras capacitadas para integrar os serviços de saúde do Exército.[27]

Conforme Anneth Cardoso Basílio e Maria do Amparo Borges Ferro (2012), o estabelecimento do ensino de enfermagem no Brasil teve origem na influência sanitária, mas sua verdadeira consolidação ocorreu durante os processos de modernização e industrialização. A partir da década de 1930, a abordagem da saúde passa por significativas transformações, e o Estado assume a responsabilidade de fomentar uma força de trabalho qualificada na área da enfermagem e saúde como um todo. Isso se reflete na iniciativa de abrir novas escolas de enfermagem, visando atender às demandas crescentes desse setor e que teve impulso ainda maior com a adesão do Brasil à guerra.[28]

A extensão dos poderes discricionários estatais por meio da mídia confere ao recrutamento voluntário uma influência marcante nos domínios econômico e social. Em outras

[25] CARVALHO, 2009.
[26] CARVALHO, 2009.
[27] ARAÚJO, 2009.
[28] BASÍLIO, A. C; FERRO, M. do A. B. Enfermeiras piauienses que contribuíram para a enfermagem brasileira: história e memória de experiências profissionais. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, *[S. l.]*, v. 2, n. 1, p. 68–85, 2012. Disponível em: https://www.revistasuninter.com/revistasaude/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/75. Acesso em: 12 feb. 2024.

palavras, o recrutamento se torna um elemento crucial na constituição de uma unidade e na facilitação de trocas de favores. A implementação de novos cursos de enfermagem não apenas possibilitou o treinamento de um contingente maior de mulheres capacitadas para a guerra, mas também propiciou a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho por meio de uma formação educacional e expansão de seus círculos sociais para além do ambiente privado e familiar.[29]

Na década de 1930 até meados da década de 1940, a imprensa e o governo trilhavam caminhos convergentes devido ao controle exercido pelo regime estadonovista por meio do DIP. Como resultado, a maioria esmagadora dos jornais divulgava e representava os interesses do Estado.

Dessa forma, os jornais desempenharam um papel crucial em colaboração com o governo na articulação do processo de arregimentação do voluntariado de contingentes para as fileiras do Exército e das enfermeiras para o Serviço de Saúde do Exército (SSE). Através dos jornais, o governo procurava forjar uma identidade nacional ancorada em um passado glorioso e na personificação de figuras representativas do passado[30], a fim de promover o voluntariado feminino para o papel de enfermeiras. Ao mesmo tempo, buscava conquistar a aceitação da sociedade civil em relação à participação de mulheres em um ambiente predominantemente masculino nas fileiras do Exército. [31]

O discurso mobilizador do Estado Novo, divulgado por meio da imprensa, destacava a necessidade da coesão de todos como um corpo único. Desta forma, os jornais desempenharam um papel crucial na formação dessa unidade, principalmente após a adesão do Brasil à Guerra. Construindo-se, assim, um discurso nacionalista e visando à formação de um exército brasileiro para combater o inimigo além do Atlântico.

Conforme esclarecido por Clarice Helena Santiago Lira (2008), na década de 1940 em Teresina, capital do Piauí, não havia uma estação de rádio convencional. Em seu lugar, eram utilizadas amplificadoras localizadas no centro da cidade, desempenhando um papel crucial como um dos meios de comunicação para disseminar notícias relacionadas à guerra e discursos propagandistas do governo à população teresinense.[32]

---

[29] MENDES, F. F. A Economia Moral Do Recrutamento Militar No Império Brasileiro. **Revista Brasileira De Ciências Sociais.** *[S. l.]*, v. 13, n. 38, p.1-17, out. 1998.

[30] Destaque especial para a enfermeira Ana Nery, que desempenhou um papel fundamental na Guerra do Paraguai. Naquela época, as enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira (FEB) eram nomeadas nos diversos jornais como o "exército glorioso de Ana Nery".

[31] ARAÚJO, 2009.

[32] LIRA, C. H. S. **O Piauí Em Tempos De Segunda Guerra:** Mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB. 2008. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

O Estado brasileiro, sob o regime ditatorial de Getúlio Vargas, passou a conduzir a opinião pública através de uma intensa propaganda, a fim de obter apoio popular à adesão do Brasil à guerra e à efetiva convocação de voluntários para servirem nas fileiras das Forças Armadas. O movimento de divulgação e propaganda através da imprensa se deu de maneira efusiva, também para o voluntariado de enfermeiras para o Serviço de Saúde da FEB, principalmente com a formação profissional de novas enfermeiras e aberturas de cursos de enfermagem, além da ressignificação da presença da mulher na guerra a partir de um papel materno.[33]

Os jornais frequentemente noticiavam o engajamento voluntário e a participação ativa das mulheres como enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira (FEB). Além de dar destaque as mulheres que se dispuseram ao voluntariado. Como é o caso de Maria Hilda Policarpo de Melo, que, à época, concedeu entrevistas amplamente divulgadas nos jornais dos Estados em que esteve de passagem para o *front* italiano: Ceará, Pernambuco e Rio de Janeiro. Essas entrevistas destacavam a significativa adesão da única representante piauiense que se voluntariou para servir no *front* italiano. Nesse contexto, os jornais evidenciavam um comprometimento notório com a promoção da causa da guerra por meio de sua cobertura jornalística.

Evidenciava-se o imenso sacrifício que essas mulheres estavam dispostas a enfrentar ao abandonar seus lares para se envolver em um conflito distante, atuando na retaguarda do Exército. Ao mesmo tempo, transmitia-se a ideia de que elas encaravam essa missão como um dever a ser cumprido, desempenhando um papel maternal no campo de batalha, a mãe-pátria. Neste contexto, a função do jornal era difundir a concepção de solidariedade em torno de uma causa que envolveria todos os brasileiros em diferentes frentes de atuação.[34]

Na convocação de voluntárias para integrar o corpo de saúde da FEB, os jornais desempenharam um papel crucial ao iniciar campanhas de divulgação. Essas campanhas buscavam mobilizar o contingente por meio de estratégias propagandísticas e discursos nacionalistas, com o objetivo de envolver ativamente a sociedade na participação do esforço de guerra. Maria Hilda Policarpo de Melo destacou-se nesse contexto, sendo mencionada em pelo menos dois jornais distintos como a pioneira voluntária do Piauí. Sua figura foi enaltecida e apresentada como exemplo inspirador para outras mulheres que ainda não haviam se engajado, incentivando, assim, a adesão feminina à causa.

---

[33] ARAÚJO, 2009.
[34] ARAÚJO, 2009.

No Diário Oficial do Piauí, foi veiculada uma reportagem originária do jornal "Diários e Rádios Associados" do Ceará, sob a autoria do jornalista Arthur Eduardo Benevides. O título da matéria destaca uma declaração marcante de Maria Hilda Policarpo de Melo para a reportagem: "Se eu morrer, outras seguirão em meu lugar"[35]. Esta frase, proferida por ela, não apenas ressalta a coragem, o comprometimento e o sacrifício que permearam a atuação das enfermeiras da FEB em meio a condições extremamente desafiadoras no campo de batalha, mas também se insere no contexto propagandista do governo estadonovista.

Vejamos o trecho completo que se insere essa frase dita por Maria Hilda:

> Do Rio, seguirei por onde me mandarem. Talvez vá para a Itália encontrar os meus companheiros da Força Expedicionária. Levo nos olhos e no coração um grandioso e imortal amor pelo Brasil. E, se eu morrer outras enfermeiras seguirão no meu lugar, saberão lutar decididamente pela glória da pátria e pela felicidade do mundo.[36]

No geral, o trecho transmite uma mensagem de comprometimento, idealismo e sacrifício em nome do país e de valores mais amplos. O governo estadonovista, liderado por Getúlio Vargas no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, utilizava o discurso que destacava o sacrifício como um dos elementos essenciais para demonstrar o nacionalismo. A expressão de Maria Hilda reflete a consciência de que sua missão era vital, envolvendo o risco pessoal em prol do cumprimento de um dever cívico. Ela reconhece que, mesmo não sendo a pessoa a cumprir esse papel, outras estariam prontas para assumir essa responsabilidade.

Essa atitude não apenas evidencia a bravura individual, mas também ressalta a solidariedade e o senso de dever para com seus colegas de equipe e compatriotas. No contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, as enfermeiras da FEB desempenharam um papel muitas vezes subestimado, porém fundamental. A dedicação e coragem dessas mulheres são elementos cruciais para compreender a valiosa contribuição brasileira para o esforço de guerra, enfatizando, ao mesmo tempo, a importância das mulheres nas áreas de saúde militar.

Maria Hilda foi notavelmente destacada na reportagem cearense como a pioneira enfermeira do Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE), sediado na capital, Fortaleza, e que se preparava para embarcar rumo ao *front* italiano. Durante sua passagem pela cidade, ela atraiu a curiosidade da população ao circular exibindo o uniforme de passeio militar da FEB. Essa situação foi marcante, uma vez que representou a primeira vez em que mulheres foram oficialmente integradas às fileiras do Exército, despertando um interesse notável por parte da comunidade local.

---

[35] DIÁRIO OFICIAL DO PIAUÍ. Teresina, 19 de dezembro de 1944, p.2. Reportagem originalmente publicada no jornal "Diários e Rádios Associados" do Ceará, sob a autoria do jornalista Arthur Eduardo Benevides.
[36] Ibid.

> Tendo no Braço esquerdo da sugestiva túnica, a cruz vermelha e o dístico "Brasil", a valorosa senhorita foi alvo da admiração do povo que não se cansou de lhe dizer palavras de estímulo e encorajamento e, bem assim, aplaudir a sua notável ação patriótica, apresentando-se para servir nos campos de batalha da Europa, quando mais a pátria necessita da cooperação decidida e franca de todos os seus filhos afim de exterminar as hordas nazistas [...] A intrépida filha do Brasil que vai partir, dentre breves dias, para a Itália, a fim de formar ao lado dos denodados rapazes da FEB Chama-se Maria Hilda de Melo e é filha do Sr. José Policarpo de Sousa, funcionário da Recebedoria de Teresina, e de sua saudosa esposa dona Regina Policarpo. [37]

A imagem simbólica da enfermeira, ostentando a cruz vermelha e o dístico "Brasil" em sua túnica, evoca uma poderosa representação de patriotismo. Ao incorporar esses símbolos, Maria Hilda não apenas se destaca, mas também adquire uma forma distinta de reconhecimento e prestígio dentro da sociedade da época. Este trecho da reportagem visa ressaltar a admiração que a população nutre por Maria Hilda, utilizando termos como "valorosa senhorita" e "intrépida filha do Brasil". Essas expressões não só realçam sua coragem, mas também indicam a percepção positiva da comunidade em relação ao seu comprometimento com a causa ou pelo menos era essa a ideia que o jornal queria passar, pois não era unânime a aceitação da sociedade civil quanto a presença feminina no Exército.

Neste contexto, a reportagem busca não apenas celebrar a trajetória individual de Maria Hilda, mas também convocar outros a seguirem seu exemplo, a contribuírem no combate além do Atlântico contra as forças inimigas. A narrativa assume um papel mobilizador ao destacar não apenas a bravura individual, mas também a importância de cada cidadão desempenhar seu papel na defesa da pátria.

A introdução do conceito de *habitus*, proposto por Bourdieu, acrescenta outra camada à análise. Ao oferecer-se para o serviço nos campos de batalha, Maria Hilda demonstra um *habitus* fortemente influenciado por valores patrióticos e uma compreensão profunda do dever cívico. Isso não apenas molda sua própria perspectiva e ação, mas também reflete a internalização desses valores ao longo de sua vida social.[38]

Além disso, o jornal, enquanto instituição, desempenha um papel crucial no campo de produção jornalística. Ao construir a narrativa em torno da participação de Maria Hilda, o jornal contribui para a legitimação e disseminação dos símbolos e valores associados à participação na FEB. A mídia, assim, não apenas relata os eventos, mas também participa ativamente na

[37] DIÁRIO OFICIAL DO PIAUÍ. Teresina, 19 de dezembro de 1944, p.2. Reportagem originalmente publicada no jornal "Diários e Rádios Associados" do Ceará, sob a autoria do jornalista Arthur Eduardo Benevides.
[38] BOURDIEU, 1998.

construção e reforço de significados culturais e simbólicos relacionados ao engajamento patriótico durante a guerra.[39]

Houve uma significativa mobilização da população, exigindo uma resposta do governo diante das agressões nazistas. Apesar da aparente contradição, as ações do governo Vargas, impulsionadas pela eficácia da máquina de propaganda oficial, o DIP, conseguiram conciliar o aparentemente inconciliável: a manutenção da ditadura varguista no âmbito interno, ao mesmo tempo em que combatia o nazifascismo no cenário externo. O DIP concentrava esforços na manipulação dos sentimentos de comoção e indignação da sociedade. No entanto, essas contradições culminaram em um golpe militar que encerrou o regime ditatorial de Getúlio Vargas após o fim da guerra e o retorno do contingente da FEB.[40]

A propaganda e a censura desempenhavam papéis fundamentais no governo do Estado Novo, sendo empregadas como ferramentas essenciais para preservar a coesão ideológica da nação, divulgar as iniciativas governamentais e regular a opinião pública por meio dos meios de comunicação.[41]

> Maria Hilda de Melo ofereceu-se a pátria desde 1940, desejosa de servir ao lado dos soldados das Nações Unidas, na sua luta contra os agentes da opressão, destruidores dos mais sagrados patrimônios espirituais do mundo [...] a valorosa moça escreveu ao Ministro da Guerra e ao Presidente Getúlio Vargas dizendo da sua excelente disposição de lutar pela Nação e de prestar assistência direta aos bravos soldados que caíssem feridos no campo de luta [...][42]

O discurso legitimador veiculado pelo jornal exerce uma influência significativa na formação da percepção da sociedade acerca da relevância de valores como patriotismo e engajamento militar. O trecho apresenta Maria Hilda em um papel destacado, retratando-a como uma figura heroica e "valorosa moça" ansiosa por confrontar agentes da opressão e preservar os patrimônios espirituais. Este enquadramento não apenas orienta a interpretação de quem ler, mas também tece uma narrativa que sublinha a coragem e o comprometimento patriótico da personagem.

A maneira como Maria Hilda é apresentada desempenha um papel crucial na construção de sua identidade como uma figura altruísta e destemida. Essa construção identitária não se limita a ressaltar apenas sua singularidade, mas desempenha um papel mais amplo ao fortalecer valores culturais e sociais associados ao patriotismo e ao serviço à Nação. Ao moldar Maria

---

[39] PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: ANNABLUME, 2001.
[40] RIBEIRO, P. S. EM LUTO E LUTA: construindo a memória da FEB Patrícia da Silva Ribeiro. 2013. Tese (Doutorado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2013.
[41] PEDROSO, 2001.
[42] DIÁRIO OFICIAL DO PIAUÍ. Teresina, 19 de dezembro de 1944, p.2. Reportagem originalmente publicada no jornal "Diários e Rádios Associados" do Ceará, sob a autoria do jornalista Arthur Eduardo Benevides.

Hilda como um exemplo de abnegação e coragem, o jornal busca não apenas informar, mas também reforçar e perpetuar normas culturais que enaltecem tais virtudes em prol do coletivo.[43]

Essa retórica contribui para a criação de uma narrativa que legitima a ação militar, fortalecendo concepções de heroísmo e abnegação, além de sugerir uma justificativa moral para a intervenção militar.

Maria Hilda buscou ativamente sua inserção no campo militar, apresentando-se como alguém comprometida em servir à pátria. Seu oferecimento para se juntar aos soldados das Nações Unidas reflete uma adesão aos valores propagados por esse campo, os quais são veiculados pelo discurso midiático e internalizados por ela. Paralelamente, a reportagem busca reforçar um apelo patriótico e nacionalista ao utilizar Maria Hilda como exemplo. Ela se posiciona como alguém disposta a sacrificar-se pelo bem maior, buscando não apenas reconhecimento, mas também legitimidade dentro desse campo específico.

Apesar de muitos admirarem o engajamento voluntário das mulheres nos serviços de saúde do exército, essa atitude não era unanimamente aceita. Existia uma significativa resistência e a percepção de que tais voluntariados eram motivados por interesses pessoais.

As biografias e memórias de ex-enfermeiras da FEB, como Elsa Cansanção e Altamira Valadares, assim como os relatos de Berta Morais, revelam obstáculos enfrentados, incluindo resistência por parte de suas próprias famílias. Darcy Vargas, esposa do presidente Vargas, também foi citada, pois insinuava que participar da guerra não condizia com o comportamento esperado de uma mulher de boa reputação. Essas críticas não encontraram espaço nas páginas censuradas dos jornais, mas foram registradas por essas mulheres em suas memórias posteriormente.

2.2 A formação de um *habitus* militar: o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército

O pesquisador Raymond Caire, em seu livro “A Mulher Militar”, investiga a presença feminina em conflitos ao longo de distintas épocas e culturas, com ênfase na França. Em sociedades celtas e germânicas, mulheres e crianças participavam ativamente da guerra, destacando-se as celtas na esfera pública e as germânicas como figuras divinas, cujas opiniões eram reverenciadas. Essa tradição foi absorvida pela França, contudo, durante o Antigo Regime, a percepção das mulheres no Exército foi reinterpretada, suscitando questionamentos sobre sua

[43] BOURDIEU, 1998.

honra influenciados por crenças gregas, romanas, francas e cristãs. Nas milícias gregas, muitas mulheres desempenhavam o papel de cantineiras, enquanto no exército romano, vivandeiras e prostitutas frequentemente acompanhavam as tropas em contextos de guerra.[44]

Com a influência do Renascimento do Direito Romano e da época medieval, a participação feminina na guerra foi desencorajada, especialmente pela influência da Igreja Católica, que considerava o corpo feminino impuro. Mulheres que acompanhavam os exércitos eram frequentemente rotuladas como prostitutas, apesar de desempenharem papéis essenciais como esposas, enfermeiras ou mercadoras, sem se envolverem diretamente em combates. Durante a Revolução Francesa, não houve a presença de enfermeiras no Exército, apenas homens. Progressivamente, algumas funções formais foram concedidas a elas, como cantineiras, vivandeiras e lavadeiras no Exército francês, conferindo-lhes distintivos e certos direitos. Elas acompanhavam o Exército francês em campanhas, como em Austerlitz, e muitas perderam a vida nas gélidas condições da Rússia. No século XIX, houve uma transição das funções de cantineiras para enfermeiras, principalmente com o surgimento da Cruz Vermelha.[45]

O sociólogo Morris Janowitz[46] traz a ideia de que o ambiente militar em si pode ser entendido como um sistema social no qual as características profissionais dos oficiais, suas habilidades e normas passam por mudanças ao longo do tempo. Ou seja, é mutável e fluída apesar de aparentar ser conservadora e engessada. Isso é perceptível quando há o empenho pra introduzir mulheres nas forças armadas, as colocando dentro desse sistema militar e adequando esse sistema de acordo com as necessidades imediatas.

Apesar da introdução da mulher na hierarquia militar e no âmbito militar, as instituições das forças armadas em si são altamente masculinizadas. Em tempos de guerra, como na Segunda Guerra Mundial, houve uma ruptura momentânea que propiciou a entrada de mulheres nessas instituições mesmo que em papéis considerados secundários e condizentes com o "papel de mulher". No entanto, não há uma igualdade de oportunidades e de crescimento profissional para as mulheres numa mesma proporção que se tem para os homens. Para que as mulheres pudessem permanecer e expandir seus espaços de atuação foi preciso muita luta pessoal e em grupos a fim de superar restrições de gênero.[47]

---

[44] CAIRE, Raymond**. A mulher militar.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.
[45] CAIRE, 2002.
[46] JANOWITZ, Morris**. O Soldado Profissional**: um estudo social e político. Rio de Janeiro: Ed. GRD, 1967.
[47] SCHWETHER, Natália Diniz. **Agora é que são elas**: desvendando o processo de incorporação das mulheres nas Forças Armadas de Brasil e Argentina. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Nas forças armadas, especialmente no Exército, existe uma estrutura patriarcal na qual os homens ocupam predominantemente cargos de liderança. Nessa dinâmica de subordinação entre homens e mulheres, há uma tendência para que o grupo minoritário se adapte aos valores do dominante. Em outras palavras, espera-se que as mulheres se ajustem às regras, à hierarquia e aos princípios estabelecidos, muitas vezes modificando seus próprios valores.

Características como força, racionalidade e autonomia são tradicionalmente associadas aos homens, enquanto nas mulheres essas qualidades não são amplamente reconhecidas. O homem é frequentemente retratado como um sujeito ativo, possuidor dessas características, enquanto as mulheres são vistas como sujeitos passivos nesse contexto.

Ao longo da história das instituições militares, as mulheres sempre estiveram presentes, embora de maneira não oficial. No entanto, suas atuações eram majoritariamente limitadas ao âmbito doméstico e a atividades consideradas tradicionalmente associadas ao gênero, desempenhando, assim, um papel de apoio dentro da estrutura hierárquica militar.[48]

No seguinte quadro, apresenta-se a distribuição das atividades correspondentes ao Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE), que as enfermeiras da FEB precisaram realizar para se adequar aos padrões normativos da instituição militar.

Tabela 1 – Quadro de atividades semanais no "Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército

DESCRIMINAÇÃO	TOTAL DE HORAS	SESSÕES DE ESTUDO POR SEMANA					
		1º	2º	3º	4º	5º	6º
Prática hospitalar de enfermagem	144	24	24	24	24	24	24
Educação Física (sessões de 30 minutos)	9	1 ½	1 ½	1 ½	1 ½	1 ½	1 ½
Ordem Unida (sessões de 30 minutos)	9	1 ½	1 ½	1 ½	1 ½	1 ½	1 ½
Serviço de Saúde em Campanha	6	1	1	1	1	1	1
Hierarquia Militar, disciplina, sinais de respeito, regulamentos militares	11	1	2	2	2	2	2
Cirurgia de Guerra	4	—	—	1	1	1	1
Higiene e profilaxia	3	—	—	—	1	1	1
Total	186	29	30	31	32	32	32

[48] SCHWETHER, 2016.

Fonte. BRASIL. Portaria n.º 5855, de 4 de janeiro de 1944. Dispõe sobre o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército do Ministério da Guerra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, v. 83, n. 2, p. 97. 4 jan. 1944. Seção 1.

O Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE) compreendia três etapas distintas: a parte teórica, o treinamento físico e a instrução militar. Esse preparo do corpo e mente das enfermeiras tinha como propósito instilar o *habitus militar*[49], ou seja, criar uma padronização comportamental para este grupo feminino em contextos de guerra, assegurando a eficiência no desempenho de suas funções. Isso visava garantir uniformidade nas atividades e na integração no ambiente militar.

Habitus, enquanto conceito desenvolvido por Bourdieu, está relacionado a um conjunto de disposições internalizadas que moldam as maneiras como os indivíduos percebem o mundo e agem nele. São comportamentos, valores, gostos, habilidades, entre outros elementos, que são adquiridos e incorporados pelo indivíduo ao longo da vida, principalmente por meio da socialização e da interação com o meio social. As enfermeiras da FEB, ao adentrarem em um ambiente militar e hierarquizado, tiveram que incorporar uma série de habilidades e comportamentos típicos daquele meio a fim de se adequarem ao ambiente e pertencerem àquele espaço. A incorporação do *habitus militar* influencia as ações dos indivíduos muitas vezes de forma inconsciente, sem que estes estejam completamente conscientes disso. Tem, por sua vez, a capacidade de influenciar as ações cotidianas em seu meio social e nas experiências individuais.[50]

Assim sendo, o *habitus* pode ser um conhecimento adquirido de forma consciente ou explícita. É um conjunto de predisposições, habilidades e percepções internalizadas que são adquiridas ao longo da vida por meio da socialização e da experiência dentro de um determinado contexto social, como no caso das enfermeiras no Curso de Emergências de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE). A incorporação do *habitus militar,* por exemplo, pode ser considerada um tipo de "capital" que o indivíduo adquire. Isso significa que as disposições e habilidades que o sujeito adquire ao longo do tempo, especialmente em um ambiente social específico, como no caso do Exército, podem ser consideradas como um recurso valioso que influencia suas interações e oportunidades dentro desse ambiente social.

A incorporação do *habitus militar* está para além de conhecimentos ou habilidades mentais, mas também algo que é incorporado no próprio corpo e nas maneiras de agir e reagir

[49] BOURDIEU, 1998.
[50] BOURDIEU, 1998.

do indivíduo no ambiente. É tão arraigado que se torna uma postura, uma disposição física e mental que orienta as ações e percepções do indivíduo naquele meio.

A posição de uma pessoa na sociedade pode ser entendida através de sua colocação nos diferentes "campos" sociais, seja no ambiente civil ou militar, onde diferentes tipos de poder operam. Para as enfermeiras adentrarem e permanecerem no ambiente militar, era preciso possuir ou adquirir capital social, ou seja, ter uma boa rede de relacionamentos e conexões sociais naquele meio; capital cultural, ou seja, ter educação, habilidades e conhecimentos necessários na área hospitalar a nível formal e prático; e capital simbólico, ou seja, reputação e boa fama perante a sociedade civil. Todos esses aspectos são essenciais na compreensão da estrutura social e das oportunidades disponíveis para essas mulheres na sociedade na década de 1940.[51]

No contexto da prática hospitalar em enfermagem, foi estipulado que as enfermeiras deveriam dedicar quatro horas diárias ao trabalho, preferencialmente em hospitais militares ou, em caso de necessidade, em hospitais civis que prestassem serviços públicos. O estágio priorizava uma abordagem prática, com foco significativo no serviço cirúrgico oferecido pelos hospitais. Esse direcionamento visava alinhar a prática hospitalar com as atividades que as enfermeiras de guerra desempenhariam no *front* italiano. Adicionalmente, havia uma disciplina específica dedicada à Cirurgia de Guerra, Higiene e Profilaxia, voltada exclusivamente para as ações de enfermagem exigidas nos hospitais de campanha.[52]

Como foi a primeira vez que o Exército admitiu a entrada de mulheres na retaguarda, surgiram desafios sobre quais exercícios físicos seriam adequados para o corpo feminino. Inicialmente, foi estabelecida uma prática de educação física com duração de 30 minutos, envolvendo ginástica rítmica e jogos de simulação e treinamento, como marcha rastejante, luta com bastão no estilo do pagode chinês, falsa baiana e a travessia de um pórtico de 5 metros. Essas atividades, nos primeiros grupos do Curso de Emergência de Enfermeiras do Exército (CEERE), resultaram em vários acidentes devido à periculosidade dos exercícios, levando a adaptações ou modificações nas turmas subsequentes. Era requisito que todas as enfermeiras do CEERE participassem das atividades físicas, dado o tipo de tarefa exigida na retaguarda dos hospitais de campanha, que demandava um bom condicionamento físico.[53]

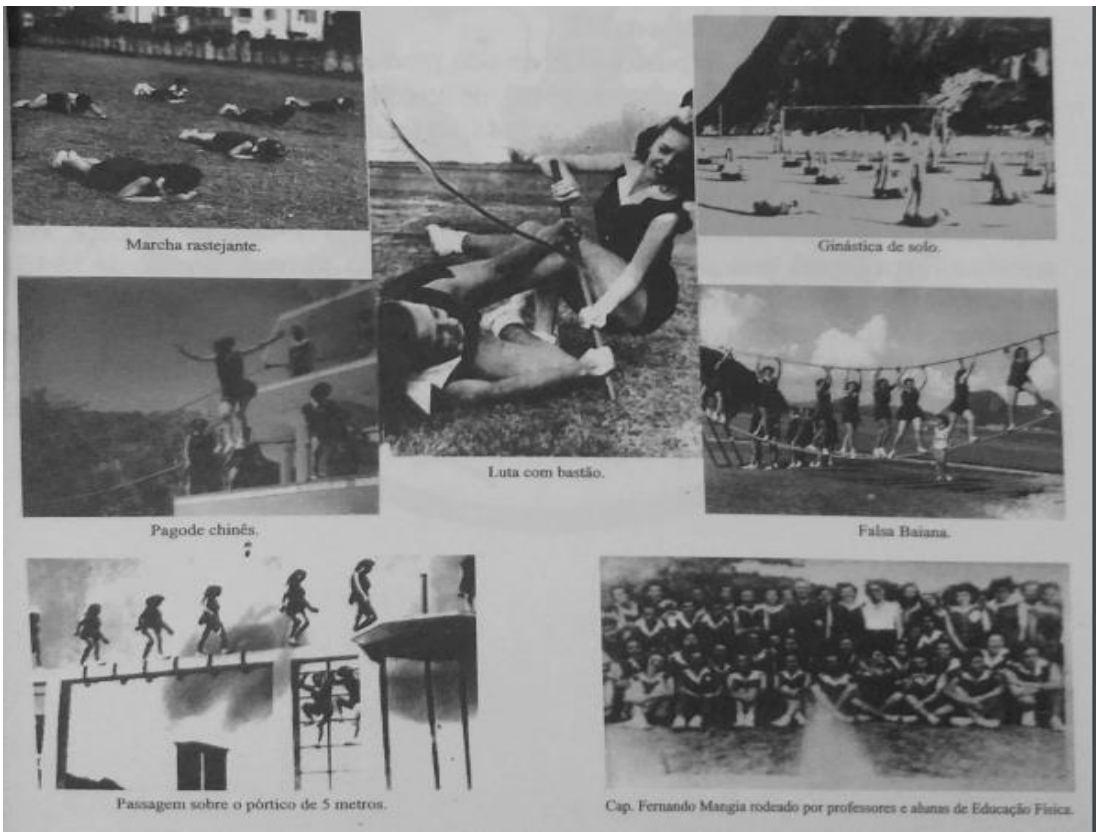
---

[51] BOURDIEU, 1998.

[52] BRASIL. Portaria n.º 5855, de 4 de janeiro de 1944. Dispõe sobre o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército do Ministério da Guerra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, v. 83, n. 2, p. 98. 4 jan. 1944. Seção 1.

[53] BRASIL. Portaria n.º 5855, de 4 de janeiro de 1944. Dispõe sobre o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército do Ministério da Guerra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, v. 83, n. 2, p. 98. 4 jan. 1944. Seção 1.

Figura 2 – Alguns dos exercícios físicos realizados no "CURSO DE EMERGÊNCIA DE ENFERMEIRAS DA RESERVA DO EXÉRCITO".



Fonte: CANSANÇÃO, 2003.

O CEERE tinha como meta integrar o *habitus* militar nessas enfermeiras, para isso, foram designadas duas disciplinas específicas: Ordem Unida e Hierarquia Militar. A Ordem Unida buscava disciplinar o corpo por meio de movimentos rígidos característicos das formações militares, como manter a postura ereta e corrigir a posição do corpo. Já a Hierarquia Militar visava disciplinar a mente por meio de aulas teórico-práticas sobre a estrutura hierárquica, disciplina, sinais de respeito e regulamentos militares, incluindo os regulamentos das contingências e disciplinares do Exército. O objetivo era familiarizá-las com o espectro da vida militar e prepará-las para suas funções na retaguarda da FEB.[54]

As atividades de treinamento físico e militar se complementavam no contexto específico de preparação para situações críticas hospitalares em ambiente de guerra. As condutas de treinamento tinham como finalidade domesticar e construir no indivíduo o sentimento de pertencimento a um *locus* social, padronizando comportamentos, linguagem, pensamento e

[54] BRASIL. Portaria n.º 5855, de 4 de janeiro de 1944. Dispõe sobre o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército do Ministério da Guerra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, v. 83, n. 2, p. 98. 4 jan. 1944. Seção 1.

postura, estabelecendo uma disciplina tanto mental quanto física que os situava dentro de uma ordem hierárquica.

Em 13 de dezembro de 1943 foi publicado no Diário Oficial da União o decreto lei nº 6.097 que criava o quadro pioneiro de enfermeiras na reserva do Exército.

> O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, decreta:
> Art. 1º Fica criado no Serviço de Saúde do Exército o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército.
> Art. 2º O presente decreto-lei entra em vigor na data de sua publicação.
> Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1943, 122." da Independência e 55° da República.
> GETÚLIO VARGAS,
> Eurico G. Dutra.[55]

Junto com a promulgação desse decreto-lei, foi publicado no Diário Oficial da União o regulamento para o quadro de enfermeiras da reserva do Exército. Para ingressar na reserva do exército, as enfermeiras precisavam ter concluído o CEERE, sob responsabilidade do Ministério da Guerra, então sob o comando do ministro Eurico Gaspar Dutra. Esse ministério deveria regular e organizar o curso de acordo com as orientações fornecidas pelo Diretor de Saúde do Exército. Em suma, uma série de procedimentos foi estabelecida para regular de maneira eficaz o funcionamento do CEERE, marcando a primeira vez que um quadro regulamentar foi criado para mulheres, devido à necessidade imediata para o esforço de guerra.

Inicialmente, as exigências para a matrícula no CEERE incluíam requisitos como ser brasileira nata, solteira ou viúva sem filhos, ter idade entre 20 e 40 anos, possuir diploma profissional de enfermagem, curso de Samaritana ou de Voluntária Socorrista, apresentar idoneidade moral, comprometer-se por escrito a prestar serviço militar em qualquer unidade de saúde do exército, nacional ou internacional, e demonstrar aptidão física.[56]

Durante o curso, as enfermeiras passaram por uma extensa série de instruções militares e práticas intensivas em ambiente de guerra. Além disso, foram submetidas a treinamento físico para desenvolver agilidade e eficiência no manejo dos pacientes vindos da linha de frente para os hospitais de campanha.

As mulheres que integraram oficialmente as forças armadas, seja como auxiliares ou na linha de frente, tiveram seus corpos femininos sujeitos a uma intensa militarização, submetidos a uma série de normas e padrões altamente disciplinadores. Isso visava manter uma conduta

---

[55] BRASIL. Decreto n.º 6.907, de 13 de dezembro de 1943. Dispõe sobre a criação do quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército do Ministério da Guerra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, 13 dez. 1943. Seção 1.

[56] BRASIL. Decreto n.º 14.257, de 13 de dezembro de 1943. Dispõe sobre a aprovação do regulamento do quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército do Ministério da Guerra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, 13 dez. 1943. Seção 1.

moral estritamente definida para o gênero feminino. Houve uma disciplinarização do corpo feminino, regulamentada por leis e decretos, com normas rígidas que, em determinados momentos, flexibilizaram-se devido à urgência do conflito. Por exemplo, inicialmente, apenas mulheres solteiras podiam se voluntariar. Contudo, novas legislações revogaram essa restrição e passaram a permitir a entrada de mulheres casadas mediante autorização do marido.[57]

Os jornais de todo o Brasil, especialmente os do Rio de Janeiro, frequentemente noticiavam o CEERE e publicavam fotografias das enfermeiras executando as atividades de aptidão física no centro de treinamento do colégio militar. Grande parte dos cursos do CEERE aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, e a maioria das integrantes da FEB que seguiram para o *front* italiano também realizou o curso no Rio de Janeiro.

Figura 3 – Ansiosos pela hora da luta!



Fonte: A Noite, 1944.

Figura 4 – Destreza, coragem e iniciativa própria.



Fonte: A Noite, 1944.

[57] PASSOS, C. C. **Relações de gênero na caserna**: significado dos sujeitos militares no Exército Brasileiro. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

Ao término do CEERE, era exigido que as enfermeiras realizassem uma prova final, exibindo uma série de atividades físicas diante de um amplo público. Esse espectro de espectadores incluía familiares das enfermeiras, generais e comandantes do Exército, professores, além da presença da imprensa. No centro de treinamento, os exercícios físicos das enfermeiras englobavam simulações de resgate, cenários de ataques em ambiente de guerra, manobras de cunho militar, técnicas de defesa pessoal e prática de natação.

> A hora marcada, sob salva de palmas da assistência, apareceram em marcha, executando várias manobras militares, no campo de sports, todas as enfermeiras, que participariam das provas. Acompanhava-as e dirigia-as a instrutora, professora Iris Rodrigues Melo, da Escola de Educação Física. Estava presente também a campeã Maria Lenk, professora de natação das enfermeiras. Depois de várias marchas e manobras de caráter militar, teve lugar um ataque de guerra simulado, em que um grupo atacava outro, entrincheirado, devendo este defender-se com granadas de mão. A luta foi renhida, terminando pela vitória do grupo que defendia. Seguiram-se outras provas, constantes da defesa pessoal e natação.[58]

Essa exibição pública tinha o propósito de destacar a preparação das enfermeiras de guerra que seriam enviadas ao *front* italiano, além de comprovar a eficácia do treinamento do contingente brasileiro. Refinar minuciosamente a estrutura corporal é essencial para realçar eficiência almejada. Ou seja, para triunfar em um conflito (como no caso da Segunda Guerra Mundial), foi preciso criar uma máquina adaptável, refinando seus mecanismos por meio de um exercício diligente. Delineando técnicas meticulosas para moldar corpos disciplinados, visando aprimorar suas capacidades, utilidades e competências. [59]

Os soldados e enfermeiras que ingressaram nas instituições militares durante a Segunda Guerra Mundial passaram a ser reconhecidos como indivíduos disciplinados, refletindo em sua postura, conduta e habilidades a eficácia do treinamento rigoroso ao qual foram submetidos. Entretanto, sob a disciplina severa das instituições militares, como o Exército, o corpo feminino é moldado não apenas pela sua biologia, mas também pelos padrões sociais, demonstrando características como discrição, timidez e delicadeza.

O convívio diário e contínuo entre os colegas e os superiores hierárquicos no CEERE promove a formação da identidade militar do indivíduo. Essa ação cotidiana tem como objetivo modificar o *habitus* civil para o exercício e incorporação do *habitus* militar. Isso envolve a assimilação de símbolos que adquirem significados específicos, a adaptação do corpo e do comportamento por meio de saudações rígidas e repetidas, treinamento físico e adoção de terminologias militares. [60]

---

[58] ANSIOSOS pela hora da luta! *A Noite*. Rio de Janeiro, ano 34, n. 11.650, p. 1-2, 19 jul. 1944.
[59] PASSOS, 2013.
[60] BOURDIEU, 1998.

A hierarquia é um dos pilares fundamentais que orientam as relações sociais no contexto militar. Os princípios hierárquicos se manifestam através de saudações, demonstrações de respeito, obediência a ordens e outros comportamentos. Dessa forma, existe uma clara relação hierárquica entre os subordinados e os superiores.

O ingresso das mulheres no Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército (QERE) se deu por meio da designação para a categoria de enfermeira 3º classe, uma posição hierárquica criada especificamente para acolhê-las. Na primeira regulamentação do QERE, estava explicitamente delineada a possibilidade de progressão na carreira a enfermeira 1º classe e 2º classe. Mais tarde, as primeiras enfermeiras que chegaram à Itália enfrentaram conflitos de hierarquia militar com as enfermeiras norte-americanas, o que resultou em suas nomeações como 2º tenente, apesar do soldo inferior à nova categoria.[61]

Durante a Segunda Guerra Mundial, no *front* italiano onde a Força Expedicionária Brasileira atuou, foi evidente a divisão de funções entre homens e mulheres. Enquanto as mulheres desempenhavam papéis essenciais na retaguarda, focadas em trabalhos hospitalares e de apoio suplementar, os homens estavam no *front* de batalha, assumindo o papel de "guerreiro" e "herói". Nessa divisão, persistiam visões arraigadas sobre a suposta fragilidade física feminina, baseadas em razões biológicas, e essas concepções eram os principais obstáculos enfrentados pelas mulheres dentro dessa instituição

Durante a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, as mulheres conseguiram, em menor medida, superar essas restrições de gênero devido à urgência que o conflito impunha. Muitas delas atuaram como atiradoras na linha de frente, pilotos de avião, motoristas e enfermeiras. No exército soviético, durante a Segunda Guerra Mundial, um número significativo de mulheres se alistou, desempenhando papéis fundamentais.

> Ficaram evidentes as diferenças na forma de emprego das mulheres nos países do Oriente e Ocidente. Na Rússia, por exemplo, elas estavam presentes em todos os fronts de batalha e participavam dos treinamentos, mesmo antes do início da guerra. Em contrapartida, nos países do Ocidente as mulheres foram mantidas exercendo apenas as funções de auxiliares não-combatentes. [62]

Foi só a partir dos dois grandes conflitos mundiais do século XX que as mulheres passaram a ser admitidas nos Exércitos como militares e alcançando altos postos de comando de forma regulamentar. Essa mudança de significação da mulher na Primeira e Segunda Guerra Mundial se deu diante as mudanças tecnológicas que foram empregadas nos conflitos, onde a

[61] BRASIL. Decreto n.º 14.257, de 13 de dezembro de 1943. Dispõe sobre o regulamento do quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército do Ministério da Guerra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, 13 dez. 1943. Seção 1.
[62] SCHWETHER, 2016.

guerra se tornou total e mecanizada. Foi apenas por necessidade de mão de obra e de preencher a retaguarda que as mulheres foram admitidas, uma mudança de ótica com base na necessidade da guerra, ou seja, ao longo da história houve uma progressiva ressignificação de caráter linear e sinuoso acerca da presença feminina na guerra, mas elas nunca deixaram de existir no cenário dos conflitos armados.[63]

Estando em um espaço predominantemente masculino, muitas mulheres optaram por adotar trajes, roupas, cabelos e posturas masculinas a fim de atuar como soldados nos campos de batalha. Um exemplo disso foi Maria Quitéria de Jesus Medeiros, que participou do processo de Independência do Brasil (1822) disfarçando-se de homem para integrar as fileiras do exército brasileiro, lutando pela libertação do país do domínio português. Também, a piauiense Jovita Alves Feitosa tornou-se uma figura conhecida na Guerra do Paraguai (1864-1870) no Brasil ao se disfarçar de homem para lutar no conflito, juntando-se ao exército brasileiro.[64]

Em paralelo a isso, houve a necessidade de reforçar a feminilidade das mulheres para o recrutamento durante os períodos de guerra. Um exemplo disso foram as enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira (FEB), cuja imagem esteve intimamente ligada à ideia da maternidade do sofrimento e do cuidado, aspecto este associado a ideia de patriotismo ao Estado brasileiro. A figura de Ana Nery foi muito bem aceita durante a Guerra do Paraguai (1864-1870) em razão dela ter se voluntariado para assistir os feridos como enfermeira, reforçando-se o papel ideologizado da figura feminina de fornecer o cuidado e o conforto para os soldados feridos ou à beira da morte. Sua conduta como enfermeira foi resgata mais tarde por ocasião da Segunda Guerra Mundial como modelo a ser seguido pelas enfermeiras da FEB. [65]

Segundo Caire (2002), foi somente a partir da Primeira Guerra Mundial que surgiram os primeiros grupos de mulheres militarizadas. Elas não estavam envolvidas diretamente nos combates, desempenhando funções de apoio nos exércitos. No entanto, houve situações excepcionais, principalmente com mulheres de origem oriental ou eslava, que foram integradas clandestinamente em organizações ou em unidades regulares nas forças armadas da Polônia, Sérvia e Romênia. Boa parte desse grupamento feminino constituía-se de auxiliares e foram desativados ao fim do conflito, no entanto gerou um efeito inicial para que se pudessem pensar em aceitar corpos femininos militarizados nos conflitos para além de funções auxiliares.

Inserção de mulheres tanto em funções auxiliares como: motoristas, cozinheiras, inspetoras de munição, enfermeiras e posteriormente em funções táticas só foram admitidas em

[63] CAIRE, 2002.
[64] PASSOS, 2013.
[65] PASSOS, 2013.

razão da necessidade de mão de obra em meio a guerra. Foi em razão da guerra que as mulheres conseguiram se inserir na estrutura militar, propiciando um questionamento social quanto ao papel tradicional das mulheres restritivo ao ambiente doméstico. No entanto, a efetiva entrada e permanência de mulheres nas instituições militares no Brasil só foi ocorrer a partir da década de 1980 com o fim da ditadura militar e o processo de redemocratização.[66]

Embora teoricamente houvesse a intenção de estabelecer papéis definidos para homens e mulheres, os conflitos armados e guerras resultaram na urgência por mão de obra imediata, levando as mulheres a participarem ativamente em diversas frentes, tanto dentro quanto fora do campo de batalha, em defesa do Estado-nação. Mesmo assim, recai sobre elas a invisibilidade histórica quanto às suas ações no campo de batalha.

"O paradoxo da invisibilidade histórica das mulheres nos campos de batalha permanece articulado a um conceito derivado de sua "essencialização" como mãe e cuidadora." [67] Apesar da presença de mulheres em conflitos armados não ser algo bem visto pela sociedade civil em países do Ocidente, sobretudo os países latinos, em que a presença religiosa é muito característica da sociedade, em períodos de guerra há sempre um apelo para a presença destas e até momentaneamente aceitas sem grande resistência moral.

O ambiente militar é masculinizado não só pelo número sobressalente de homens, mas também pelas condutas, práticas cerimoniais e comportamentos construídos e internalizados ao longo dos séculos e que naturalizaram enquanto profissão militar. As paradas, os eventos de encerramento, a conformidade física por meio do controle na organização, na maneira militar, dentro de uma posição distinta entre colegas, autoridades e subordinados, estabelecem a base do cotidiano na vida militar. As mulheres quando acessam esses espaços é de forma concedida e delimitada em um lugar espacial.

A participação das mulheres na Segunda Guerra Mundial foi demarcada em funções auxiliares e assistenciais, padronizando os espaços de atuação, principalmente na frente ocidental. Talvez esse seja um dos motivos para que a participação das mulheres nesse conflito careça de estudos na historiografia. As razões para que as mulheres pudessem cada vez mais serem atraídas para as forças militarizadas foi a modernização das forças armadas com o avanço tecnológico empregado levando a importância do emprego de forças auxiliares. Aliado a isso havia uma carência de recursos humanos especializados e profissionalizados que desempenhassem as funções auxiliares.

---

[66] SCHWETHER, 2016.
[67] SCHWETHER, 2016. p. 52.

2.3 As enfermeiras expedicionárias e seus uniformes: a construção simbólica

De acordo com Bourdieu, os sistemas simbólicos, como, por exemplo, a vestimenta e símbolos inerentes do ambiente militar exercem um poder estruturante porque são estruturados propositalmente para isso. Ou seja, são estruturados a fim de influenciar e organizar um determinado tipo de conhecimento e comunicação. Nesse sentido, o indivíduo que está inserido em determinado ambiente, como as enfermeiras da FEB no ambiente militar, estão sujeitas as estruturas internas bem definidas da instituição que tem a capacidade de moldar suas compreensões de mundo e influenciar a maneira como devem interagir uns com os outros e com as informações ao seu redor.[68]

Não só os símbolos próprios da instituição agem de *modus operandi* enquanto sistema simbólico, mas também a linguagem própria da instituição, sendo um instrumento eficaz de comunicação interna, organização de pensamento e na transmissão de informações de forma coerente com o ambiente que está inserido. Portanto, a capacidade dos sistemas simbólicos de exercer um poder estruturante está intrinsecamente ligada à sua própria estrutura interna, que lhes permite desempenhar seu papel na organização e transmissão do conhecimento e na facilitação da comunicação.[69]

A determinação quanto ao uniforme a ser utilizado pelas enfermeiras da FEB ficou a cargo de Darcy Vargas, esposa do então presidente da República Getúlio Vargas, e Santinha Dutra, esposa do Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra. No entanto, os uniformes escolhidos não eram funcionais e apresentavam materiais de qualidade insatisfatória, não atendendo às expectativas necessárias. Como solução, as enfermeiras tiveram que recorrer aos uniformes fornecidos pelo Exército norte-americano.[70]

A negligência na preparação das enfermeiras expedicionárias refletiu-se nos uniformes, que eram confeccionados com tecidos inadequados e apresentavam cores muito semelhantes às dos uniformes alemães. Essa falta de cuidado resultou em inúmeras confusões e situações de identificação equivocada. “[...] os uniformes que mandaram para nós eram de tão má qualidade e tão malfeitos que não se concebe que tivessem sido feitos para uma representação feminina junto às tropas estrangeiras.”[71] A fim de solucionar o problema dos uniformes inadequados, que não forneciam proteção suficiente contra o frio do inverno italiano, tanto as enfermeiras quanto

---

[68] BOURDIEU, 1998.
[69] BOURDIEU, 1998.
[70] ZHEIT. **Os Uniformes das Enfermeiras da FEB**. 2020, Fotografia. Disponível em: https://zheit.com.br/post/os-uniformes-das-enfermeiras-da-feb. Acesso: 09/01/2024.
[71] CANSANÇÃO, Elza. **E foi assim que a cobra fumou**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 79.

os soldados brasileiros optaram por utilizar partes dos uniformes dos norte-americanos. Essa medida foi tomada para garantir maior conforto e proteção durante as suas atividades na região.

Figura 5 – Virginia e duas enfermeiras em frente à uma das ambulâncias alemãs capturadas na cidade de Parolla, Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.



Fonte: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020.

As três enfermeiras brasileiras posam para a fotografia ao lado de um equipamento de tecnologia alemã, próximas de ambulâncias que ostentam a cruz, símbolo da Cruz Vermelha Internacional. Cada uma delas está vestida com um uniforme diferente, adequado para ocasiões específicas. Da esquerda para a direita, temos Helena Ramos, filha de um almirante da marinha, utilizando um uniforme de passeio feito de gabardine. Em seguida, temos Altamira Pereira Valadares, com um uniforme de lã e um turbante. Por fim, Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero está vestida com um uniforme de serviço. [72]

> Feito em brim verde-oliva, o "uniforme de trânsito" é composto de túnica aberta, saia-calça, cinta e quepe de gabardine, sapatos pretos abotinados e meias cor de carne. Na manga esquerda da túnica figura emblema BRASIL em meio círculo, com um friso verde-amarelo. Abaixo do emblema é colocado o braçal de neutralidade. Na manga direita consta apenas uma fila de graduação. Completam o uniforme a camisa e a

[72] BERNARDES, M. M. R.; LOPES, G. T.; SANTOS, T. C. F. Base de Sustentação Militar de Vargas Durante a 2ª Guerra e a Soberania Bélica Alemã: Percepções de Enfermeiras e militares. **Texto & Contexto Enfermagem.** Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 544-550, out./dez. 2005.

> gravata de tricoline verde-oliva. Para trabalho de enfermagem: avental branco, meias de algodão beje: touca branca, vestido inteiriço.[73]

A roupa vai além de ser apenas um tecido; é um elemento do vestuário que carrega uma dimensão identitária. O visual se configura como um canal de comunicação, permitindo a identificação de aspectos socioculturais. Trata-se de uma vestimenta que influencia a construção de identidades e estabelece relações de poder. "[...] No caso dos uniformes militares, os cortes e recortes nos tecidos para a modelagem são apresentados visando construção para a identificação dos emblemas para distinção na hierarquia do grupo e a linguagem visual própria da instituição [...]"[74] No contexto militar, as enfermeiras da FEB seguiam uma disciplina específica em relação ao seu vestuário. O treinamento recebido por elas contribuiu para a incorporação do *habitus* militar, o que influencia diretamente sua identidade social e regula suas ações e emoções.[75]

O uso da farda proporciona ao indivíduo um poder simbólico, conferindo-lhe visibilidade, prestígio e autoridade. Assim como nos personagens de super-heróis dos quadrinhos, o uniforme anula a identidade civil e traz destaque. A utilização da farda causa transformações no comportamento e serve como uma forma de ocultar a identidade civil de quem a veste. Para os combatentes da FEB, ela representa uma identidade militar forte e marcante. O vestuário também desempenha um papel de comunicação, e, nesse contexto, as enfermeiras deviam apresentar atributos simbólicos que as conectassem à autoridade de seu posto como oficiais do Exército. Os uniformes possuem significados próprios, revelando a função e a posição ocupada por aqueles que os utilizam. [76]

Os sistemas simbólicos discutidos por Bourdieu podem ser um conjunto de símbolos, linguagens ou códigos que uma instituição ou nós mesmo usamos para representar e comunicar determinadas ideias e opiniões. Em instituições militares que são altamente hierarquizadas, como o Exército, existe uma clara "relação de força" no qual as dinâmicas de poder ou influência se manifestam dentro desse sistema de maneira muitas vezes explicita, mas também de forma implícita, aparecendo de uma forma que não é diretamente reconhecível como relações de poder. As relações de poder são expressas de uma forma que desloca ou altera o significado dos símbolos ou das mensagens dentro desses sistemas simbólicos. Isso significa

---

[73] DIPLOMARAM-SE as enfermeiras que integrarão o corpo expedicionário. **Diário de Pernambuco**. Recife, ano 119, n. 108, p. 03, 9 maio. 1944.
[74] BERNARDES, M. M. R. et al. Uniformes de enfermeiras do Exército Brasileiro: identidade visual na II Guerra Mundial. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 1, p. 118-124, 2019.
[75] BOURDIEU, 1998.
[76] RIBEIRO, P. S. EM LUTO E LUTA: construindo a memória da FEB Patrícia da Silva Ribeiro. 2013. Tese (Doutorado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2013.

que o poder ou a influência não são sempre evidentes ou transparentes, mas podem operar de maneira mais sutil, mudando o significado ou a interpretação das coisas dentro desses sistemas.[77]

Em uma nota publicada na imprensa, destaca-se o comportamento inadequado de algumas praças em relação às enfermeiras do Exército.

> Tendo-se verificado que algumas praças não tratam com devido respeito às enfermeiras do Exército, quando uniformizadas, dirigindo-lhes gracejos descabidos e grosserias, o general Beniolo da Silva, comandante da 1° Região Militar e guarnição da capital da República, deu "por bem recomendado que os comandantes de corpos, chefes de repartições e diretores de serviço e Estabelecimentos façam sentir aos seus comandos que as enfermeiras merecem toda consideração, devido à sua patriótica e sacrossanta missão na guerra."[78]

Desta forma, o general Beniolo da Silva, comandante da 1ª Região Militar, que é mencionado no trecho, recomenda que os líderes militares comuniquem a seus comandados a importância de tratar as enfermeiras com respeito. Esse comportamento pode ser interpretado como uma expressão da estrutura social de um ambiente majoritariamente masculino.[79] A intervenção pública do general não apenas busca corrigir comportamentos desrespeitosos, mas também busca promover o reconhecimento e o valor das enfermeiras em um contexto militar. Sua autoridade enquanto comandante da 1ª Região Militar influencia a dinâmica desse campo, buscando alterar as práticas desrespeitosas por meio da imposição de uma nova norma e reconfigurar as relações de poder nesse campo social específico.

As ações individuais são moldadas pelos contextos sociais em que ocorrem, e as práticas são fundamentais para a reprodução das estruturas sociais. Nesse contexto, as praças que dirigem gracejos descabidos e grosserias às enfermeiras podem ser interpretadas como expressões de dominação simbólica, onde as normas de gênero e a hierarquia militar se entrelaçam. Essas ações podem ser vistas como estratégias para reforçar a posição dominante das praças sobre as enfermeiras, em um campo social permeado por relações de poder.[80]

A Diretoria de Saúde do Exército (DSE) emitiu também uma nota à imprensa destacando a importância do respeito à posição das enfermeiras ao utilizarem seus uniformes, tanto no ambiente militar entre os soldados do Exército quanto na interação com a sociedade civil.

> Afim de evitar incidentes desagradáveis e talvez mesmo muito danosos para quem se vir neles envolvidos, a Diretoria de Saúde do Exército lembra ao povo que as enfermeiras da reserva do Exército recentemente convocadas pertencem efetivamente

---

[77] BOURDIEU, 1998.
[78] NOTÍCIA DO EXÉRCITO**. DIÁRIO DE NOTÍCIAS**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 6.612, p. 03-04, 14 maio. 1944.
[79] BOURDIEU, P; DE SAINT-MARTIN, M. **A Dominação Masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
[80] BOURDIEU, 2002.

> ao Exército Nacional e vão seguir com as Forças Expedicionárias Brasileiras e que o uniforme que envergam tem que ser respeitado e prestigiado. Lembra ainda que as leis do país combinam severas penas contra aqueles que pretendem por atos ou palavras macular os uniformes das forças armadas.[81]

Como destacado, a Diretoria de Saúde do Exército (DSE) reitera, por meio de um comunicado à imprensa, a presença das enfermeiras da reserva do Exército convocadas para o *front* italiano. Nesse contexto, é crucial reconhecê-las como integrantes efetivas do Exército Nacional, atuando junto às Forças Expedicionárias Brasileiras. A mensagem da DSE enfatiza a necessidade de respeitar e honrar os uniformes utilizados por essas enfermeiras, ao mesmo tempo em que alerta para as consequências legais previstas para aqueles que difamarem ou desrespeitarem os uniformes das forças armadas por meio de ações ou palavras.

A ênfase na importância de reconhecer as enfermeiras expedicionárias como integrantes do Exército Nacional reflete uma dinâmica de legitimação e reconhecimento no campo militar. As instituições como o Exército têm o poder de impor significados e conferir prestígio a certas práticas e agentes sociais. No caso, a DSE está buscando consolidar a posição das enfermeiras, conferindo-lhes um status de respeito e importância na estrutura militar. A ênfase na necessidade de respeitar e honrar os uniformes utilizados por essas enfermeiras também está relacionada ao capital simbólico. Os uniformes militares são símbolos que carregam significados de disciplina, hierarquia e comprometimento com a nação. A mensagem da DSE destaca a importância de preservar esse capital simbólico associado aos uniformes, reforçando a autoridade e a integridade das Forças Armadas.[82]

A perspectiva feminina, juntamente com suas representações simbólicas e visuais, é crucial para compreender as experiências das mulheres durante a Segunda Guerra Mundial. Essa abordagem é essencial para entender as batalhas simbólicas enfrentadas pelas enfermeiras da FEB, na busca pelo reconhecimento, pela presença e pela valorização em uma sociedade que nem sempre reconheceu ou valorizou integralmente suas contribuições e vivências, principalmente em cenários de conflitos armados.[83]

O uso do uniforme militar pelas enfermeiras da FEB facilitava sua identificação como enfermeiras militares, conferindo-lhes distinção tanto dentro do ambiente do Exército quanto em eventos e desfiles públicos, diante da sociedade civil. As enfermeiras da FEB foram integradas ao Serviço de Saúde do Exército e devidamente preparadas para prestar auxílio

---

[81] AS ENFERMEIRAS expedicionárias e seus uniformes. **A Noite**. Rio de Janeiro, ano 34, n. 11.819, p. 08, 11 maio. 1945.
[82] BOURDIEU, 1998.
[83] BERNARDES, M. M. R et. al. Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. **Revista Fontes**, v.29, n.2, p. 531-550, abr/jun. 2022.

durante o conflito internacional, recebendo para isso uniformes militares específicos. Esses trajes não apenas tinham uma função prática, mas também transmitiam uma mensagem visual crucial sobre a identidade do grupo. As vestimentas carregam significados culturais e sociais que revelam muito sobre quem as veste, além de refletirem as estruturas de poder e a formação de identidades em um contexto específico. Assim, o uso desses uniformes não se limitava ao aspecto funcional, mas também afirmava a identidade e o papel das enfermeiras no contexto da guerra, evidenciando e fortalecendo as dinâmicas sociais e culturais da época.[84]

Os uniformes militares adquirem significado social por meio de sua estética. Existe, portanto, uma conexão emocional e intelectual que se estabelece entre o traje e quem o veste, considerando tanto a aparência estética do corpo em movimento quanto os aspectos sociais e estruturais envolvidos na moda que influenciam a confecção e elaboração da vestimenta. No contexto dos uniformes militares, sobretudo das enfermeiras da FEB, os cortes e detalhes nos tecidos são cuidadosamente planejados para representar emblemas e as posicionar dentro da hierarquia da instituição militar. A utilização do uniforme ajuda na internalização de hábitos e comportamentos próprios do ambiente militar. Isso implica na construção de uma identidade social moldada pela adoção de certas disposições corporais, que afetam a maneira como elas sentem, pensam e agem nesse ambiente e fora dele enquanto utilizam o uniforme militar.[85]

Em determinados contextos e espaços sociais é esperado que as enfermeiras expedicionárias através da vestimenta e da postura possuam características simbólicas de autoridade na função que exerce. Ou seja, é a ideia de que as enfermeiras devem ser vistas como detentoras de uma autoridade respeitável e simbolicamente marcada. Isso pode envolver aspectos como responsabilidade, respeito e talvez até uma certa postura de comando em seu papel profissional.[86]

O uniforme desempenha um papel crucial na formação da imagem geral da enfermeira expedicionária, conferindo-lhe poder e influência. Este componente é tangível, ou seja, uma presença concreta e visível que serve como uma marca distintiva. A representação da enfermeira expedicionária não é meramente moldada pelo uniforme, mas também pela maneira como ela o utiliza, suas práticas e interações sociais associadas. Todos esses elementos desempenham um papel essencial na percepção e construção da sua identidade como enfermeira do Exército

[84] BERNARDES, et. al. 2019.
[85] BERNARDES, et. al. 2019.
[86] BOURDIEU, 1998.

Brasileiro, abrangendo aspectos tangíveis e intangíveis que contribuem para a representação social delas diante da sociedade.[87]

O uniforme influencia tanto a postura quanto o comportamento daqueles que o vestem, especialmente em um ambiente militar hierarquizado e em contexto de guerra. Ao envergar o uniforme, as enfermeiras assumem não apenas uma vestimenta, mas também um papel social que as motiva a agir em conformidade com as expectativas sociais estabelecidas e os objetivos institucionais. Isso ocorre porque o uniforme carrega consigo todos os valores, normas e ideais do Exército Brasileiro.

Figura 6 – As enfermeiras expedicionárias completam o seu preparo físico e militar



Fonte: A NOITE, 1944.

Nas primeiras aparições públicas das enfermeiras expedicionárias com os uniformes de passeio, não se conseguia identificar o posto militar no vestuário delas. Essa falta de clareza reflete a luta simbólica enfrentada por essas enfermeiras durante o processo de inclusão no ambiente militar. A questão do posto militar das enfermeiras expedicionárias só foi resolvida após o envio do primeiro grupo ao *front* italiano, quando foi autorizado o uso da insígnia do posto de 2º tenente para todas as integrantes. Foi uma batalha para conquistar reconhecimento

[87] BERNARDES, et. al., 2019.

e uma posição definida dentro da estrutura hierarquizada do Exército por parte dessas profissionais.

Figura 7 – Virgínia Portocarrero trajando uniforme de inverno das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália.



Fonte: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2022.

A vestimenta na década de 1940 não apenas refletia aspectos sociais, mas também delineava claramente papéis de gênero. Os papéis de gênero que são atribuídos aos homens e mulheres diferem de acordo com o lugar, além de serem biologicamente determinado, mutáveis culturalmente e historicamente.[88] O uso de calças compridas era estritamente associado ao vestuário masculino e socialmente considerado inadequado para mulheres. Entretanto, em

[88] GROSSI, Miriam P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998 (revisado em 2010).

virtude da guerra, esses padrões precisaram ser ajustados e modificados, especialmente com a entrada das mulheres em ambientes de trabalho hostis e masculinizados.

O contexto de guerra exigiu adaptações nas vestimentas não apenas das enfermeiras expedicionárias, mas também em outros setores nos quais as mulheres passaram a desempenhar papéis operacionais. Foi nesse período que ocorreu a transição da saia para a calça, uma maneira de adequar o vestuário feminino ao ambiente predominantemente masculino, ao mesmo tempo que conferia uma aura de modernidade.

A justificativa para o uso de calças pelas enfermeiras estava relacionada à necessidade de movimentos mais livres durante os cuidados de guerra. Apesar dessa mudança, não houve uma quebra drástica das normas de gênero, já que as mulheres utilizavam calças em um espaço social especificamente designado para elas (na retaguarda), com a finalidade de cuidar dos feridos. Houve, portanto, uma adaptação do vestuário às necessidades práticas, mas essa transformação trouxe consigo a necessidade de reforçar e naturalizar as identidades de gênero estabelecidas.[89]

Os trajes destinados aos serviços hospitalares consistiam em um vestido transpassado com um bolso à direita, posicionado na altura do quadril. O vestuário era predominantemente branco, com listras marrons, confeccionado a partir de um tecido denominado anarruga, conhecido por sua secagem rápida e por não exigir passadoria. As enfermeiras da FEB enfrentaram condições climáticas adversas, incluindo invernos e verões italianos, exigindo que a vestimenta fosse adaptada a essas variações. Nesse sentido, o uniforme utilizado pelas enfermeiras brasileiras representava uma combinação dos trajes fornecidos pelo Exército Brasileiro, que eram inadequados e não atendiam plenamente às necessidades, e os uniformes fornecidos pelo Exército norte-americano, especialmente durante o inverno, com materiais apropriados para enfrentar o frio.[90]

Figura 8 – Mat. Dr. Ernesto, Cap. Dr Contreiras e enfermeira Antonieta

[89] BERNARDES, et. al., 2019.
[90] ZHEIT. **Os Uniformes das Enfermeiras da FEB**. 2020, Fotografia. Disponível em: https://zheit.com.br/post/os-uniformes-das-enfermeiras-da-feb. Acesso: 09/01/2024.



Fonte: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2022.

Figura 9 – Enfermeiras não identificadas (Nápoles-Itália)



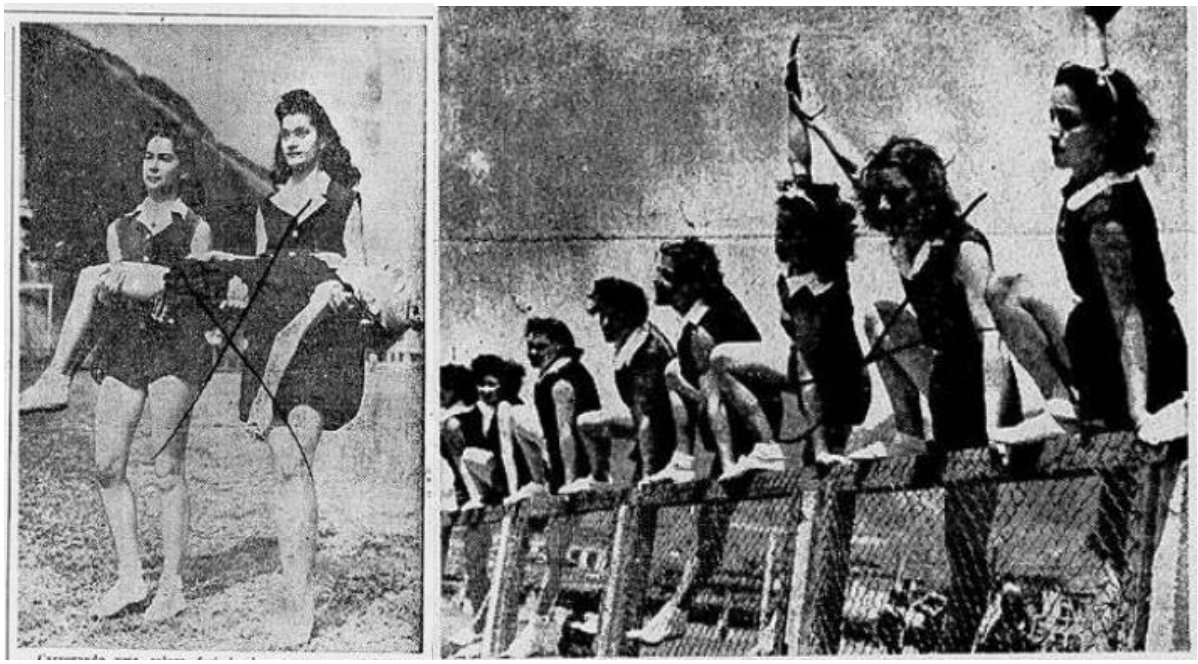
Fonte: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2022.

A paleta de cores utilizadas pelas enfermeiras da FEB era de cores sobreas, entre o cinza e o bege, cores neutras e opacas, expressando o momento de guerra vivenciado. A composição

de cores e o vestuário utilizado por elas tinha o objetivo não chamar muito atenção, expressar seriedade e ausência de conotação de alegria e sensualidade.[91]

No CEERE as enfermeiras utilizavam uniformes específicos para a realização das atividades físicas. As vestimentas podem ser interpretadas como indicadores visuais ou simbólicos das abordagens e valores envolvidos na formação física das enfermeiras. A vestimenta comunica a educação dos corpos, ou seja, os uniformes não são apenas roupas funcionais, mas também elementos que carregam significados sobre a forma como o corpo das enfermeiras foi educado, treinado ou preparado para desempenhar suas funções em um cenário de guerra. A estética, o conforto, a praticidade e outros aspectos físicos e simbólicos incorporados nos uniformes são resultados do processo de formação das enfermeiras expedicionárias para atuarem no *front* italiano.[92]

Figura 10 – Em exercícios as enfermeiras expedicionárias.



Fonte: A NOITE, 1944.

Boa parte das fotografias das enfermeiras executando as atividades físicas no colégio militar durante o CEERE publicados nos periódicos jornalísticos da época são delas realizando atividades de ginásticas e em movimentos que não denotam tanto esforço físico. Nas fotografias

[91] SIMILI, I. G; CAMACHO, P; PONTE, P. Educação e Moda: Uniformes de Enfermagem na Segunda Guerra Mundial. **Revista Modapalavra E-periódico,** ano 3, n. p. 80-102, 6, jul./dez. 2010.
[92] GOELLNER, S. V. Bela, maternal e feminina: Imagens da mulher na Revista Educação Physica. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

divulgadas pela imprensa e colecionadas por elas em seus arquivos pessoais mostram elas executando atividades físicas como se fosse um ensaio de uma peça de dança, com movimentos bem coordenados, sem aparente esforço físico, elegância, postura, com a expressão de passividade e sorriso no rosto. Ou seja, trazendo essa ideia da delicadeza e feminilidade da mulher mesmo em um espaço masculinizado. [93]

A ideia era transformar o corpo dessas mulheres em mães-cuidadoras, exercendo suas funções cívicas na retaguarda do campo de batalha e de forma que elas fossem fisicamente capazes de desempenhar suas funções no cuidado aos feridos de guerra. Portanto, denotando tanto uma dimensão de cuidado quanto uma dimensão de conexão patriótica. O uniforme, além de ser uma vestimenta funcional, é percebido como uma expressão simbólica que transmite e reforça certos ideais culturais e sociais relacionados à concepção de beleza, feminilidade e maternidade.[94] Sendo assim, desempenha um papel importante na comunicação visual desses valores presentes na década de 1940 incutidos às enfermeiras expedicionárias.[95]

O traje utilizado nas atividades físicas era um "macaquinho" que modelava bem a forma física das enfermeiras ao mesmo tempo que trazia um aspecto de leveza e feminilidade. Isso indicava que as enfermeiras expedicionárias eram preparadas não apenas para agir fisicamente no cotidiano em contexto de guerra nos hospitais de campanha no *front* italiano, mas também para personificar os valores, conceitos e comportamentos associados à feminilidade da época. Ou seja, os padrões culturais e sociais que determinavam como as mulheres deveriam se comportar e ser percebidas na sociedade daquele período que se transpunha as atividades das mulheres na enfermagem.

Na década de 1940, a atividade física era considerada um símbolo de modernidade e uma prática social capaz de regular o corpo, tornando-o mais eficiente e produtivo. A adoção constante dessa prática estabelece hábitos e promove um estilo de vida mais ativo. No contexto militar, a atividade física foi amplamente empregada para instituir um hábito e promover a educação do corpo. As atividades físicas às quais as enfermeiras foram submetidas no Exército tinham um propósito além do explícito, que era prepará-las para as demandas da guerra. Havia também um objetivo implícito: educá-las e preservar sua feminilidade. Por essa razão, a ginástica foi escolhida como uma prática física apropriada para o corpo feminino.[96]

---

[93] SIMILI et al., 2010.
[94] BOURDIEU, 1998.
[95] SIMILI et al., 2010.
[96] GOELLNER, 1999.

3 – CAPÍTULO 2 – A DIVULGAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CORPO DE ENFERMEIRAS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA ATRAVÉS DA IMPRENSA

3.1 A construção de um discurso: A Revista da Cruz Vermelha Brasileira

Durante a Idade Média europeia, a religião cristã exercia uma grande influência, considerando a doença como resultado de um pecado e a cura como uma questão de fé. O cuidado com os doentes era delegado às ordens religiosas, e os hospitais eram administrados por instituições religiosas, servindo como locais de cura, abrigo e conforto para os enfermos. Esse modelo de cuidado com a saúde perdurou por muitos séculos após a Idade Média. No entanto, com a chegada da modernidade, ocorreram mudanças nas concepções de saúde e, consequentemente, surgiram abordagens menos ortodoxas para lidar com o corpo, impulsionadas pelo avanço da medicina.[97] Apesar do avanço da medicina no tratamento e prevenção de doenças, as práticas de medicina popular, como o "curandeirismo", ainda contavam com uma grande adesão da população. Isso ocorria devido ao receio em relação às medidas de saúde pública impostas pelo Estado.[98]

Novas descobertas científicas possibilitaram o desenvolvimento de vacinas e soros, que desempenharam um papel fundamental na prevenção e cura de doenças, contribuindo para evitar surtos de enfermidades transmissíveis, endêmicas e epidêmicas. Com o crescimento populacional nas áreas urbanas e as precárias condições sanitárias em que as pessoas viviam, medidas propostas por médicos sanitaristas ganharam destaque na saúde pública.[99]

No início do século XX, mais precisamente na década de 1920, ocorreu uma expansão dos serviços de saúde no Brasil, com a ativa participação do Estado na formulação de ideologias e políticas de saúde pública em nível nacional. O objetivo era promover uma reforma sanitária no país, especialmente em áreas densamente povoadas do interior. As propostas adotadas, de natureza higienista, contavam com a colaboração de médicos sanitaristas e do Estado, visando

---

[97] SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.
[98] ANDRADE, R. P. Cartas ao Presidente: as Políticas de Saúde Pública do primeiro governo Vargas na visão dos amazonenses. In: NOGUEIRA, Y. M. (org.). **História da saúde**: olhares e verdades. São Paulo: Instituto de Saúde, 2010, p. 91-98.
[99] SCLIAR, 2007.

não apenas melhorias na saúde, mas também a construção de uma identidade nacional do ponto de vista ideológico e simbólico por meio de programas e serviços de saúde.[100]

Consequentemente, o cuidado com a saúde passou gradualmente do controle das ordens religiosas para o controle estatal, que adotava uma abordagem paternalista e, muitas vezes, autoritária. Esse conceito de polícia médica ou sanitarista ganhou impulso na Europa, especialmente na Alemanha, durante a Primeira Guerra Mundial e perdurou ao longo da Segunda Guerra Mundial.

A Cruz Vermelha Brasileira – CVB foi estabelecida em 1910 por meio de um decreto no Congresso Nacional e foi sancionada pelo então presidente Epitácio Pessoa. A organização adotou como princípios as convenções de Genebra de 1864 e foi reconhecida pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha – CICV. Durante a Primeira Guerra Mundial, em 1914, um curso para a formação de enfermeiras voluntárias foi criado por iniciativa das mulheres da sociedade carioca. Esse curso continuou até 1918 e desempenhou um papel importante ao evidenciar a importância das mulheres enfermeiras no cuidado de feridos e doentes em tempos de guerra. [101]

Além da formação de enfermeiras durante períodos de guerra, também era necessário formar enfermeiras profissionais para atender às demandas da população em tempos de paz. A criação da Escola Prática de Enfermeiras – EPE em 1916 tinha como objetivo principal formar um corpo de enfermeiras mulheres seguindo um padrão profissional que ultrapassasse o nível técnico. Essa iniciativa visava atender às demandas contemporâneas da população em termos de cuidados de saúde.[102]

Gradualmente, uma das funções que perdeu destaque no seio das famílias entre o final do século XIX e o início do século XX foi o cuidado com os enfermos. Os hospitais e o conhecimento médico passaram a ser cada vez mais organizados à medida que o mundo moderno criava espaços específicos para o tratamento dos doentes. As mulheres que desempenhavam o papel de cuidadoras no ambiente doméstico passaram a assumir funções análogas nos hospitais modernos. Com a transição do cuidado do âmbito privado para o público,

---

[100] SANTOS, L. A. C. Poder, ideologias e saúde no Brasil da Primeira República: ensaio de sociologia histórica. In: HOCHMAN, G; ARMUS, D. (org.). **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. p. 249-293.

[101] PORTO, F; SANTOS, T. C. F. A Enfermeira Brasileira na Mira do Click Fotográfico (1919-1925). In: AMORIM, W; PORTO, F. (org.). **História da Enfermagem**: lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Água Dourada, 2007, p. 25-87.

[102] PORTO; SANTOS, 2007.

essas mulheres, que antes atuavam em contextos privados, foram convidadas a desempenhar funções similares nos ambientes hospitalares.[103]

A primeira instituição de ensino de enfermagem criada no Brasil remonta ao ano de 1890, com a fundação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras no Rio de Janeiro – EPEERJ, que atualmente é conhecida como Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante a Primeira Guerra Mundial, essa escola de enfermagem abriu cursos para voluntárias da Cruz Vermelha Brasileira. Essa iniciativa posteriormente resultou na criação da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira – EPECVB, que funcionou de 1917 a 1960 e formou cerca de 500 alunas durante esse período.[104]

Em 1917, também foi estabelecido o Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo – CEPB, que funcionou até 1921. No mesmo ano, foi criado o Curso de Visitadoras Sanitárias – CVS. Em 1923, foi fundada a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública – EEDNSP, atualmente conhecida como Escola de Enfermagem Anna Nery – EEAN. A partir desse momento, outras escolas de enfermagem foram criadas em diferentes Estados do Brasil, seguindo o modelo de formação da "enfermeira padrão" estabelecido pela EEAN.[105]

Nessa perspectiva, as responsabilidades de cuidado foram atribuídas principalmente às mulheres, o que resultou em uma predominância feminina no campo da enfermagem profissional:

> [...] Convoca, para seu exercício, contingentes de mulheres que, de acordo com o "dever-ser da enfermeira", necessitam de atribuições que não se enquadram na ordem dos conhecimentos técnicos e científicos: precisam ser dotadas de qualidades percebidas como "naturais" às mulheres, intrínsecas à sua natureza feminina e reveladoras de suas atribuições como reprodutora [...] [106]

No exercício da enfermagem, é pressuposta a presença de características percebidas como "naturais" às mulheres, associadas à sua natureza feminina e ao papel de reprodutora. Isso revela uma expectativa social ou norma que define como uma enfermeira deve se comportar, independentemente de estar atuando no ambiente de guerra ou em outras circunstâncias. Este trecho destaca que as mulheres convocadas para o serviço de saúde da FEB

---

[103] CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho**. Mulheres plurais**: a condição feminina na primeira república. Teresina: EDUFPI, 2013.

[104] MOREIRA, Almerinda. Enfermagem e memória: os centros de documentação das escolas de enfermagem do Rio de Janeiro**.** In: NOGUEIRA, Y. M. (org.). **História da saúde**: olhares e verdades. São Paulo: Instituto de Saúde, 2010. p. 299-310.

[105] MOREIRA, 2010.

[106] ANDRADE, Carlos Sudá de. A profissão de enfermeira. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [s.v], n. 2, p. 2, ago. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=484. Acesso em: 12 maio. 2023.

necessitam de mais do que simplesmente habilidades técnicas e científicas; vai além do treinamento tradicional de enfermagem. Nesse contexto, é esperado que elas incorporem qualidades consideradas intrínsecas à sua feminilidade, tais como empatia, compaixão, cuidado, e outras características que frequentemente se relacionam com o papel de maternidade.

Dessa forma, a busca pela qualificação da "enfermeira padrão" deve direcioná-las não apenas para aspectos técnicos e científicos, mas também para o seu papel como mulher, incorporando atributos maternais. Assim, espera-se que elas sejam capazes de servir, se doar e cuidar do próximo.[107]

Tais estruturas simbólicas possuem mecanismos de exercício de poder, uma vez que estão enraizadas na cultura e no comportamento social, influenciando percepções compartilhadas e regulações dos modos de sentir, ver, pensar e agir. Além disso, a CVB estabelecia conexões religiosas em relação à figura da enfermeira, principalmente durante o período da Segunda Guerra Mundial, retratando-a como uma mãe que acolhe e conforta o soldado ferido, além de ser vista como uma heroína de guerra, assim como foi Ana Nery[108], sendo descrita como bondosa, abnegada e caridosa. Essas concepções sobre a imagem da enfermeira tinham como objetivo evidenciar para a sociedade os princípios dessa instituição.[109]

A Cruz Vermelha Brasileira tornou-se o centro formador de profissionais da enfermagem vinculado ao Ministério da Guerra. Foi crucial para o desenvolvimento da enfermagem brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Os cursos de formação tiveram uma procura significativa e influenciada pela propaganda do governo de Getúlio Vargas. O discurso promovia a imagem da mulher enfermeira como símbolo da mãe pátria.[110]

Tratava-se da difusão de uma identidade nacional no contexto do regime do Estado Novo, consolidando a ideia de patriotismo, ordem, progresso e unidade nacional. A ascensão da profissão de enfermagem estava ligada aos interesses políticos da época, colocando-a em uma posição de destaque na mobilização popular.

A Revista da Cruz Vermelha Brasileira era direcionada ao público feminino, embora na maioria das vezes não tenha sido produzida por mulheres. Era um veículo de comunicação que

---

[107] FONSECA, T. M. G. De mulher a enfermeira: conjugando trabalho e gênero. In: LOPES, M. J. M; MEYER, D. E; WALDOW, V. R. (org.). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 65.

[108] Foi uma enfermeira brasileira, pioneira da enfermagem no Brasil, atuando como enfermeira durante a Guerra do Paraguai. Ela é representada como grande heroína na Guerra do Paraguai, símbolo de sacrifício, bondade e de verdadeiro amor à pátria. Ana Nery é símbolo de um nacionalismo forjado e de uma Identidade construída e manipulada, fazendo com que sua trajetória contada a partir do ponto de vista dos mandatários do poder a levassem a virar patrona da CVB, de modo a inspirar centenas de jovens em seu legado. Ana Nery é usada como exemplo para simbolizar o que a mulher brasileira deve ser no campo de batalha.

[109] BOURDIEU, 1998.

[110] MECONE, M. C. C; FREITAS, G. F. Representações da enfermagem na imprensa da cruz vermelha brasileira (1942-1945**). Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 741-749, out../dez. 2009.

tinha o objetivo de informar e educar de acordo com a visão nacional e as normas da instituição, destacando os diversos lugares e papéis sociais atribuídos às mulheres.

A imprensa desempenhava um papel importante na formação da opinião da sociedade civil naquela época. As manifestações cívicas que associavam a figura da enfermeira eram frequentes, e essas imagens eram frequentemente publicadas nas matérias dos jornais. Simbolicamente, o Estado enfatizava ideais militares com o intuito de moldar formas de expressão e pensamento entre a população. O objetivo era sensibilizar o povo e a nação por meio de imagens cívicas gloriosas, exaltando a importância da mulher em seu campo de atuação social. No entanto, suas qualidades eram baseadas em estereótipos de gênero, e os discursos e imagens muitas vezes as silenciavam e as reduziam a esses estereótipos.

Embora existam inúmeras reportagens que enaltecem a importância das enfermeiras, elas são retratadas em uma posição de submissão, sendo representadas como dóceis e seus atributos são considerados inerentes à profissão. Toda essa propaganda teve como objetivo também motivar o apoio popular à guerra, incitando o espírito de patriotismo.

No discurso de Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra no governo de Vargas durante o regime do Estado Novo, em uma solenidade de formatura de novas enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, ele destaca o dever que as enfermeiras têm no exercício da profissão, especialmente como enfermeiras expedicionárias, pois assumiriam de forma consciente o grande peso da profissão ao ingressarem nas fileiras do Exército, como destacado a seguir:

> Há muito de simbolismo e muito de compreensão nessa atitude. Reserva que sois das Forças Armadas, coadjuvantes imediatas dos Serviços de Saúde e Pronto socorro, procurastes as mãos amigas de vossos futuros chefes, para receber a consagração na carreira a que vos conduziu o amor ao Brasil e à sua gente. [111]

Para Dutra, é dignificante seguir o exemplo daqueles que sofreram e morreram, como os soldados da pátria. Em seu discurso, ele traz elementos simbólicos para justificar o lugar da mulher como enfermeira no serviço de saúde, qualificando-as como combatentes incansáveis das resistências heroicas, e por isso exercem um papel importante. Além disso, ele realça que elas trazem conforto moral e socorro material para suavizar o sofrimento do soldado ferido no campo de batalha.

> [...] Vosso hino será o nosso hino e nossa luta a vossa luta. Nós os soldados levaremos as armas fornadas com a terra de nossa terra e as marcaremos com o sangue que redime e consagra: vós, porém, lavareis as armas da caridade e da sensibilidade e saberei abençoar o sangue que se derramar pela terra que será sempre nossa. E todos

[111] CONSTRUIR COM sangue e com lágrimas a eternidade da pátria. Revista da cruz vermelha brasileira. Rio de Janeiro, [*s.v*], n. 1, p. 6, jul. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=436. Acesso em: 12 maio. 2023.

> nós, soldados do Brasil imortal, construiremos na dor e no sofrimento, com sangue e com lágrimas, na vida e na morte, a eternidade de nossa pátria.[112]

No discurso proferido por Dutra, é perceptível o estímulo a um profundo sentimento de unidade e solidariedade em relação à pátria. O discurso sugere que tanto enfermeiras quanto soldados compartilham os mesmos objetivos e valores. Os soldados são retratados como os guardiões da nação, prontos a empregar armas, simbolizando a disposição para lutar e se sacrificar em sua defesa. Essa descrição contrasta com o papel das enfermeiras, cujas contribuições se manifestam de maneira mais pacífica, atuando na retaguarda dos hospitais de campanha, porém igualmente valiosas em seu suporte ao esforço de guerra.

Nos setores mais ativos do esforço de guerra, o serviço de saúde não se absteve e se posicionou prontamente. Dentro desse processo, houve uma intensa mobilização para o emprego de voluntárias na criação de um corpo de enfermeiras durante a Segunda Guerra Mundial, o Serviço de Saúde do Exército - SSE, que tinha a finalidade de ser incorporado à FEB. Para atrair soldados com o sentimento de amor à pátria, imbuídos de um nacionalismo forjado, foi assegurado, através do discurso impulsionado pela imprensa, que os soldados teriam os cuidados necessários. Desta forma, foram solicitadas enfermeiras para atuarem como esforço de guerra.

A criação desse grupo serviu como um meio legitimador do governo, no sentido de afirmar que toda ajuda e socorro seriam prestados, fazendo parte de um discurso legitimador que levaria centenas de brasileiros, motivados pelo amor à pátria e pela coesão ilusória, ao *front* de batalha. Isso é simbolicamente reportado nas manchetes da imprensa da época.

A imprensa possui uma linguagem de persuasão muito eficaz. Desde o seu início, ela se colocou como uma força política, e os governos e poderosos sempre a utilizaram para promover seus interesses, exercendo um grande poder de mobilização dos acontecimentos. Com a instauração do Estado Novo, os jornais passaram pelos ditames da censura realizada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, e muitos jornais foram incorporados ao regime, passando a promovê-lo em seus editoriais. Durante o período da Segunda Guerra Mundial, esses veículos jornalísticos serviram como meio mobilizador e de propaganda nacional nas ações desempenhadas pelo Exército brasileiro na guerra.

> O espetáculo que a mulher patrícia ofereceu ao país com a mobilização dos seus esforços em face da guerra constitui um capítulo de aço revelador das suas virtudes e das suas tradições de bravura invulgar. Aliás, a história do Brasil em sido escrita igualmente pelo homem e a mulher, lado a lado, com o mesmo espírito varonil e os

[112] CONSTRUIR COM sangue e com lágrimas a eternidade da pátria. Revista da cruz vermelha brasileira. Rio de Janeiro, [*s.v*], n. 1, p. 6, jul. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=436. Acesso em: 12 maio. 2023.

> mesmos lances de renúncia, de labor e de sacrifício. Desde o primeiro instante, a mulher se apresentou, sobranceira, decidida, oferecendo-se para preencher os claros abertos pelo imperativo da mobilidade que então se esboçava. Não lhe bastavam o altruísmo da samaritana e o sacerdócio da enfermeira: ela foi além e se declarou disposta a ser útil em setores vários da atividade humana. [...][113]

Este recorte de um artigo, publicado na revista da CVB, coloca em destaque o papel das enfermeiras durante o período de guerra, ressaltando suas notáveis mobilizações e esforços, que se configuram como um verdadeiro espetáculo de virtude e coragem. O texto sublinha a relevância do engajamento feminino no contexto da guerra, destacando-o como exemplar e notável dentro da sociedade civil. Destaca-se ainda que as mulheres estavam prontas desde o início, demonstrando determinação para preencher as lacunas criadas pelas necessidades da mobilização durante a guerra. Além disso, o artigo busca promover a equiparação de forma igualitária da atuação da mulher e do homem em tempos de guerra, numa tentativa de estimular a adesão das mulheres como esforço de guerra.

A enfermeira expedicionária ofereceu uma grande mobilização a nível nacional, esforços estes em face da guerra que são reveladores de sua bravura. “O homem e a mulher lado a lado na escrita da história do Brasil”, este era o discurso, a promoção de um discurso ilusório, suscitando o imaginário de quem o ler, reproduz uma forma de pensar e agir em que a mulher estaria no mesmo papel de destaque que o homem. Durante a guerra, a mulher ocupou diferentes espaços e, com competência, se colocou à disposição para atuar em vários setores da vida humana, inclusive na guerra.

Na Revista da Cruz Vermelha Brasileira, a mobilização de enfermeiras para atuar no SSE é descrita como uma verdadeira apresentação em massa, como é mostrado a seguir.

> Desde que foi divulgada a notícia que enfermeiras acompanhariam as forças brasileiras, tenho recebido dessas jovens inúmeros pedidos para serem inscritas no Departamento de Saúde do Exército. Todas elas desejam partir, a fim de prestar os seus serviços à pátria. Aliás, as enfermeiras da Cruz Vermelha são consideradas reservas do Exército e disso lhe deu ciência o ilustre ministro da Guerra, em seu memorável discurso de primeiro de dezembro de 1942, quando paraninfou uma turma de enfermeiras. As nossas enfermeiras estão preparadas para servir o Brasil. Em todas os vários cursos que mantemos, só temos encontrado jovens estudiosas e cheias de dedicação. O diretor da escola, Sr. Álvaro de Paula Guimarães é rigoroso e os diplomas só são conquistados depois de 3 anos de severo estudo. As suas carteiras têm que levar o visto do Ministério da Guerra e servem até como prova de identidade. Recentemente a nossa revista “Cruz Vermelha” iniciou uma “enquete” ouvindo várias opiniões, e nenhuma delas, se recusava a servir ao Brasil. Todas desejavam seguir, o mais depressa possível.[114]

---

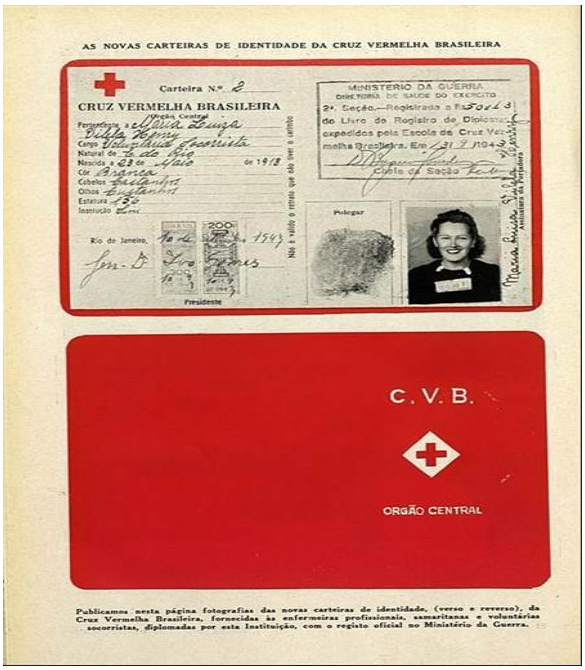
[113] A MULHER e a defesa nacional. Revista da cruz vermelha brasileira. Rio de Janeiro, [*s.v*], n. 2, p. 23, ago. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=504. Acesso em: 12 maio. 2023.

[114] ENFERMEIRAS para a Força Expedicionárias. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [*s.v*], n. 4, p. 5, out. 1943. Disponível em:

Neste excerto de um artigo publicado na revista da CVB, destaca-se que desde o anúncio da integração das enfermeiras no serviço de saúde da FEB, a instituição tem recebido uma notável quantidade de solicitações de jovens interessadas em se inscrever no Departamento de Saúde do Exército. Isso sugere que a adesão em grande número dessas mulheres se deve, em grande parte, ao seu profundo senso de patriotismo e ao desejo de contribuir para o esforço de guerra. No entanto, é importante notar que essa adesão em massa foi, em grande medida, resultado da abertura de novos cursos de enfermagem. Embora as alunas dos cursos oferecidos pela FEB representassem um reservatório valioso de enfermeiras, muitas delas, ao se formarem, não seguiram para o *front* italiano, mas com o diploma de enfermagem elas puderam se inserir no mercado de trabalho.

As enfermeiras expedicionárias que concluíram o curso na CVB recebiam uma carteira de identidade expedida por esta instituição. Essas carteiras possuíam o carimbo do Ministério da Guerra, autenticando que elas haviam concluído o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército - CEERE após concluir o curso na CVB. As carteiras continham ainda dados básicos sobre a enfermeira, como nome, cargo, data de nascimento e local, cor de cabelo, cor dos olhos e da pele, altura, foto e impressão digital do polegar, como é possível ver na foto a seguir, que mostra a carteira de identidade da CVB de Maria Luiza Vilela Henry, enfermeira que serviu no *front* italiano:

Figura 11 – As novas Carteiras de identidade da Cruz Vermelha Brasileira.



Fonte: REVISTA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1943.

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=588. Acesso em: 12 maio. 2023.

Este documento possibilitava, além das suas identificações como enfermeira do Exército, também o uso do mesmo como documento oficial, substituindo a identidade comum. Quais os cursos que a Cruz Vermelha Brasileira oferecia? Cursos de enfermeiras profissionais com duração de 3 anos, samaritana com duração de 1 ano e voluntárias socorristas com duração de 3 meses. No fim dos cursos oferecidos pela CVB, elas ainda recebiam ensinamentos ministrados por oficiais de saúde do Exército.

Ao longo de julho a setembro de 1943, a Revista da Cruz Vermelha Brasileira realizou uma série de enquetes, que consistiam em um questionário com quatro perguntas feitas a algumas alunas ou ex-alunas enfermeiras formadas nos cursos da escola da CVB. O objetivo deste questionário era consultar as enfermeiras da CVB sobre as atividades de guerra nas quais foram convocadas a participar. As perguntas eram: qual curso profissionalizante elas haviam concluído? Por que decidiram entrar para a CVB? Qual era a opinião delas sobre a participação da mulher no serviço de guerra? E, por fim, se desejavam ir para a guerra fora do país. A maioria das entrevistadas possuía um ou mais dos cursos oferecidos pela instituição, como Enfermeira Profissional, Voluntária Socorrista ou Samaritana. Algumas enfermeiras entrevistadas relataram suas experiências como enfermeiras ajudantes.

A Revista da CVB realizou essas pesquisas após a confirmação da entrada de enfermeiras como reservas do Exército. Estas entrevistas tinham uma clara tentativa de construir o pensamento de dever a cumprir em relação à pátria pelas enfermeiras, a fim de que elas se colocassem à disposição como voluntárias. Além disso, endossavam um discurso de patriotismo ao fazerem referência aos ideais cívicos. A seguir está um exemplo de algumas das entrevistas realizadas pela Revista da CVB:

> CARMEN MARIA LAGE, Brasileira, natural do Distrito Federal.
> – Qual o curso que tem?
> Pertenço a turma de samaritanas de 1942.
> – Por que entrou pra Cruz Vermelha Brasileira?
> Porque desejava ser o que hoje sou: uma samaritana entre mil. Suavizar a dor alheia; servir sem esperar recompensa; fazer o bem pelo bem, são coisas tão sublimes, que somente a Cruz Vermelha pode nos ensinar, porque ela é sinônimo de caridade, e a caridade não possui nem Pátria e nem credo. Quando, em princípios de 1942, o Brasil sentiu os efeitos da guerra pelo afundamento de seus navios, vi que era chegada a nossa hora de sacrifícios. Nós, mulheres, precisamos prepararmo-nos para bem enfrentá-los, só dois caminhos poderíamos seguir: ou o da honra, pela cooperação e trabalho, ou o do indiferentismo, pela inatividade criminosa ante perigo. Optei pelo primeiro. Estavam abertas as inscrições para o curso de samaritanas da Cruz Vermelha Brasileira. Alistei-me. Não me arrependo do passo dado. Sob a neutralidade da bandeira de Cruz Vermelha, estou pronta para servir o Brasil.
> – A mulher deve fazer o serviço de guerra?
> Sim, em todos os setores onde se fizer necessária a sua cooperação.
> – Deseja ir para a guerra fora do país?

> Voluntariamente, não. Tendo, no entanto, assumido um compromisso de honra para com a Cruz Vermelha brasileira, cumprirei ordens. Estarei com o Brasil, onde ele estiver. [115]

Foram publicadas na Revista da CVB cerca de 12 entrevistas das enfermeiras ao longo desse período. O conteúdo das respostas era quase o mesmo, com algumas poucas variações de uma para outra. As alunas da CVB haviam se tornado reservas do Exército, e todas as ingressantes alistadas nesta escola de formação poderiam ser convocadas para integrarem as Forças Armadas no serviço de saúde da FEB, estando, portanto, conscientes desse fato.

A oferta dos cursos aumentou devido à necessidade de formar um grupo feminino de enfermeiras para se juntar aos soldados brasileiros no *front* italiano. Houve uma grande procura, conforme noticiado em vários jornais da época. Obviamente, a adesão aos cursos de enfermagem oferecidos em larga escala tinha um propósito além do desejo dessas mulheres em cumprir o chamado feito pelo Estado brasileiro para atuar no serviço de saúde da FEB e contribuir com o esforço de guerra.

A sociedade desempenha um papel crucial na criação de representações e no estabelecimento de práticas que orientam nossos pensamentos e ações. Nesse contexto, a mulher e seus papéis sociais têm sido objeto de reflexão por intelectuais, que discutem sua atuação na sociedade. A imprensa desempenha um papel relevante nesses debates, tornando-se um meio eficaz de disseminação dessas discussões.

Ao longo do tempo, a imagem feminina passou por um processo de disputa e transformação social. Mulheres pertencentes às camadas privilegiadas da elite e da classe média, com boa formação educacional, buscaram conquistar o reconhecimento intelectual como forma de escapar dos papéis sociais restritos ao casamento e ao espaço doméstico. Essa busca por reconhecimento teve como resultado uma mudança significativa na forma como as mulheres eram percebidas pela sociedade. Esse processo de reconfiguração social e mudança de percepção só foi possível graças à valorização da instrução e à crescente inserção das mulheres no mundo do trabalho. Assim, a instrução desempenhou um papel fundamental ao favorecer a emancipação das mulheres, permitindo-lhes desafiar as normas sociais estabelecidas e buscar uma participação mais ativa na vida pública e profissional.[116]

---

[115] SAMARITANAS e socorristas de guerra. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [*s.v*], n. 1, p. 30-35, jul. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=460. Acesso em: 12 maio. 2023.

[116] ROCHA, O. C. L. Discursos e imagens sobre mulheres nas primeiras décadas do século XX na sociedade de Teresina. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho de 2011.

Quando questionadas sobre o motivo de ingressarem na CVB, as enfermeiras deram as seguintes respostas: sentido religioso e dever para com o próximo, vocação, uma atividade alinhada com as qualidades femininas, gosto pela profissão, servir à nação, o sonho de ser enfermeira desde a infância, aprimoramento das habilidades aprendidas na escola da CVB, aprendizado de primeiros socorros, testemunhar dedicação ao Brasil, servir o Brasil como enfermeira, ser útil ao próximo e à pátria, servir à pátria e ser exemplo de abnegação.

As respostas refletem, em grande medida, o discurso difundido pela imprensa da época, principalmente pela Revista da CVB. Em geral, elas são condescendentes com uma série de artigos publicados na revista ao longo do período de guerra. As pesquisas realizadas e publicadas pela Revista da CVB seguem a legitimação desse discurso, no qual frases e palavras como o sentimento de amor à pátria, sacrifício e disposição em servir estão presentes ao longo dos artigos publicados entre os anos de 1942 a 1945, quando o Brasil se posicionou em aliança com os Estados Unidos e enviou contingentes para a guerra.

Quando questionadas sobre a participação das mulheres no serviço de guerra, fica evidente e legitimado, por meio de suas próprias respostas, o lugar da mulher. Por exemplo, ao afirmarem que o papel da mulher é auxiliar o soldado na vitória da guerra e que é no momento de guerra que se exige a participação de todos, independentemente de sexo e de elementos sociais. Elas destacam que a atuação da mulher é importante tanto nos hospitais quanto no ambiente doméstico, e, portanto, os serviços das mulheres são necessários em todos os setores. Algumas respostas também mencionam questões de igualdade de gênero nas circunstâncias da guerra, além de afirmarem que o aprendizado na área de enfermagem não deve se restringir apenas aos serviços de guerra, pois a guerra não possui fronteiras nem campo de batalha, e a mulher deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance. Dessa forma, as enfermeiras entrevistadas enfatizam a importância da participação das mulheres no serviço de guerra, embora boa parte delas não tenha manifestado interesse em servir de forma voluntária como enfermeiras no *front* italiano.

O desejo de cumprir o dever e o amor à pátria é incutido nelas por meio do discurso coletivo da mídia da época, que reproduz o discurso do governo. Quando questionadas se desejam prestar serviços na guerra fora do país, isso fica evidente em todas as respostas. Apenas uma das doze entrevistadas demonstrou um interesse efusivo em ir para a guerra e servir, enquanto as outras responderam que não, mas estariam dispostas a fazê-lo se solicitadas. Embora tenham se alistado na escola da CVB de forma consciente, isso não significava necessariamente que realmente desejavam ir para a guerra.

Com isso, há a hipótese de que muitas aproveitavam a ampla oferta de cursos para se profissionalizarem, obterem um diploma e adquirirem um ofício necessário em qualquer lugar. Dessa forma, poderiam adquirir capital intelectual, proveniente do conhecimento adquirido por meio de estudos próprios ou de uma instituição. Isso lhes proporcionaria a possibilidade de sair do espaço privado e ingressar no espaço público, ganhando certa independência, autonomia e utilidade dentro da sociedade civil. O motivo pelo qual essas mulheres, em sua grande maioria brancas e de classe média ou alta, se dispuseram a enfrentar duras condições e perigos na guerra vai além do discurso oficial. Envolve questões subjetivas e pessoais. Embora exista um discurso oficial sobre o desejo de participação dessas mulheres na guerra, ele não é o único fator determinante.

O monopólio da dominação masculina se manifesta através do controle exclusivo de ocupações, técnicas e heranças patrimoniais. As mulheres, por meio dessa dominação, são reduzidas a objetos de manipulação dentro da arte de governar, sendo alvo de discursos e práticas relacionados aos três pilares fundamentais: família, sociedade civil e Estado. [117]

"[...] As mulheres tiram do sistema compensações de todas as ordens, dentre elas, um certo número de poderes que lhes permite compreender o grau de consentimento que conferem ao sistema e sem o qual este não poderá funcionar."[118], ou seja, as mulheres são capazes de aproveitar os poderes que lhes são concedidos ou negados.

Há uma relação sutil entre poderes e contrapoderes. As mulheres utilizam-se dos poderes que lhes são deixados ou confiados, demonstrando astúcia diante dessa posição. É interessante compreender como elas se aproveitam e encontram brechas nessa dinâmica. Muitas vezes, as mulheres atuam como auxiliares dos homens, buscando conscientemente obter alguma vantagem ou reconhecimento de suas identidades e direitos. Isso fica especialmente evidente em períodos entre guerras ou lutas pela independência nacional, como na Segunda Guerra Mundial, quando as mulheres se fazem presentes na busca por uma maior participação, por serem reconhecidas e valorizadas. As mulheres têm travado lutas ao longo de séculos, buscando uma transformação significativa com o objetivo de romper com a reprodução imperceptível de discursos e práticas dominantes. Gradualmente, elas estão emergindo nos espaços públicos, reivindicando sua voz e espaço na sociedade.[119]

---

[117] DAUPHIN, Cécile et al. A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: Ensaio de historiografia. **Revista Gênero**: Niterói, v. 2, n. 1, p. 7-30, 02 set. 2001.
[118] DAUPHIN, et al., 2011. p. 19.
[119] MELO, H. P; THOMÉ, D. **Mulheres e poder**: história, ideias e indicadores. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p.192.

3.2 A enfermeira expedicionária: mãe-pátria, abnegada e caridosa

O serviço de saúde em meio à guerra está intimamente ligado às relações sociais entre os sujeitos, ou seja, às relações de poder que os moldam nos espaços de atuação. As construções da identidade de gênero têm um impacto simbólico significativo sobre esses sujeitos. Um exemplo disso são as enfermeiras da FEB, que por vezes são simbolicamente representadas pela figura religiosa da Virgem Maria, evocando a imagem de abnegação e maternidade, enquanto em outros momentos são associadas a Eva ou Maria Madalena, carregando conotações de imoralidade e comportamento inadequado da mulher em espaços públicos.[120]

Determinadas representações simbólicas desempenham um papel crucial na internalização de valores, símbolos e normas da instituição militar às quais essas enfermeiras estão vinculadas. Embora exista um exercício de poder de cima para baixo por parte do Estado e da hierarquia na qual estão inseridas no quadro do Exército como enfermeiras, é no dia a dia, nas relações tanto igualitárias quanto desiguais, que elas conseguem exercer micropoderes e afirmar-se como sujeitos nos seus espaços de atuação e prática. [121]

A representação tradicional de gênero, na qual o homem é direcionado ao ambiente público de poder e produção, enquanto a mulher é relegada ao ambiente privado de reprodução, tem um impacto significativo nas relações sociais e culturais. Mesmo quando as mulheres ingressaram no Exército, por exemplo, inicialmente foram aceitas apenas na retaguarda, desempenhando o papel de enfermeiras, sob uma perspectiva maternal, perpetuada por meio de representações simbólicas, imagéticas e discursos que, em muitos casos, foram internalizados por elas mesmas. A prática de cuidar do outro sempre foi historicamente associada ao sexo feminino, confinando as mulheres a um papel social de reprodução biológica e cuidado com a família no ambiente doméstico. O trabalho profissional das mulheres como enfermeiras foi limitado a esse lugar social estabelecido.

Ao longo da história, as mulheres sempre desempenharam o papel de cuidadoras no âmbito familiar, utilizando, por vezes, práticas de medicina popular[122]. No entanto, o reconhecimento da enfermagem como uma profissão técnica e profissional exigiu um percurso

---

[120] COELHO, E. A. C. Gênero, saúde e enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 3, p. 345-348, maio./jun. 2005.

[121] FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2021.

[122] Ao longo da história, as práticas de medicina popular têm sido diversas e variadas, refletindo as crenças, tradições e recursos disponíveis em diferentes culturas. Estas práticas incluem o uso de plantas medicinais, rituais e cerimônias, terapias de manipulação corporal, amuletos e talismãs, dietas específicas e práticas de cura espiritual. Enquanto algumas dessas práticas têm fundamentos científicos e eficácia comprovada, outras são baseadas em crenças culturais e espirituais. É importante reconhecer a diversidade e complexidade das práticas de medicina popular ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais.

longo e desafiador. Anteriormente, o cuidado com corpos enfermos era principalmente atribuído às religiosas em hospitais e asilos, além das mulheres que praticavam cuidados com base na medicina popular. Foi durante a Guerra da Criméia (1853-1856) que ocorreram mudanças significativas nesse panorama. Por volta de 1850, houve uma reorganização do sistema de saúde, resultando na criação de um serviço de enfermagem dedicado aos exércitos envolvidos em combate. Essa transformação abriu caminho para que as mulheres pudessem assumir um papel mais formalizado e reconhecido no cuidado de saúde. [123]

No início do século XX, a Igreja, o Estado e a Medicina uniram-se em torno de um discurso higienista que buscava disciplinar e restringir as mulheres ao papel de mães, esposas e educadoras dos filhos. Embora as mulheres tivessem permissão para atuar no espaço público, isso só era aceito se elas reproduzissem os estereótipos socialmente estabelecidos, como era o caso das mulheres na enfermagem. Consequentemente, a profissão de enfermagem passou a ser predominantemente composta por mulheres, já que era vista como uma extensão das tarefas domésticas.

> [...] Nesse duplo espaço, a história reservou para a mulher/enfermeira uma mobilidade limitada, devendo preservar o que é definido socialmente como qualidades: docilidade, submissão, abnegação e recato. Em outras palavras, no mundo público, o lugar das mulheres seria a extensão do mundo privado. Para circular no espaço dos homens sem ser confundida com prostituta era necessário formar profissionais, cuja prática representasse o cumprimento de uma missão divina [...][124]

A fim de permitir que as mulheres circulassem em "espaços masculinos" sem serem associadas à prostituição, foi necessário investir na formação de profissionais na área de enfermagem, associando-as a uma dimensão divina. No início do século XX, no Brasil, a enfermagem moderna era fundamentada na figura da enfermeira, cujo instinto materno era considerado inerente e uma característica natural do sexo feminino. Assim, o trabalho de enfermagem tornou-se uma ocupação predominantemente feminina. Apesar de desempenharem uma função tradicionalmente associada ao "trabalho feminino", as enfermeiras conseguiram ingressar em ambientes mistos e dominados por homens.

Dessa forma, as funções desempenhadas pelas mulheres no âmbito privado/doméstico também se estendem ao âmbito público/profissional. Por exemplo, na área da enfermagem, mesmo em ambientes hospitalares durante períodos de guerra, as mulheres desempenham atividades similares às realizadas no contexto privado, especialmente ligadas ao cuidado materno. Determinadas representações dos papéis femininos acabam gerando estereótipos comportamentais tanto em relação às enfermeiras quanto às mulheres nessas esferas de atuação.

---

[123] PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 125.
[124] COELHO, 2005.

Esses estereótipos são construções sociais que, embora influenciem as práticas, nem sempre refletem todos os aspectos estruturais envolvidos. [125]

As profissões que inicialmente eram exercidas por mulheres estão estreitamente ligadas às funções consideradas "naturais" no contexto materno e doméstico, como enfermeira, assistente social e professora primária, atribuindo a elas o papel de cuidar e confortar simultaneamente. Essas ocupações pressupõem qualidades consideradas inerentes às mulheres, como habilidades físicas e morais, execução passiva, doçura e organização. Essas "qualidades femininas" são resultado da educação tradicionalmente atribuída às mulheres, características reais disfarçadas como "atributos naturais" e subordinadas a um ideal supremo: a feminilidade. Esses elementos compõem o que é conhecido como a "profissão de mulher". [126]

Como bem mostra um trecho de um artigo publicado na Revista da CVB, em que se ressalta a feminilidade da profissão de enfermeira:

> Sempre foi uma das atribuições instintivas da mulher a prática de enfermagem. No lar, na vida social, nos transes e imprevistos dolorosos, a sua ação natural de bondade se reveste, desse ou daquele modo, com um aspecto empírico às vezes de pronto socorro e de assistência. Pode-se mesmo dizer que, se o homem por ser o mais forte está afeito à luta, é guerreiro; a mulher, pela sua natureza, pela meiguice das suas atitudes é propensa quase como um imperativo biológico ao desvelo, isto é, à prática mansa de cuidar das crianças, dos fracos, dos necessitados, dos que carecem, temporária ou definitivamente de uma ajuda protetora ou de um pronto alívio; é a enfermeira [...]. Referem as crônicas das mais remotas idades, essa atividade de enfermagem, exclusiva, característica do sexo, inata da mulher.[127]

A construção social dos gêneros está profundamente ligada à divisão sexual do trabalho, na qual o atributo do órgão sexual é considerado determinante para essa divisão. A profissão de enfermeira é frequentemente associada ao instinto feminino, sendo vista como uma prática predominante no âmbito privado e aprendida de forma empírica. Nesse trecho do artigo, fica evidente a maneira como se qualificam e solidificam os espaços que a sociedade espera que as mulheres ocupem, perpetuando uma divisão considerada "natural" baseada em misticismo e predisposição biológica. A enfermagem é frequentemente percebida não apenas como uma profissão, mas como um dom inato das mulheres, atribuído simplesmente pelo fato de serem mulheres e supostamente possuírem características favoráveis.

Nesse contexto, as mulheres assumem determinadas funções não com base em sua qualificação, uma vez que isso é considerado intrínseco à sua natureza. Isso leva à

---

[125] BRODERSEN, M. I. C. S; PADILHA, H. H; VAGHETTI, G. Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 292-300, abr./jun. 2006.

[126] PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 253.

[127] ANDRADE, Carlos Sudá de. A profissão de enfermeira. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [s.v], n. 2, p. 2, ago. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=484. Acesso em: 12 maio. 2023.

desvalorização da capacidade de aprendizado das mulheres. A distribuição de papéis de gênero acaba adquirindo um valor hierárquico, em que os papéis são considerados complementares e subordinados uns aos outros.

As relações estabelecidas entre homens e mulheres, sobretudo no mundo do trabalho, têm como sentido a divisão sexual do trabalho. Em contexto de guerra, essas representações do papel social da mulher, embora haja algumas flexibilizações, há uma clara divisão espacial e das funções desempenhadas entre homens e mulheres. A mulher na retaguarda, aos cuidados dos feridos, e o homem na linha de frente, pegando em armas. No entanto, muitas mulheres em contexto de guerra conseguem fugir desses estereótipos estruturantes que limitam seus espaços de locomoção, mesmo no desempenho de funções consideradas femininas, como no caso das enfermeiras da FEB. Através das relações de poder no trabalho conjunto da equipe médica norte-americana, elas conseguem tirar proveito e permitindo-lhes assumir papéis mais ativos e influentes na prestação de cuidados médicos e no auxílio aos soldados feridos.[128]

Para que a mulher pudesse exercer no ambiente público profissões como a enfermagem e o magistério de forma remunerada, foi preciso "moralizar" as atividades dessas mulheres "[...] Para tanto recorreu aos estereótipos que remetiam e reforçavam a existência de uma natureza feminina da qual faziam parte atributos de submissão, caridade, abnegação e paciência [...]."[129] Em outras palavras, essas profissões foram concebidas como extensões do papel de esposa e mãe, o que resultou na precarização e na baixa remuneração dessas funções.

Estes papéis, que se naturalizam com base no gênero masculino e feminino, regulam de forma arbitrária os corpos e sustentam a exploração material desses corpos, subjugando um sexo ao outro. Homens e mulheres são produtos de um sistema heterossexual que reproduz a submissão da mulher, tanto como força de trabalho sexual, quanto como útero responsável pela reprodução. Essa exploração é estrutural. O corpo possui uma linguagem, e este texto é socialmente construído, carregando consigo uma história de produção e reprodução. Por vezes, essas construções se naturalizam, permanecem estáticas ou são eliminadas. No entanto, os símbolos do que é considerado feminino e masculino, e consequentemente os papéis atribuídos a cada um, são socialmente estabelecidos como naturais.[130]

As enfermeiras da FEB, ao serem incorporadas na retaguarda do Exército, mesmo após receberem uma nova patente, recebiam um soldo muito inferior às funções desempenhadas. A

---

[128] MOREIRA, M. C. N. Imagens no espelho de Vênus: mulher, enfermagem e modernidade. **Revista Latino-Americana de Enfermagem.** Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 55-65, jan. 1999.
[129] MOREIRA, 1999.
[130] PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**. 2ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2017.

atribuição de suas funções era permeada por um discurso religioso e de vocação para o ato de cuidar. Por ser considerada uma profissão "essencialmente feminina" pela sociedade da época, o reconhecimento e o valor atribuídos a elas eram significativamente reduzidos. [131]

A profissão de enfermeira nasce imbricada no seio da caridade social, exercida como uma obra voluntária em hospitais, creches e asilos, subjugadas ao termo "maternidade social". Como demonstra esse trecho de um artigo publicado no *Jornal do Brasil* sobre as enfermeiras da FEB:

> Enfermeiras das Forças Expedicionárias, enfermeiras brasileiras, que no mais nobre dos voluntariados acompanhastes ao campo de batalha de nossos rapazes, o pensamento de todas as mães, as esposas, irmãs, as noivas do Brasil está convosco.
> É uma verdade que já de sobejo vos terão dito, mas que nunca bastante se vos dirá. Levastes no carinho de vossas mãos, na doçura de vossa presença, na competência técnica de vossos cuidados, na coragem de vossa cooperação, no devotamento de vosso patriotismo, os anseios de todas aquelas que não puderam seguir com eles, de todas essas que aqui ficaram, os olhos postos em vós com reconhecimento e confiança, a alma posta em Deus com a esperança de proteção e certeza da vitória [...] Tudo que poderíamos fazer por estes amados soldados, empenhados na mais brava das campanhas e na mais alta das solidariedades temos a bendita certeza que neste momento o fizeste. São os nossos filhos que entregamos a bondade do vosso amparo e a eficiência do vosso socorro. Uma benção perene vos acompanha, enfermeira do Brasil. [...] [132]

Nesse "trabalho de amor", as mulheres não devem esperar nenhuma retribuição, pois são consideradas "operárias da caridade" nas guerras, contribuindo para "reprimir a barbárie". O papel atribuído à enfermeira que vai à guerra assemelha-se ao da Virgem Maria, conforme representações produzidas pela imprensa impressa. Elas são retratadas por meio de discursos e imagens como mães que protegem seus filhos, os soldados da pátria, e incorporam a feminilidade da maternidade que permeia os cuidados da enfermagem.

Os espaços delimitados tanto no mundo do trabalho quanto em períodos de guerra remetem a lugares simbólicos que têm origem nas relações familiares e na sociedade em que o indivíduo está inserido.[133] As enfermeiras da FEB são associadas a características como abnegação, altruísmo, maternidade e sacrifício, sendo representadas e qualificadas de acordo com essas qualidades para estabelecer seus papéis e funções sociais. Essa representação tem o objetivo de moldar a percepção que a sociedade tem delas, pois este artigo não é apenas um texto isolado, mas parte de uma intenção e objetivo maiores, vinculados a um discurso de

---

[131] SPÍNDOLA, T. Mulher, mãe e... trabalhadora de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 34, n. 4, p. 354-361, dez. 2000.
[132] CELSO, M. E. As enfermeiras da força expedicionária. **JORNAL DO BRASIL**. Rio de Janeiro, ano 54, n. 263, p. 05, 07 nov. 1944.
[133] PEREIRA, A. V. Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros**. Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 49-77, jan./jun. 2011.

propaganda nacional. Espera-se, portanto, que a mulher que se aventura na guerra carregue consigo todas essas características objetivadas.

Continuando o mesmo artigo, nas ideias de servir à pátria havia uma imposição à beatitude na profissão:

> [...] o soldado brasileiro encontra, por certo, em vossas abnegadas colaborações, não só lenitivo e conforto nos males do corpo, como estimulo e compreensão nas assomas da alma [...] Mães, realmente, da mais pura, da mais santa, da mais abnegada das maternidades: a maternidade do sofrimento. Aquela que, despida de todo egoísmo, a todo os que precisam, indistintamente, acolho no amplexo maternal da sua dedicação. Enfermeiras da nossa terra, na aspereza da guerra que a terra alheia vos conduziu, sem medir sacrifícios nem trabalho, são daí que nos vem a nossa consolação. O soldado brasileiro não se acha só combatendo o bom combate. Todas as mães do Brasil estão junto dele em cada uma de vós, enfermeiras das forças expedicionárias.[134]

O estigma de serem vistas como mães é imposto às enfermeiras e está intimamente ligado à maternidade do sofrimento. Elas são retratadas como as mães que rezam, choram e aguardam o retorno de seus filhos da guerra. Os princípios de abnegação, compaixão, caridade, sacrifício e outros adjetivos que caracterizam essa profissão e, por extensão, as mulheres, são considerados essenciais pela disciplina militar. Isso reforça a ideia de que o trabalho das enfermeiras é um símbolo de união nacional e solidariedade em tempos de guerra.

Os adjetivos usados para descrever suas ações muitas vezes enfatizavam características pessoais em vez de reconhecer plenamente a eficiência técnica que essas profissionais demonstravam, embora fossem notoriamente competentes. A romantização do sofrimento, a precariedade de suas funções e a atribuição do papel materno nesse discurso eram claramente estratégias destinadas a apelar à sociedade e reforçar o papel ativo dessas mulheres como enfermeiras durante o período de guerra.

Além disso, ressalta-se que a participação ativa das enfermeiras da FEB na guerra demonstra um momento de ruptura ao papel de atuação da mulher na sociedade, como mostra o trecho a seguir:

> Convém ressaltar o patriotismo de nossas enfermeiras expedicionárias devido a uma circunstância particular. Essas moças, alistando-se em nossas forças armadas, não se dispuseram a enfrentar somente a ferocidade germano-fascista. Investiram, também, contra um inimigo temível – o preconceito de um país onde a mulher está apenas começando, em certos setores, a se libertar de um tradicionalismo atrasado de séculos. Acima de tudo isso, entretanto, as moças do serviço de saúde da FEB colocaram seu amor ao Brasil e sua solidariedade para com os nossos combatentes [...] contudo, em todos os países, em situações como esta, jamais é dispensado o concurso do povo. O apoio particular, em circunstâncias como esta, não tem apenas efeito material. Importa num gesto de solidariedade, moralmente confortador.[135]

---

[134] CELSO, M. E. As enfermeiras da força expedicionária. **JORNAL DO BRASIL**. Rio de Janeiro, ano 54, n. 263, p. 05, 07 nov. 1944.
[135] PRECISAMOS prestigiar ainda mais nossas Patrícias que se encontram no front. **DIÁRIO CARIOCA**. Rio de Janeiro, ano 14, n. 5.009, p. 01, 12 out. 1944.

Assim sendo, além da associação com a figura religiosa da Virgem Maria em seu aspecto maternal, exalta-se o espírito de patriotismo. Ou seja, as enfermeiras da FEB são a mãe-pátria, aquela que se sacrifica em prol da nação, cumprindo seu dever. É por isso que a sociedade brasileira precisa demonstrar seu apoio moral e material a essas enfermeiras. Esse artigo publicado no jornal *Diário Carioca*, ao mesmo tempo que exalta a figura das enfermeiras da FEB, clama pelo reconhecimento da sociedade civil da época em relação à demonstração de patriotismo dessas mulheres que se dispuseram a ir para a guerra na condição de enfermeiras.

Em um trecho de uma reportagem que abordava a situação dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que se recuperavam no Hospital Militar de Natal após o fim da Segunda Guerra Mundial, publicado na revista "O Cruzeiro" do Rio de Janeiro, destacava-se a presença significativa da enfermeira piauiense Maria Hilda Policarpo de Melo. No HM de Natal, é ressaltada a sua presença a partir um papel e uma representação maternal, como evidenciado no seguinte trecho da reportagem:

> [...]Os expedicionários são sensíveis ao carinho e às palavras amigas. Pediram-me que ao escrever sobre eles não deixasse de citar o nome de Maria Hilda Mello, enfermeira presentemente em Natal e que eles não hesitam em considerar uma santa, tal a sua dedicação. Quando deixaram e hospital em Natal os expedicionários reuniram-se e fizeram uma coleta a fim de comprarem uma lembrança para a jovem enfermeira. Deram-lhe uma estatueta da Virgem.[136]

A iniciativa de fazer uma coleta e presentear a enfermeira Maria Hilda Mello ilustra a solidariedade e a forte conexão que se desenvolveu entre os soldados e a equipe médica brasileira no *front* italiano, destacando o profundo impacto emocional do cuidado e do apoio prestados não apenas por Maria Hilda, mas também por todo o corpo de enfermeiras. O presente escolhido, uma estatueta da Virgem Maria, reflete a internalização da figura da enfermeira como algo religioso e divino. Isso cria uma imagem de profissionais que vão além de suas funções técnicas, desempenhando um papel fundamental no bem-estar emocional dos pracinhas em meio ao horror da guerra.

Quando o ato de cuidar dos enfermos saiu do controle das freiras no início do século XIX e passou a adquirir uma formação profissional nas instituições hospitalares, houve um empenho conjunto do Estado na formação de profissionais de enfermagem. No Brasil, isso ocorreu no início do século XX, principalmente durante o governo de Getúlio Vargas. A profissão de enfermagem ganhou espaço na sociedade, com a predominância da figura feminina e a escassa presença masculina. Essas representações imagéticas e discursivas estavam

---

[136] NORTON, Barbara. Expedicionários do Brasil. **O CRUZEIRO**. Rio de Janeiro, [*s.v*], [*s.n*], p. 3, maio. 1945. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pesq=%22Maria%20Hilda%20Mello%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=45353. Acesso em: 12 maio. 2023.

presentes nos uniformes utilizados, nas propagandas de medicamentos que circulavam e nas revistas de circulação semanal no Brasil no início do século XX. Isso contribuiu para a construção da identidade da enfermeira brasileira na sociedade, por meio de estereótipos que associavam o trabalho doméstico feminino ao espaço público. [137]

A Escola de Enfermagem Ana Nery (EEAN) surge neste contexto no início do século XX, como parte do movimento sanitarista brasileiro. Inicialmente, ela foi nomeada Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde. Esse modelo de ensino aceitava apenas candidatas do sexo feminino, o que, embora democratizasse o acesso das mulheres ao mercado de trabalho e ao ensino superior, também acabava por demarcar a enfermagem como uma profissão exclusivamente feminina, ligada à prática do cuidado. Essa perspectiva também reflete a intenção de moralizar a profissão, que era exercida por mulheres de diferentes origens, desde prostitutas até religiosas. [138]

Assim, consolida-se a feminilização da enfermagem no Brasil no início do século XX, sob forte influência religiosa, além de princípios militares e diretrizes estatais. O objetivo era estabelecer princípios patrióticos, hierarquia e disciplina, a fim de projetar um padrão identitário para as enfermeiras em sua prática profissional. Durante sua formação profissional, mesmo nas décadas de 1940 e 1950, em que se buscava rigor científico, ainda se exigia das enfermeiras uma postura de subserviência no cuidado dos pacientes. Além disso, eram influenciadas em sua aparência e comportamento por normas religiosas e militares, conforme descrito a seguir:

> Essas posturas, atreladas às influências religiosas e militares que atendiam aos costumes da época, podem ser percebidas a partir de uma linguagem corporal feminina condicionada e controlada através de gestos, atitudes e comportamentos, de ritos de passagem e/ou "cerimônias de formatura", uso de símbolos marcantes como uniformes, emblemas, insígnias e/ou objetos no cotidiano da formação e prática; que em conjunto à intenção de valorizar a identidade profissional, apresentavam a enfermeira a sociedade.[139]

A mobilização de enfermeiras voluntárias, exigindo-se uma qualificação mínima, formou um efetivo heterogêneo e de baixo custo, partindo da presunção de que a mulher, enquanto enfermeira, possui um dom "natural" e "inato" de cuidar. Conforme afirma Michele Perrot[140], a guerra acaba por reafirmar os papéis de cada sexo, trazendo consigo efeitos conservadores e retrógrados. No entanto, essa questão não pode ser reduzida a uma simples equação. Mesmo atuando em funções consideradas próprias da natureza feminina na época, ao

---

[137] PEREIRA, 2011.
[138] MOREIRA, Almerinda**.** Desmitificando a Origem da Enfermagem Brasileira. In: GROVANINI, Telma et al. (org.). **História da Enfermagem**: Versões e Interpretações. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p. 61-130.
[139] PEREIRA, 2011.
[140] PERROT, 2005.

adentrarem nesses espaços mistos, as enfermeiras expedicionárias tiveram acesso a um mundo mais amplo de percepções e culturas distintas durante seu trabalho como enfermeiras militares nos hospitais de campanha na Itália.

A militarização permitiu colocar os indivíduos em contato com o poder, manipulando a ideia de que detê-lo traria benefícios. A obediência e o respeito não eram garantidos por uma lei abstrata, mas sim pelas normas de um viver concreto. Nesse contexto, a mulher desempenhou um papel importante como mediadora entre seus filhos e o Estado, incentivando o "amor à pátria". No entanto, a prioridade atribuída à mulher era exercer o papel de mãe de forma exemplar.[141]

> A "vocação" feminina em "cuidar" – seja da família, dos filhos ou, neste caso, dos soldados – foi a marca da participação das mulheres no esforço de guerra. As relações de gênero, dominantes socialmente na década de 1940, foram responsáveis pela definição clara do papel do voluntariado feminino nesse episódio. Tanto as voluntárias da LBA, quanto as enfermeiras enviadas para o *front* italiano, estavam, em maior ou menor grau, comprometidas com o mesmo propósito: zelar pela saúde e bem estar dos filhos da pátria. A imagem da mãe, associada à pátria, confere à mulher fundamental importância na recepção da FEB.[142]

Há uma frequente naturalização da função materna atribuída a essas enfermeiras e às mulheres de forma geral. Essa identidade baseada em um discurso biológico ocorre simultaneamente à sua utilidade social. Durante tempos de guerra, é comum ocorrer uma mobilização identitária que não reforça a igualdade, mas sim define os papéis que cada um deve desempenhar. As mulheres são simbolicamente representadas como destinadas à maternidade e caracterizadas como afetuosas. Essa transposição do papel de mãe é evidente nas enfermeiras da FEB, sendo constantemente associada a elas, tanto na imprensa escrita quanto nos depoimentos de ex-combatentes e em seus próprios relatos.

É uma forma de violência simbólica reduzir a atuação dessas mulheres apenas ao papel materno e colocá-las em uma posição de subserviência. Conforme Miriam Grossi[143], a categoria de gênero é mutável e serve para determinar tudo o que é social, cultural e historicamente condicionado. Joan Scott[144] destaca que o gênero se constrói na diferença e dá sentido a essa diferença, sendo elementos constitutivos das relações sociais baseadas no sexo. Assim, embora exista uma ideia de flexibilização das relações de gênero com o surgimento de guerras ou conflitos nacionais, acaba-se por definir os papéis de cada gênero no teatro das operações. Em outras palavras, os soldados combatem com as armas, derramando o sangue do inimigo sob o

---

[141] COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
[142] RIBEIRO, 2013. p. 68.
[143] GROSSI, 1998.
[144] SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

branco da neve do inverno italiano, enquanto as enfermeiras exercem sua compaixão nos cuidados com os feridos. Isso resulta em uma divisão do espaço e das funções de acordo com o gênero.

Nesta reportagem publicada na Revista da CVB, percebe-se como foi estabelecido o lugar social e espacial que a mulher deveria ocupar durante a Segunda Guerra Mundial, principalmente a mulher brasileira no papel de enfermeira:

> O desrespeito às normas sagradas do direito das gentes, traduzido em bombardeios a hospitais e a transportes de feridos, na atual guerra, deu lugar a uma profunda transformação no papel da enfermeira que se tornou, em circunstancias, também uma combatente, visto como está exposta aos mesmos perigos que passam sobre os soldados em luta. Uma combatente, todavia, que jamais fere e cuja ação única contra o inimigo é trabalhar pela sobrevivência e o conforto dos que entregues aos seus cuidados. [...] Os observadores são unânimes em acreditar que é profunda a influência que exerce, sobre o moral das tropas, essa intervenção mais direta e sensível da mulher mobilizada. Mais do que pensar feridas, auxiliar intervenções cirúrgicas, cercar de todo o possível conforto moral os que sofrem, as enfermeiras desta guerra estão fazendo um trabalho de grande força psicológica e crescendo na admiração de todos, combatentes ou não [...]. Nas reportagens de campanha, lê-se, muitas vezes, que é mais tranquila a morte do soldado que toma nas suas mãos moribundas a mão delicada da compatriota que o assisti e anima. [...][145]

Aqui é descrito o ideal de mulher e seu papel exercido, e claro, com uma exaltação da prática de enfermagem, que nesse momento passa por uma mudança de significado simbólico. No entanto, é enfatizado o papel atenuante da enfermeira. Embora estejam expostas aos mesmos perigos que os homens na linha de frente, elas desempenham funções e ocupam espaços distintos. A influência e a assistência que fornecem na retaguarda sempre são acompanhadas por uma visão simbólica de conforto materno.

Nem sempre as mulheres se espelham nas imagens que são construídas sobre elas, no entanto, as representações predominantes têm o poder de influenciar suas maneiras de ser, agir e sentir nos espaços que ocupam. As enfermeiras, dessa forma, internalizam e incorporam características associadas à feminilidade, como o instinto maternal evidente no cuidado dos enfermos frágeis, assemelhando-se ao cuidado de uma criança que precisa ser embalada e protegida, assumindo o papel de enfermeira auxiliar atrás das linhas de frente, apoiando os médicos. Apesar dos estereótipos limitadores e definidores de seus espaços de atuação, elas exercem micropoderes em suas áreas de atuação. [146]

---

145 A ENFERMEIRA de guerra. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [*s.v*], n. 16, p. 01, jan./fev. 1945. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=1279. Acesso em: 12 maio. 2023.

146 PINSKY, C. B. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 159-184, jan./abr. 2009.

Nas guerras, as relações entre ambos os sexos, tanto na teoria quanto na prática, sofrem mudanças profundas, resultando em efeitos variados e opostos. As guerras têm o poder de interromper ou retardar as evoluções que já estavam em curso, ao mesmo tempo em que reafirmam uma postura conservadora, recolocando cada sexo em seu lugar designado. O corpo humano carrega consigo uma história, na qual lhe são atribuídas representações e um lugar de poder na sociedade. A identidade conferida não é uma causa em si, mas sim um efeito da exposição às diferenças culturais. [147]

Como afirma Michelle Perrot[148], a relação entre os sexos está intrinsecamente ligada a questões de "vocação natural". No caso da enfermagem, por exemplo, o estigma de ser uma profissão feminina ou de práticas associadas às mulheres frequentemente traz consigo essa associação e, consequentemente, a desvalorização do trabalho das enfermeiras. Isso ocorre porque a profissão está vinculada às práticas cotidianas do ambiente familiar.

No relato a seguir, é perceptível a desvalorização das enfermeiras brasileiras ao não lhes ser concedido um posto hierárquico nas Forças Armadas e os obstáculos que essa situação acarretou:

> A questão dos postos hierárquicos durante a guerra foi vexatória para muitos integrantes, inclusive para os oficiais enfermeiras. Embora a profissão de enfermagem seja eminentemente feminina, o Exército só tinha, até então, enfermeiros masculinos. Alertados pelos americanos de que a FEB deveria levar seu próprio corpo de enfermeiras, não só para facilitar o entendimento entre pacientes e enfermagem, como também porque as suas profissionais já estavam sobrecarregadas de serviços, foi aí então que o Brasil se viu premiado a organizar o curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército e, dentre as que terminaram esses cursos, selecionou as que seguiram para a Itália. [...] as primeiras enfermeiras sofreram inúmeras humilhações por não terem posto, diziam que elas pertenciam ao círculo de oficiais, mas não possuíam nenhuma divisa. O americano não entendia essa complicação, pois as dele assim como a dos demais países, tinham suas situações claras e definidas.[149]

Enquanto enfermeiras militares, apesar dos inúmeros relatos sobre as dificuldades de inclusão e permanência em espaços altamente hierarquizados, elas estavam construindo seu próprio espaço nesses locais. De certa forma, ampliaram seu poder social nas práticas cotidianas de um viver concreto.

No quadro hierárquico do exército, as enfermeiras da FEB foram inicialmente designadas como enfermeiras de terceira classe do ciclo de oficiais subalternos do Exército Brasileiro, um posto que não existia e foi criado especialmente para acomodá-las. "Em nota dirigida ao general Souza Ferreira, diretor de Saúde do Exército, o ministro Federico Dutra, declarou o seguinte: a) As enfermeiras não terão graduação ou posto militar, mas formarão um

---

[147] PERROT, 2005.
[148] PERROT, 2012.
[149] CANSANÇÃO, Elza. **E foi assim que a cobra fumou**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 64-65.

círculo à parte e dentro dele terão a hierarquia da classe – 3°, 2° e 1° [...]"[150] Por outro lado, todas as enfermeiras que atuaram na FAB tinham formação profissional na EEAN e foram nomeadas como tenentes desde o início. Somente após várias complicações decorrentes da falta de posto hierárquico, as enfermeiras da FEB foram promovidas ao posto de segunda tenente. [151]

É importante ressaltar que as enfermeiras que atuaram na FEB tinham pouca formação em enfermagem; a maioria possuía apenas uma formação técnica e não falava um segundo idioma. A situação de desigualdade é ainda mais evidente em relação às enfermeiras norte-americanas, que já naquela época ocupavam postos hierárquicos com salários e graduações militares bem definidos. É pertinente questionar o motivo pelo qual incomodava tanto equipará-las a oficiais. Essa questão vai além das barreiras de gênero que permearam toda a trajetória dessas enfermeiras brasileiras, também está relacionada a questões de formação técnico-profissional.

Em seu depoimento, Berta Morais[152], deixa claro que encaminharam um número insuficiente de enfermeiras em relação a quantidade de soldados brasileiros que se deslocaram para o *front* italiano. "[...] nem de longe iria supor que para 25.000 brasileiros enviados à Itália, mal havia 67 patrícias ao lado deles! E que num hospital avançado, durante a guerra, seria preciso acomodar numa escala de serviço 10 enfermeiras em 12 enfermarias com 64 homens acamados."[153] O que fica evidente é que não houve nenhum esforço para recrutar enfermeiras profissionais ou diplomadas para integrar o serviço de saúde da FEB. Por outro lado, todas as enfermeiras da FAB eram profissionais treinadas nos Estados Unidos da América, com patente e salário significativamente maiores do que as enfermeiras da FEB.

Para que o voluntariado fosse efetivo, foi necessário atribuir novos significados à presença dessas mulheres no ambiente militar. Para tanto, resgataram nomes do passado, como o de Ana Nery, uma enfermeira que atuou na Guerra do Paraguai, buscando destacar suas contribuições positivas. Além disso, associaram-nas a ideais de patriotismo, denominando-as como "mãe-pátria", e evocaram uma dimensão religiosa ao relacioná-las à figura materna da Virgem Maria. Tudo isso tinha como objetivo não apenas atrair o voluntariado de enfermeiras, mas também difundir um discurso de comprometimento com a vida dos soldados brasileiros.

---

[150] A GRADUAÇÃO das enfermeiras Expedicionárias. **DIÁRIO DA NOITE**. Rio de Janeiro, ano 16, n. 3.478, p. 5, 13 maio. 1944.
[151] BERNARDES, M. M. R; LOPES, G. T. As Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no Front Italiano. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 447-453, 2007.
[152] MORAES, Berta. Testemunho de uma Enfermeira. In: MORAES, Berta et al. **Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1952. p. 405-423.
[153] Ibid., p. 407.

De acordo com Stuart Hall [154], a identidade muda à medida que o sujeito é representado, e essa identificação ou apropriação pode não ocorrer automaticamente. Apesar de toda a forma de representação e criação de uma identidade para as enfermeiras da FEB, houve uma grande resistência da sociedade da época em relação à presença dessas mulheres no Exército. A ideia de que a presença feminina no ambiente da guerra estava associada à prostituição era comum tanto dentro quanto fora do ambiente militar.

Por exemplo, Berta Morais, que atuou na FEB, mencionou em seu depoimento em uma coletânea publicada em 1952 um fato que gerou muita polêmica na época. Ela relatou convites indecentes feitos por oficiais brasileiros e americanos às enfermeiras da FEB. Isso evidencia como as mulheres eram vistas no ambiente da guerra e nas instituições militares. Ela descreveu um episódio vivenciado por ela e por outra colega:

> Em contraste, quando estávamos ainda em Santa Luce, aparecia de vez em quando um ou outro oficial brasileiro, a título de visitar o hospital ou procurar conhecidos, porém talvez mais animados de outras intenções. Uma noite, estávamos de serviço na enfermaria, eu e outra colega conhecida por seus excepcionais dotes de beleza. Para surpresa nossa, diante da hora absolutamente avançada para visitas, aparecem dois Majores, Major J. P. U. C., filho de importantíssima personagem nacional acompanhado pelo Major M. Passam pela enfermaria, cumprimentam-nos e pedem para falar ao Oficial-Médico de serviço. Pouco depois, vimos nosso oficial despedir, zangadíssimo, tão ilustres personagens. É que eles tinham pedido ao Oficial-Médico para "ajeitar" para eles as duas enfermeiras de serviço que, na opinião deles, não seriam de todo más. [155]

O fato de um dos Majores ser filho de uma "importante personalidade nacional", conforme descrito por Berta Morais, revela que estavam aproveitando sua posição de poder e influência em relação às enfermeiras. Apesar da ideia de cordialidade entre a tropa brasileira e as enfermeiras que era propagada na maioria dos jornais da época e muitas vezes reiterada por elas em suas memórias escritas em diários e livros, é provável que a compreensão da mulher que vivencia o ambiente de guerra tenha sido mais complexa do que aparenta nos registros disponíveis. Foi necessário, portanto, criar toda uma estrutura identitária em torno da figura das enfermeiras da FEB, a fim de promover o voluntariado e legitimar a presença dessas mulheres nesses espaços.

Na época saíram em diferentes jornais reportagens sobre a conduta de praças e oficiais para com as enfermeiras da FEB como mostra a seguir:

> A conduta das praças com relação as novas enfermeiras expedicionárias. Tendo-se verificado que algumas praças não tratam com o devido respeito as enfermeiras do Exército, quando uniformizadas, dirigindo-lhes gracejos descabidos e algumas grosserias, o general Beniolo da Silva, comandante da 1º Região Militar e guarnição da capital da república, deu – por bem recomendado que os comandantes de corpos,

[154] HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
[155] MORAES, 1952. p. 417.

> chefes de repartições e diretores de serviço e estabelecimentos façam sentir aos seus comandados que as enfermeiras merecem toda consideração, devido à sua patriótica e sacrassanta missão na guerra. Será punido severamente todo aquele que cometer falta dessa natureza. É questão de honra para qualquer militar prestar assistência e defender de qualquer agravo essas dignas enfermeiras, todas elas merecedoras do acatamento e respeito.[156]

Foi necessário que o comandante da 1ª Região Militar emitisse um comunicado à imprensa, advertindo que qualquer forma de desrespeito às enfermeiras da FEB seria punida. Isso evidencia que, apesar de todo o aparato discursivo e midiático que oficializou a presença dessas enfermeiras no Exército, elas não foram prontamente aceitas nesse ambiente.

Berta Morais[157], conta ainda que os namorados ou noivos das moças solteiras convocadas para irem para o *front* italiano casavam às pressas antes do embarque, de modo que elas não podiam, de acordo com a legislação vigente da época, integrar a FEB. Isso acabava desfalcando o corpo de enfermeiras, que já não era numeroso.

Outro episódio relatado foi durante o processo de assistência moral, no qual nem sempre as enfermeiras da FEB foram tratadas com respeito e incentivo, exceto pela diretora do posto 23 da CVB, Mabel Shaw, e as integrantes dessa associação, que forneciam apoio moral e material às enfermeiras, de acordo com Berta Morais[158]. Ela relata que a dama da sociedade Carmela Dutra, esposa do Ministro da Guerra da época, o general Eurico Gaspar Dutra, foi convidada a desempenhar o papel de oferecer assistência moral, mas não apoiava a entrada de mulheres no Exército:

> [...] A distinguida, porém, recebeu as moças da comissão na porta da rua e foi logo dizendo que em absoluto não aceitava, que era contra o fato de mulheres entrarem no exército e quanto mais para tomarem parte direta na guerra, que evidentemente não eram moças que prestassem as que já faziam parte da F.E.B. e por aí a fora [...][159]

Ou seja, a mulher presente no espaço público, que "naturalmente" foi reservado para os homens, corre o risco de ter sua honra e dignidade questionadas. Aquelas que não estão no ambiente considerado adequado para elas sofrem com o julgamento da opinião pública. Portanto, quando as mulheres vão para a guerra, como ocorreu na Segunda Guerra Mundial, são frequentemente acusadas de prostituição e rotuladas como vulgares.

Portanto, para desassociá-las dessa representação, foi necessário criar outra, na qual ocorressem trocas simbólicas para suprir uma necessidade. [160] Tornou-se então essencial associá-las à figura materna, de modo a gerar identificação e empatia por parte das mães, assim

---

[156] NOTÍCIA DO EXÉRCITO**. DIÁRIO DE NOTÍCIAS**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 6.612, p. 03-04, 14 maio. 1944.
[157] MORAES, 1952.
[158] MORAES, 1952.
[159] MORAES, 1952. p. 413.
[160] BOURDIEU, 1998.

como ocorreu com Ana Nery, que deixou seus filhos irem servir à pátria. Dessa forma, a adesão das mulheres ao serviço militar como enfermeiras passou a ser vista positivamente pela sociedade como uma verdadeira exemplificação de nacionalismo. No entanto, mesmo com todo esse aparato, essas mulheres não deixaram de sofrer com o moralismo da sociedade na qual estavam inseridas.

3.3 Do embarque à chegada ao *front* italiano

As primeiras cinco enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira a embarcar rumo à Itália o fizeram na madrugada de 07 de julho de 1944, de forma sigilosa, conforme relato de Elza Cansanção, integrante do destacamento pioneiro. Segundo Berta Morais[161], mesmo tendo terminado o curso de formação empatada na primeira colocação com mais duas colegas, incluindo Elza, o grupo pioneiro não foi formado pelas cinco melhores da primeira turma. De acordo com essa perspectiva, houve um favorecimento na seleção.

Cansanção descreveu o roteiro de viagem como uma verdadeira aventura, repleta de mistérios e perigos. As cinco enfermeiras do destacamento de saúde partiram do Rio de Janeiro em direção a Natal: "[...] ali tivemos o nosso primeiro contato com a guerra, pois vimos perfeitamente o periscópio de um submarino quase aflorando. Estávamos em uma praia quando avistamos partindo das dunas os sinais de Morse."[162] Muitas enfermeiras que passaram pelo CEERE não foram convocadas para seguir para o *front* italiano, mas tiveram a oportunidade de estagiar e trabalhar na base do Exército americano em Recife e Natal, nos hospitais militares ou nos serviços de transporte aéreo, ajudando os feridos que chegavam do *front* italiano. Um exemplo é a enfermeira piauiense Maria Hilda Policarpo de Melo, que concluiu seu curso em Fortaleza, sendo nomeada enfermeira de terceira classe e posteriormente atuando nos serviços de enfermagem em transporte aéreo em Natal e no Hospital Militar em Recife antes de seguir para Nápoles, na Itália.

[161] MORAES, 1952.
[162] CANSANÇÃO, 1987. p. 60.

Figura 12 – Primeiras oficiais enfermeiras brasileiras a chegar a Itália durante a Segunda Guerra Mundial, Nápoles, 15 de julho de 1944.



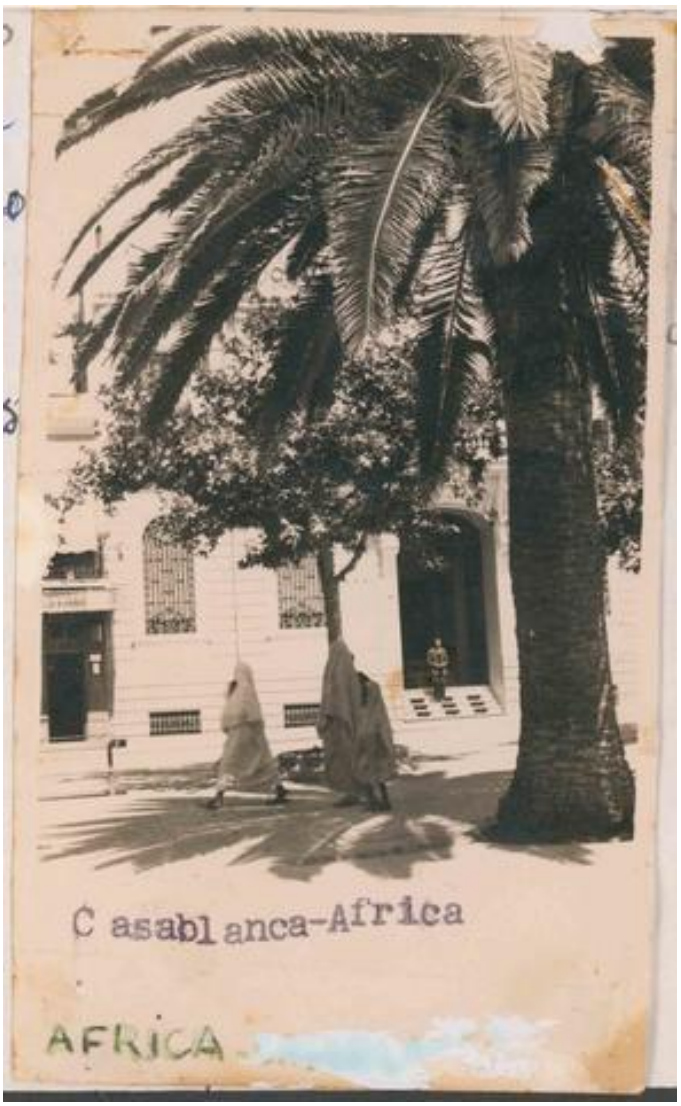
Fonte: BIBLIOTECA DIGITAL DO EXÉRCITO**,** 2023.

O grupo pioneiro de enfermeiras brasileiras partiu de Natal em direção à Ilha de Ascensão, seguindo por via aérea. Em seguida, continuaram sua jornada até Dacar, no Senegal. De lá, percorreram as cidades de Atar, Marrakech e Casablanca por via terrestre, até finalmente chegarem à Argélia. O destino final desse percurso foi Nápoles, na Itália. "[...] foram os alemães pela rádio que deram a notícia de que se encontravam em Alger (Argélia) as enfermeiras tais e quais, com o major fulano e que se destinavam a Nápoles."[163] Durante cinco dias, as enfermeiras realizaram uma jornada que envolveu trajetos aéreos e terrestres, atravessando o norte do continente africano até chegarem à Argélia. Ao alcançar esse ponto, elas tiveram que aguardar

[163] CANSANÇÃO, 1987. p. 61.

por mais três dias, buscando a autorização necessária para seguir em segurança até o destino final.

Figura 13 – Hotel Atlantic, requisitado para oficiais Brasileiros e americanos (em trânsito), Casablanca



Fonte: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2022.

Após chegarem em solo italiano em 15 de julho de 1944, as primeiras enfermeiras da FEB iniciaram seu trabalho nos hospitais de campanha, sob o comando dos norte-americanos. Elza Cansanção descreve sua rotina inicial da seguinte maneira:

> Quando começou o desembarque da tropa, chegaram os doentes. Cerca de 300 homens vieram diretamente de bordo para os hospitais onde estávamos, fora os que foram levados para o Hospital de Venéreas, onde não havia enfermeiras. O trabalho era árduo. Tudo diferente dos nossos hospitais, inclusive a rotina [...].[164]

[164] CANSANÇÃO, 1987. p. 71.

No diário manuscrito de Altamira Valadares, enfermeira que atuou na FEB, no qual os originais do diário se encontram em guarda permanente no Centro de Documentação da II Guerra Mundial, Cap. Enf. da FEB Altamira Pereira Valadares, possuindo, desta forma, dois volumes de encadernação simples: o primeiro de 28/08/1944 a 28/04/1945 e o segundo de 29/04/1945 a 22/08/1945[165], contam em detalhes a partir de sua perspectiva desde o embarque, seu cotidiano como enfermeira nos hospitais de campanha no *front* italiano, até sua volta para casa. A partir desses manuscritos, é possível conhecer em detalhes o percurso de viagem que boa parte das enfermeiras expedicionárias teve que seguir até chegar ao *front* italiano para atuar no serviço de saúde da FEB nos hospitais estadunidenses.

Altamira Valadares, que é natural da cidade de Batatais, do Estado de São Paulo, estava na cidade do Rio de Janeiro por ocasião do embarque rumo a Nápoles, Itália. Antes de sair do Brasil, a última parada era na base militar no nordeste brasileiro. Sendo assim, ela conta em seus escritos que sobrevoaram de avião com escalas na Bahia e Recife até chegar finalmente na base militar instalada na cidade de Natal, para assim seguirem viagem rumo ao solo italiano. Nesse percurso, era muito comum o contato direto com os soldados estadunidenses que estavam nas bases dos EUA em Recife e Natal, pois estes circulavam pelo mesmo ambiente e dividiam embarcações.

Além disso, muitas enfermeiras ficavam aguardando alguns dias na base militar de Natal, esperando autorização para o embarque e cumprindo compromissos oficiais. A base possuía áreas de lazer, como por exemplo, restaurantes e cinema ao ar livre, nos quais elas podiam, com autorização, fazer uso. Nesse contato direto, muitas enfermeiras brasileiras acabaram se envolvendo romanticamente com soldados e oficiais estadunidenses e casando-se após o fim da guerra. Inclusive, a enfermeira piauiense Maria Hilda Policarpo de Melo casou-se após o fim da guerra com um militar engenheiro mecânico dos Estados Unidos da América, que conheceu na base militar em Recife enquanto trabalhava no serviço de transportes aéreos.

A viagem atravessando o Atlântico era bem perigosa devido ao risco de ataques aéreos pelas forças do Eixo durante o trajeto. "[...] era preciso voar muito alto devido aos perigos de guerra [...] tomavam-se múltiplas precauções para aterrissar, decolar, etc. [...]"[166]. Caso não houvesse desvios, embarcavam da cidade de Natal em direção à base estadunidense localizada

[165] Os dois volumes originais do diário manuscrito de Altamira Valadares encontram-se disponíveis digitalizados e transcrito na internet, no site do Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, onde ela o intitulou como "Diário de Guerra".

[166] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 04, 06 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/6-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

na Ilha britânica de Ascensão no Oceano Atlântico Sul. Todas as enfermeiras expedicionárias fizeram a viagem de ida por via aérea.

O descaso com as enfermeiras era tão grande que não lhes forneceram ajuda de custo na alimentação para a viagem. Muitas vezes, os oficiais que as acompanhavam pagavam o valor dos almoços e jantares nas paradas da viagem. Altamira Valadares relata o seguinte: [...] Já previámos uma viagem dispendiosa, caso nas outras bases fosse assim, parando muitos dias em cada uma; isto nos preocupava. Havíamos saído do Rio com o dinheiro limitado (no máximo 2 contos de réis), por ordem particular estava prevenida, mas uma das colegas não [...][167]. A primeira parada no continente africano foi na base aérea de Acra, capital de Gana. Sendo assim, foi o primeiro lugar em que as enfermeiras brasileiras tiveram contato com os povos do continente africano.

Altamira Valadares em seu diário deixa um registro interessante sobre seu contato com os ganeses de Acra e a relação que os militares estadunidenses tinham com eles. Ela relata o seguinte:

> [...] Os serviçais negros são muito dóceis e fazem tudo. As nurses americanas aqui andam em casa a vontade, quase nuas na frente deles, penso que eles para elas não são humanos. Fazem as camas, passam roupas (senti não trazer meu ferro – aqui tem igual ao meu), engraxam os sapatos; gostam muito dos brasileiros. É proibido dar gorjetas a eles. As meninas deram escondido cigarros e chocolates.[168]

A descrição dos "serviçais negros" como "muito dóceis e fazem tudo" suscita reflexões sobre as relações de poder e servidão em um contexto histórico de colônia inglesa, onde tais dinâmicas eram consideradas como parte integrante da ordem estabelecida. A noção de que os "serviçais" não eram percebidos como seres humanos revela uma estrutura social e racial hierárquica.

Na cidade de Acra, capital de Gana, país que ainda era uma colônia inglesa na época, as enfermeiras brasileiras puderam ter acesso de forma passageira à cultura daquele país, que lhes era muito estranha durante o período em que aguardavam ordens para seguir viagem. Na manhã de terça-feira, dia 08 de agosto de 1944, Altamira Valadares relata sua passagem pela cidade acompanhada pelo Tenente estadunidense Ernest Aboulan, que era poliglota e professor

---

[167] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 05, 07 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/7-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

[168] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 05-06, 08 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/8-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

de línguas no México, e pelas outras enfermeiras brasileiras Lúcia Osório, Sylvia Barros e Olga Mendes da comitiva:

> [...] As refeições aqui são cada vez mais diferentes. Depois ele nos levou a cidade dos negros em seu carro e é a coisa mais bizarra e interessante, trajes originais, uns nús, mulheres semi-despidas, as cabrochas todas de roupa estampadas viva, as mães carregam os filhos amarrados nas costas. É uma verdadeira favela. Apesar de ser 3ª feira, parecia domingo. Todos na rua. As casas só para dormir. Cozinham, brincam, comerciam na rua. Queria comprar umas lembranças, mas eles pedem muito (por ser estrangeiras) e eu viajava com pouco dinheiro, por ser proibido e também dólar e não dinheiro inglês (possessão inglesa) [...].[169]

A cidade apresentava um animado comércio local, impulsionado pela presença estrangeira devido à guerra. Nas ruas, a população local vendia uma variedade de artefatos e bugigangas que remetiam à cultura local e de países asiáticos, como a China e a Índia, além de outras nações do norte da África. Nesse contexto, destacava-se o choque experimentado ao entrar em contato com uma realidade tão distinta. Os corpos das pessoas despidas passeavam livremente pelas ruas, e suas vestimentas exibiam cores e formas totalmente distintas, ampliando ainda mais a sensação de estar em um ambiente completamente novo.

Em outro trecho, ela faz uma descrição do contraste entre as áreas de residência dos ingleses e estadunidenses que viviam no país norte-africano e as áreas comuns dos nativos: "[...] os negros são muito pobres e submissos. Sem direito a vontade própria [...] Accra é pobre de vegetação. Na parte de residência dos americanos e ingleses tudo é belo. Contornada de pedras brancas – casas ajardinadas [...]".[170] Nesse contexto, tornava-se evidente um contraste marcante entre as áreas residenciais controladas pelos ingleses e pelos estadunidenses, que se estabeleceram na região devido à guerra, e as demais áreas habitadas pela população local, que vivia em condições de extrema pobreza em decorrência da exploração colonial inglesa. Apesar dessas circunstâncias adversas, os nativos encontravam algum sustento no comércio impulsionado pela presença estrangeira, que considerava a cidade um local de passagem.

A viagem rumo a Nápoles, Itália, seguiu por via aérea da base de Acra, capital de Gana, até a cidade de Dacar, capital do Senegal. As acomodações, como é relatado no diário de viagem de Altamira Valadares, eram as piores possíveis. Além disso, o clima quente e chuvoso da região era algo com o qual não estavam acostumadas, o que tornou a jornada ainda mais difícil.

---

[169] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 06, 08 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/8-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

[170] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 09, 09 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/9-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

Na época, o país ainda era uma colônia francesa, e muitos edifícios oficiais refletiam essa estética de influência francesa. A presença constante de militares franceses na região resultou na construção de diversos prédios oficiais na área.

As enfermeiras brasileiras desembarcaram na base de Dacar, acomodaram-se e permaneceram alguns dias aguardando ordens para seguir viagem. Nesse período, tiveram a oportunidade de explorar a cidade ao lado de estadunidenses e franceses da comitiva e da base aérea local. Entretanto, em todos esses lugares, Altamira Valadares registra a marginalização, doenças e pobreza enfrentadas pelos nativos, subjugados pela presença invasora dos franceses. Ao descrever os locais onde os negros viviam amontoados, ela usa a expressão "favela de negros", estabelecendo uma relação direta com as favelas e comunidades no Brasil. É importante ressaltar que essa descrição é feita de forma pejorativa, reproduzindo preconceitos e estereótipos.

Figura 14 – Dakar – Guerreiros Senagalezes.



Fonte: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2022.

Após a estadia na capital do Senegal, Dacar, a comitiva de enfermeiras brasileiras, da qual Altamira Valadares fazia parte, embarcou em um avião de carga, acompanhadas apenas pelos pilotos, suas bagagens e imensos sacos de correspondências de familiares que deveriam ser entregues aos soldados no campo de batalha em solo italiano. Dessa forma, atravessaram o deserto do Saara por via aérea. Ela descreve o deserto do Saara da seguinte forma:

> [...] Ele se apresenta a princípio arenoso, porém sólido, com mísera vegetação ou pedregulhos (do alto tem-se a impressão de pontilhados). As miragens são incontáveis! são verdadeiros lagos azul claro! só mesmo vendo para avaliar suplício de Tântalo dos infelizes que se perdem aqui. Depois se torna em um vasto lençol de areias soltas, movediças, ondulantes. Conforme a direção do vento formam-se elevações semelhantes a cordilheiras, já nem ao menos existe a miragem [...][171]

O avião pousou na cidade de Atar, situada na Mauritânia, país localizado na região do deserto do Saara e que também era uma colônia francesa na época. Posteriormente, seguiram em direção à cidade de Marrakech, no Marrocos. Durante essa jornada, Altamira relata a diversidade física e cultural dos povos daquela região: "[...] Há negros soldados franceses. Há meninos árabes pretos do sol, mas belos de traços, cabelos negros e ondulados como os nossos, olhos brilhantes escuros e dentes alvos e belos [...]."[172] Os povos dessa região mais ao norte da África possuem, em parte, descendência berbere, o que confere a eles características étnicas distintas dos povos da África subsaariana.

Após uma parada na base aérea de Marrakech, seguiram por via terrestre em direção a Casablanca, no Marrocos. À medida que se aproximavam do destino final, os sinais da guerra tornavam-se mais evidentes, com a visão de prisioneiros italianos, presença militar e áreas devastadas. Prosseguiram então a viagem por via aérea, acompanhadas por oficiais estadunidenses, fazendo uma parada na base aérea da cidade de Oran, na Argélia, antes de finalmente chegarem à capital, Argel.

A última parada no continente africano foi na cidade de Argel, localizada no litoral mediterrâneo da Argélia. Em seguida, seguiram por via aérea, sobrevoando a ilha de Capri no Golfo de Nápoles, na Itália. O avião em que estavam as enfermeiras brasileiras pousou na base aérea de Roma, onde já era possível avistar os sinais de destruição causados pela guerra. "[...] As 17hs10 descemos na base aérea de Roma. Grande destruição. Achei uma bala no solo e

---

[171] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 12, 11 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/11-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

[172] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 13, 11 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/11-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

trouxe de lembrança [...]"[173]Após desembarcarem, pegaram novamente um avião em direção a Nápoles. Altamira Valadares descreve as últimas horas de viagem em seus manuscritos como longas e cansativas, tendo ainda que encarar uma viagem de três horas por via terrestre em um caminhão fornecido pelos militares estadunidenses até o Hospital Center Americano.

> [...] O caminhão rodou toda Nápoles. Uma tristeza de imundície, miséria e destruição até que o caminho se tornou intransitável, tal a imensidade das lavas que o vulcão vinha vomitando durante 5 meses. O caminhão tombou de 1 lado e tivemos todas que descer com todo cuidado. Acorreram os italianos daquelas proximidades e se dispuseram a ajudar com alavancas[...][174]

Com muito custo e com a ajuda de civis italianos, esse grupo composto por quatro enfermeiras – Altamira Valadares, Olga, Nair e Sylvia – chegou aos acampamentos estadunidenses e foi recebido pela brasileira Elsa Cansanção, que era enfermeira-chefe das enfermeiras expedicionárias e fez parte do primeiro grupo de enfermeiras brasileiras da FEB a chegar em solo italiano.

> [...] ficamos 4 num só quarto no 45 (residência de oficiais e nurses) eu, olga, Nair e Sylvia. As camas são macas de tripé, sem roupa e sem travesseiro. O banho foi a chuveiro frio (no sub-sólo). Todas nuas num tablado de madeira. As torneiras altas para mim. Fora na porta escrito assim Nurses only (só para enfermeiras) Graças a Deus tinha o meu travesseirinho. Caímos nas macas forradas com as nossas toalhas e dormimos pesadamente [...].[175]

Nas instalações dos hospitais de campanha, além da área médica, havia também refeitórios com mesas separadas de acordo com a hierarquia militar, onde eram servidos pratos típicos da culinária italiana e americana. Havia uma capela de uso comum para cristãos católicos e evangélicos, assim como um serviço de correio disponível.

O serviço militar, ao longo do final do século XIX e do início do século XX, teve como objetivo principal a defesa da pátria e a preservação da soberania nacional. No entanto, em certas ocasiões, esses princípios foram colocados em segundo plano devido a questões políticas, como foi o caso do Brasil, que se submeteu às exigências norte-americanas de maneira conveniente. O governo, com um discurso marcante, contava com o apoio da população civil, sendo a imprensa um veículo fundamental na divulgação dos ideais de patriotismo e heroísmo

---

[173] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 17, 12 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/12-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

[174] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 17, 12 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/12-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

[175] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 18, 12 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/12-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

dos soldados que enfrentavam a guerra na linha de frente. Da mesma forma, com a inclusão das mulheres como enfermeiras do Exército, elas foram mobilizadas para participar de um momento considerado de extrema importância na história mundial e brasileira.

Havia inúmeras mulheres entre os combatentes em todas as guerras, muitas delas anônimas e não dignas de receberem epopeias. Aquelas que se destacavam, geralmente eram aquelas cuja imagem e biografia eram selecionadas para representar o patriotismo e o heroísmo nacional, servindo como exemplos a serem seguidos e admirados. Tornavam-se peças de um objetivo político nacional. A primeira mulher brasileira que se tem registrado a participação em conflitos armados foi Maria Quitéria de Jesus Medeiros, em 1823, que lutou disfarçada de homem pela independência do país.

Durante a Guerra do Paraguai, um evento de grande importância para a história do Brasil, as mulheres atuaram de forma voluntária, sem convocação governamental. Nesse contexto, o nome mais proeminente foi o de Ana Nery, que trabalhou como enfermeira, enquanto inúmeras outras mulheres acompanharam o Exército brasileiro, desempenhando diversas funções, principalmente como auxiliares. Apesar da importância e do papel essencial dessas mulheres, elas foram em grande parte relegadas ao esquecimento.[176]

O processo histórico que construiu a memória das mulheres em funções indiretas ao esforço bélico as tornou apenas uma peça na engrenagem criada pela política oficial. Como resultado, elas foram deixadas à margem, quase invisíveis. Ao examiná-las, nota-se que a guerra não tem rosto de mulher, embora elas estejam presentes. No entanto, muitas vezes elas permanecem na invisibilidade, no limbo de um mito em que o real e o imaginário se confundem. Na historiografia oficial, essas mulheres invisíveis são obscurecidas por mulheres consideradas excepcionais, que são endeusadas por serem uma exceção à regra e um exemplo, de acordo com a política de um Estado.

[176] PASSOS, 2013.

4 – CAPÍTULO 3 – COTIDIANO E TRABALHO: MEMÓRIA E TESTEMUNHO DAS ENFERMEIRAS NO SERVIÇO DE SAÚDE DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

4.1 Nos bastidores da guerra: acampamentos, hospitais e recreamento

Após o ataque japonês no ano de 1941 à base naval de Pearl Harbor, no território do Havaí, nos Estados Unidos da América - EUA, houve a primeira declaração conjunta dos Aliados na América, comprometendo-se a disponibilizar forças contra o Eixo. Entre esses países estava o Brasil, que desempenhou um papel importante nesse conflito, dada a sua posição geográfica estratégica. Assim, o presidente Getúlio Vargas, na época, cedeu bases militares no Nordeste brasileiro aos EUA, por meio de negociações de interesses, com o propósito de facilitar as comunicações com o continente africano.[177]

A decisão do Brasil de ceder suas bases militares no Nordeste aos EUA representou uma afronta aos alemães, o que resultou em uma série de represálias contra a Marinha mercante brasileira, incluindo o torpedeamento de navios. Isso serviu como estopim para o Brasil enviar contingentes para a guerra, incluindo o serviço de saúde, no qual ocorreu a incorporação pioneira de mulheres atuando como enfermeiras. De acordo com Elza Cansanção[178], as enfermeiras brasileiras foram incorporadas à FEB por solicitação dos EUA, a fim de suprir uma demanda e não sobrecarregar as enfermeiras norte-americanas, que já estavam há muito tempo na guerra. Foi então criado o Corpo de Oficiais Enfermeiras do Exército – COEE.

É relatado ainda por Elza Cansanção[179] que, além da exigência dos americanos pela formação de um grupo de enfermeiras brasileiras, foi estabelecido o requisito de que apenas enfermeiras brancas fossem integradas. As chamadas “moças de cor” não eram aceitas pelos americanos. Esse foi um dos motivos pelos quais muitas enfermeiras bem classificadas no CEERE não foram convocadas, como é relatado a seguir:

> Os americanos, naquela época, tinham um rigoroso “aparthei”. Não admitiam, nos hospitais, enfermeiras de cor (negras, mulatas etc.). Mesmo as mulatas eram por eles consideradas “negras”. Solicitaram que não mandassem nenhuma enfermeira de cor, uma vez que nos hospitais somente trabalhavam pessoas brancas, os alojamentos também eram para brancas. Como, Graças a Deus, no Brasil não temos este preconceito, nossos dirigentes militares insistiram em mandar três mulatas, no que fizeram muito mal, pois tivemos sérios problemas com elas. Apenas uma delas se

[177] OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança BrasiL-EUA**: uma nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Curitiba: Juruá, 2015.
[178] CANSANÇÃO, 1987.
[179] CANSANÇÃO, 2003.

> tornou muito querida entre as colegas, não somente por sua eficiência, mas também por termos feito, Ignacia e eu, um forte trabalho em favor dela. A razão de enfermeiras muito bem classificadas nos cursos não terem sido incluídas na FEB, foi esta: eram moças de cor e os americanos não as aceitavam.[180]

Houve apenas duas enfermeiras negras na FEB, uma dela foi a enfermeira Nair Paulo de Melo. Ela era uma das poucas que possuía diploma de enfermeira profissional, sendo ex-aluna da EEAN. No entanto, devido à sua cor de pele, ela não teve as mesmas oportunidades de sociabilidade e tratamento que suas colegas brancas perante as enfermeiras americanas. Apesar da clara discriminação sofrida, ela conseguiu continuar atuando em alguns hospitais de campanha. A enfermeira Zilda Nogueira Rodrigues, do Rio de Janeiro, também foi uma das enfermeiras negras que foram enviadas para o *front* italiano. No entanto, ela não permaneceu por muito tempo nos hospitais de campanha devido à grande discriminação enfrentada por parte das enfermeiras americanas, que se recusavam a trabalhar em conjunto com ela e não aceitavam sua presença no mesmo ambiente.[181]

Figura 15 – Enfermeiras do General Hospital Headquarter Building - Nápoles. Da esquerda para direita: Nair (a enfermeira negra mencionada anteriormente), Soares, Edith, Carlota, Roselys e Isabel.



Fonte: PINTO, 2011.

Ao escrever sobre a participação feminina na FEB, existe um entrelaçamento entre as categorias de classe, raça e gênero que não pode ser deixado de lado. Houve uma clara exclusão

[180] CANSANÇÃO, 2003.
[181] CANSANÇÃO, 2003.

de mulheres negras na primeira delegação feminina no serviço de saúde da FEB, devido a preconceitos de classe e raça. Isso resultou no silenciamento das mulheres negras nesses espaços de atuação e nos discursos, além de limitar suas oportunidades de atuação. [182] É necessário, portanto, investigar as relações interseccionais de poder que influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, assim como as experiências individuais na vida cotidiana. [183]

A atuação da mulher brasileira, especialmente da mulher branca, foi aceita nos serviços de saúde como enfermeira nas Forças Armadas (Exército e Aeronáutica). Nas décadas de 1940, as normas sociais eram bastante rígidas, e não havia presença oficial de mulheres nas Forças Armadas antes das enfermeiras da FEB. Portanto, elas foram as primeiras a ingressar nas instituições militares brasileiras de forma oficial, com atribuição de patente e recebimento de soldo. Elas atuavam em um serviço técnico especializado, como a enfermagem, que, desde a profissionalização da área, é considerada uma profissão predominantemente feminina.

Posteriormente, algumas mulheres atuaram nos serviços de assistência social nos hospitais de campanha, escrevendo cartas para os pracinhas e fornecendo apoio moral. Um exemplo disso é a escritora brasileira nascida na Ucrânia, Clarice Lispector, que durante a Segunda Guerra Mundial atuou no *front* italiano como assistente social. Na época, ela era casada com o cônsul Maury Gurgel Valente. [184]

Ao contrário da Aeronáutica, que incorporou enfermeiras profissionais no serviço de enfermagem e as treinou nos EUA, o Exército optou pelo voluntariado, formando um corpo de enfermeiras em que a maioria não possuía formação profissional em enfermagem, apenas um curso técnico. Além disso, o treinamento oferecido às voluntárias no Brasil foi precário.[185] Conforme mencionado por Elsa Cansanção[186], a ideia inicial era incorporar as alunas da EEAN, a instituição de enfermagem mais prestigiada da época. No entanto, a solicitação foi negada pela diretora da escola devido ao baixo soldo oferecido pelo Exército. No entanto, as enfermeiras da EEAN acabaram fazendo parte do quadro de enfermagem da Aeronáutica, onde receberam prestígio e formação técnica diferenciada em comparação às enfermeiras da FEB.

Na pressa de formar mão de obra rápida, que na época não existia em abundância, foram abertos diversos cursos de práticas em enfermagem com duração rápida na CVB e em outras

---

[182] GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A et al. Movimentos Sociais urbanos, minorias e outros estudos**. Ciências Sociais Hoje**, Brasília: ANPOCS, 1983, p. 223-244.
[183] COLLINS, Patrícia HILL; BILGE, Sirgma. O que é interseccionalidade**?** In: COLLINS, Patrícia HILL; BILGE, Sirgma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 16-51.
[184] CANSANÇÃO, 2003.
[185] CANSANÇÃO, 2001.
[186] CANSANÇÃO, 2003.

organizações em vários estados do Brasil. Foram, portanto, criados novos cursos de enfermagem em duas modalidades na CVB em outras organizações de saúde em diversos Estados do Brasil: Samaritana, que se assemelhava a um supletivo em enfermagem, com duração de 1 (um) ano, e Voluntária Socorrista, com apenas 3 (três) meses de duração. Entre as 67 (sessenta e sete) enfermeiras da FEB, havia apenas 6 (seis) enfermeiras que possuíam o curso profissional de enfermagem, que na época tinha duração de 3 (três) anos.[187]

Maria Hilda Policarpo de Melo, no ano de 1940, aos 20 anos de idade, já havia concluído em Teresina o Curso de Enfermeira da Saúde Pública – CESP com práticas hospitalares no Hospital Getúlio Vargas – HGV. Ao requerer no Ministério da Guerra a sua incorporação no Exército, sua solicitação só seria efetivada se ela fizesse o curso de Voluntária Socorrista, pois o Exército só aceitava a inserção de enfermeiras que tivessem uma das duas modalidades citadas anteriormente ou o curso profissional de enfermagem. Assim sendo, ela fez o curso em Teresina e posteriormente foi convocada a fazer o CEERE na 10ª Região Militar com sede em Fortaleza, Ceará.[188]

Desta forma, inicialmente só foram aceitas mulheres que fossem brasileiras natas, solteiras ou viúvas sem filhos, com idade mínima de 20 anos e no máximo de 40, tendo uma das três modalidades de cursos citadas anteriormente, idoneidade moral e aptidão física. A enfermeira piauiense foi a única mulher do Estado, de acordo com o jornal *Diário de Pernambuco (PE)*, que se voluntariou para prestar serviços de enfermagem na guerra. Ela se apresentou pela primeira vez em 1943, quando tinha 23 anos, e só chegou a ir para o *front* italiano no primeiro semestre de 1945.[189]

A legislação foi se afrouxando à medida que se precisava de mais voluntárias. Entretanto, devido à posição socioeconômica de algumas pessoas, determinadas regras foram flexibilizadas. Por exemplo, houve enfermeiras que foram aceitas mesmo já tendo ultrapassado a idade permitida ou que tiveram sua convocação facilitada por terem um familiar de influência. Também ocorreram casos de favorecimento no teste físico do CEERE, com a não obrigatoriedade de realizá-lo para algumas alunas. Houve até mesmo uma enfermeira que se casou dias antes do embarque com um médico do serviço de saúde da FEB, apadrinhado pelo

[187] CANSANÇÃO, 2001.
[188] A PRIMEIRA brasileira que se apresentou voluntariamente para os serviços de guerra. **A Noite**. Rio de Janeiro, ano 34, n. 11.819, p. 11, 07 jan. 1945.
[189] FOI A ÚNICA no Piauí. **Diário de Pernambuco**. Recife, ano 120, n. 283, p. 03, 1 dez. 1944.

próprio general Mascarenhas, mesmo não sendo permitida a entrada de mulheres casadas como enfermeiras no serviço de saúde da FEB.[190]

Figura 16 – O casal Dr. Sebastião Solto Maior e Elza Miranda da Silva, que se casaram secretamente antes de embarcar, no acampamento do 16º Hospital de Evacuação onde serviram.



Fonte: CANSANÇÃO, 2001.

As enfermeiras brasileiras foram colocadas nos círculos de oficiais, porém não tinham postos hierárquicos. Isso gerou problemas quando as primeiras enfermeiras chegaram ao *front* italiano, mas foi solucionado pelo General Mascarenhas, que as promoveu ao posto de 2ª tenente e permitiu o uso da insígnia correspondente, embora com um soldo ainda inferior à nova patente. As enfermeiras que chegaram posteriormente ao primeiro grupo foram imediatamente promovidas ao novo posto, porém sem aumento nas vantagens pecuniárias. As enfermeiras da FEB foram inicialmente incorporadas como enfermeiras 3ª classe do círculo de oficiais do Exército, posto criado especialmente para abrigar o primeiro grupo feminino em caráter oficial no Exército brasileiro.

O serviço de saúde brasileiro não possuía hospitais próprios e atuava como grupos suplementares em hospitais norte-americanos, onde havia as "sessões brasileiras". Segundo

[190] CANSANÇÃO, 2003.

Elsa Cansanção[191], o serviço de saúde da FEB estava dividido em três setores: pessoal de saúde junto à tropa combatente, pessoal do batalhão de saúde e pessoal dos hospitais. O batalhão de saúde era composto por três companhias de evacuação, cada uma com dez ambulâncias, uma companhia de tratamento e triagem, e um destacamento de comando. A atuação da FEB ocorreu na defesa da costa no Nordeste brasileiro, na ilha de Fernando de Noronha e no *front* do território italiano.

A maioria das enfermeiras brasileiras não falava inglês, o que dificultava a comunicação no atendimento aos pacientes que não eram apenas brasileiros, além da interação com os médicos e enfermeiras norte-americanos. Como não havia intérpretes, era comum que enfermeiras que sabiam falar outros idiomas, especialmente inglês, acumulassem suas funções no serviço de enfermagem com a de intérprete.[192]

Elza Cansanção relata o seguinte:

> [...] O meu inglês havia aprendido com a governanta alemã, educada em Oxford, e tive a má sorte de ir trabalhar justamente em um hospital de Texanos. O que eles falam é quase um dialeto, sempre com a boca semifechada. Foi um horror! Em poucos dias eu chorava desesperada, pois tinha que traduzir para os pacientes, e vice-versa, o que diziam os médicos para os pacientes [...]. [193]

A formação técnica em enfermagem que a maioria das brasileiras teve foi bastante precária. O aprendizado ocorreu principalmente na prática, replicando as ações da equipe estadunidense. A equipe de saúde da FEB era composta por médicos de diferentes especialidades, padioleiros, dentistas, farmacêuticos e enfermeiras, totalizando 186 (cento e oitenta e seis) profissionais que foram para o *front* italiano, incluindo as 67 (sessenta e sete) enfermeiras.[194]

Boa parte dos hospitais de campanha eram montados em tendas de lonas, em uma estrutura mínima que possuía diferentes áreas. Havia salas de operações em uma parte e outras que abrigavam os pacientes em recuperação. Além disso, existiam hospitais especializados em casos específicos, que não ficavam no mesmo local. Por exemplo, os casos graves geralmente eram atendidos pelos hospitais mais próximos da linha de frente, e havia uma ala específica para doenças infectocontagiosas. Conforme relatado por Berta Morais[195], os pacientes considerados incuráveis pelos médicos eram colocados em uma ala separada, para que a sensação de iminência da morte não afetasse os outros pacientes:

---

[191] CANSANÇÃO, 2003.
[192] CANSANÇÃO, 2003.
[193] CANSANÇÃO, 1987, p. 71.
[194] CANSANÇÃO, 2001.
[195] MORAES, 1952.

> [...] As enfermarias eram compridas barracas, repartidas ao meio pela sala da enfermeira e pelo pequeno compartimento da cama da morte. Era constrangedor transportar pra lá um companheiro desenganado! Quando se perdiam as esperanças e a fim de evitar a amarga presença da morte aos outros pacientes, o doente era conduzido aquele recanto sinistro [...]. [196]

Esse tipo de relato sobre o cotidiano hostil dentro de um hospital de campanha é muito raro de se encontrar narrado pelas próprias enfermeiras que estiveram nesse ambiente. Isso ocorre porque é uma memória que marca profundamente aqueles que a vivenciam e muitas vezes não é fácil de ser rememorada. Nesses momentos, os sintomas de uma guerra devastadora são sentidos por todos, especialmente por aqueles que estão trabalhando em um hospital de campanha, recebendo os feridos. As enfermeiras, por vezes, acabam sendo a última pessoa a ver com vida, em seu derradeiro suspiro, a pessoa amada de alguém que nunca mais voltará a vê-la. Nessas situações, elas podem apenas oferecer sua presença e o conforto de uma morte tranquila.

A guerra não afeta apenas aqueles que estão na linha de frente, ela atinge até mesmo os mais inocentes. Era bastante comum, por exemplo, o serviço de saúde atender crianças italianas que, brincando livremente, acabavam acionando minas terrestres escondidas, na maioria das vezes, pelos próprios compatriotas ou resultantes de bombardeios das forças do Eixo em áreas habitadas por civis. “Outro quadro doloroso de sofrimento: o das criancinhas feridas, vítimas indefesas das minas e dos bombardeios! Com que mágoa infinita se via a amputação de uma perna pequenina ou de um pezinho minúsculo: eram espetáculos que nos faziam odiar a guerra.”[197] A carnificina de uma guerra mata, mutila e gera traumas inimagináveis para aqueles que vivenciam de perto essa realidade.

Todavia, nem só de momentos trágicos é feita a guerra; por vezes, é possível sorrir e festejar, mesmo em um ambiente tão hostil como o de guerra. As enfermeiras da FEB tinham contato com a tropa brasileira não apenas na ala de feridos, e esses momentos de recreação fora da área hospitalar parecem ser mais lembrados do que outros momentos nos hospitais de campanha, talvez por serem recordações agradáveis de se rememorar:

> Do nosso contato com a tropa brasileira, fora das tendas de feridos, guardamos recordações amáveis. Por exemplo, a lembrança de nos convidarem alguma vezes para ir visitá-los, gentis convites para festas e jantares onde dividíamos a alegria de rever nossa gente, comermos da cozinha deles e bater um bom papo em nossa saudosa língua portuguesa, alegria creio que era muito dos pracinhas de ouvirem a nossa língua falada por mulheres [...].[198]

---

[196] MORAES, 1952. p. 416.
[197] MORAES, 1952. p. 419.
[198] MORAES, 1952. p. 417.

As enfermeiras brasileiras foram distribuídas nos hospitais de campanha da seguinte maneira: cinco enfermeiras no *Field Hospital* na seção 32nd em Valdibura, hospital de campanha mais próximo da linha de frente, montado em barracas, onde eram recebidos os feridos com grandes lesões vindos diretamente do *front*, nos quais eram feitos os atendimentos iniciais. [199]

Figura 17 – Vista aérea das barracas de residência do 32º Hospital de Campo em Valdibura. Ao fundo Monte Castelo.



Fonte: CANSANÇÃO, 2011.

Figura 18 – Tenente Jacira de Souza Gois em sua barraca no 32º Hospital de Campo, o mais próximo da linha de frente, localizado em Vadibura



Fonte: CANSANÇÃO, 2011.

[199] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], [*s.p*], 11 dez. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/12/11-de-dezembro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

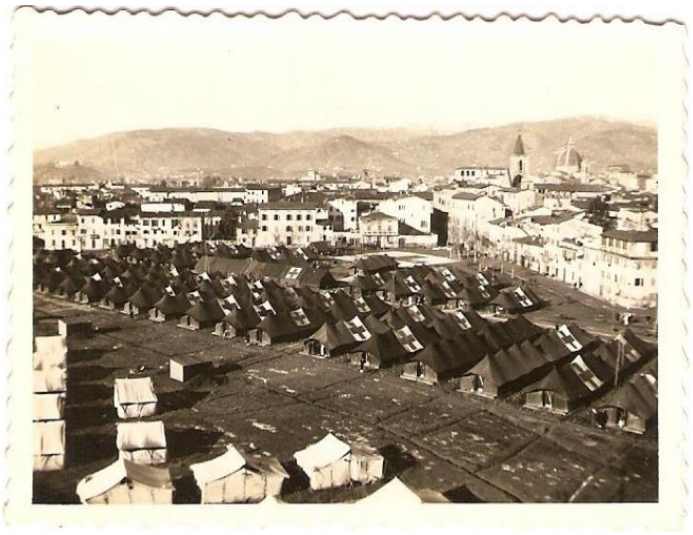
16 (dezesseis) enfermeiras no *Evacuation Hospital* na seção 16th em Pistóia[200], era um hospital de capacidade média que ficava a 30 km atrás do *Field Hospital*, também instalado em barracas, no qual eram realizados procedimentos como cirurgias, tratamento médico especializado em oftalmologia, doenças infectocontagiosas, entre outros.[201]

Figura 19 – 16th Evacuation Hospital em Pistóia.



Fonte: VALADARES, 2020.

Figura 20 – 16th Evacuation Hospital em Pistóia, aspecto do serviço hospitalar e tendas brasileiras (brancas).



Fonte: VALADARES, 2020.

[200] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], [*s.p*], 11 dez. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/12/11-de-dezembro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

[201] SCHUMAHER, S.; BRAZIL, E. V. **Brasileiras na Segunda Guerra Mundial**. Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. 2ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

15 (quinze) enfermeiras no *Station Hospital* na seção 7th em Livorno, funcionava em um edifício de colônia de férias do governo italiano. Era um conjunto de vários edifícios ligados por galerias onde estavam instaladas as enfermarias e demais seções da administração do hospital, era um lugar bem estruturado. Neste hospital, eram atendidos os feridos em caráter emergencial com ferimentos graves e que exigiam internação mais longa.

Figura 21 – Nesta colônia de férias construída para moças por Mussolini, foi instalado o 7º Hospital de Estacionamento que comportava 1200 leitos



Fonte: CANSANÇÃO, 2001.

Figura 22 – 7th Station Hospital – Um ângulo interno.



Fonte: CAMERINO, 1983.

14 (quatorze) enfermeiras no *General Hospital* nas seções 45, 182 e 300 em Nápoles[202], que ficava na retaguarda com uma estrutura de hospital em tempos de paz. Foi o hospital onde atuou Maria Hilda Policarpo de Melo, que chegou em Nápoles com a guerra já dada por encerrada, porém era preciso cuidar dos pacientes restantes e prepará-los para o repatriamento. Havia 6 (seis) enfermeiras no serviço de evacuação aérea de feridos de Nápoles até o Hospital Militar de Natal.[203]

Figura 23 – Fachada do 24 General Hospital em Florença.



Fonte: VALADARES, 2020.

Figura 24 – Na entrada do 45º General Hospital em Nápoles, um grupo de pacientes ladeando a tenente Elza Cansanção Medeiros

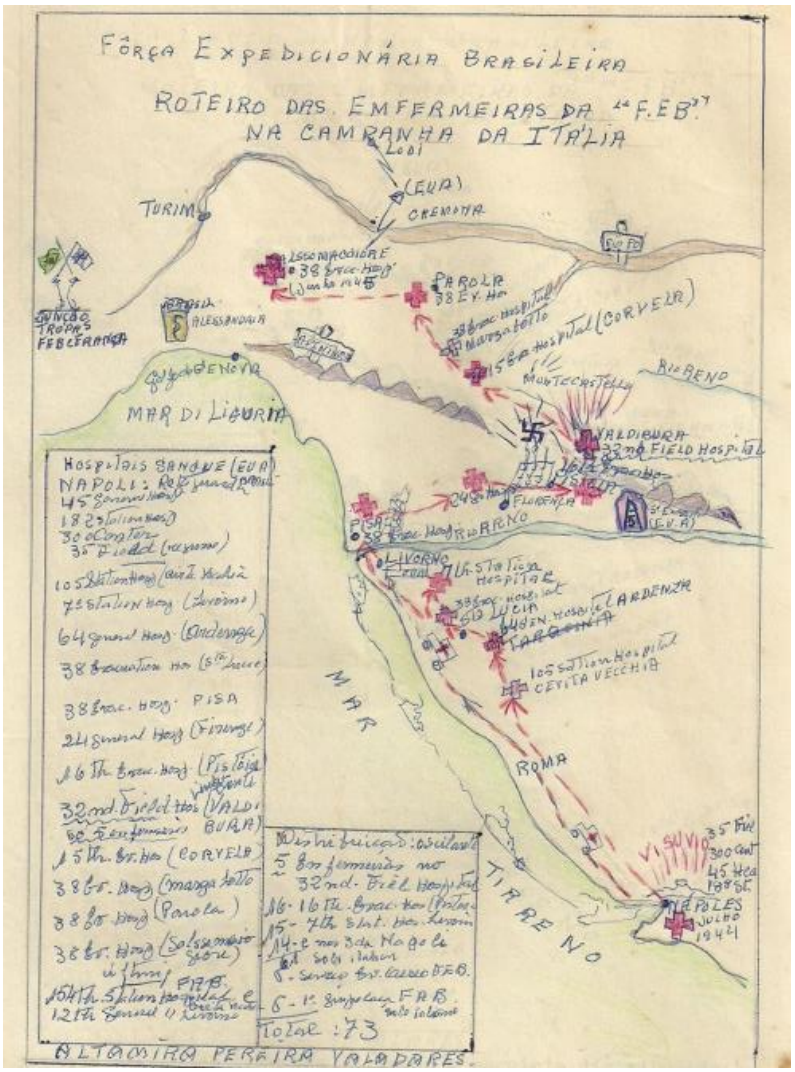


[202] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], [*s.p*], 11 dez. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/12/11-de-dezembro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.
[203] SCHUMAHER et al., 2000.

Fonte: CANSANÇÃO, 2001.

Um total de 11 (onze) enfermeiras foram mandadas de volta por motivos diversos, de acordo com Altamira Valadares[204]. Por exemplo, pela não adaptação aos serviços hospitalares, mau comportamento ou enfermidades graves. A maioria atuou em dois ou mais hospitais de campanha, tendo que se deslocar entre várias cidades na Itália. No caso de Maria Hilda Policarpo de Melo, ela atuou apenas no *General Hospital* nas seções 300th e 45th em Nápoles durante os dois meses em que permaneceu no *front* italiano.[205]

Figura 25 – Mapa elaborado por Altamira Valadares com a localização dos Hospitais Militares – Acervo do CDAPV



[204] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], [*s.p*], 11 dez. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/12/11-de-dezembro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

[205] CANSANÇÃO, 2003.

Fonte: VALADARES, 2020.

O cotidiano é o local onde, por exemplo, as enfermeiras febianas vão fazendo suas práticas no ambiente dos hospitais de campanha na Itália. As percepções do cotidiano, mesmo que apreendidas através de livros de memória ou dos jornais, são dinâmicas, pois estão em constante mudança pelo fato de não sermos criaturas estáticas. Quando esses indivíduos rememoram essas lembranças para a posterior publicação ou quando buscamos os registros em publicações do passado, o fazemos com as perspectivas do presente, reinventando e interpretando. É interessante observar que, apesar de todo um sistema de normatização de seus comportamentos, práticas e representações em relação às suas funções e ações como enfermeiras militares, elas não se reduzem unicamente a esse sistema. Por vezes, é possível perceber subversões no lugar social que elas ocupam. Desta forma, elas deixam suas marcas no mundo ao deixarem rastros, inventarem e narrarem seu cotidiano.[206]

Ao assumirem postos como enfermeiras militares, boa parte das enfermeiras convocadas possuíam em seu círculo familiar militares de alta patente ou membros importantes da alta sociedade do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, como é relatado a seguir:

> [...] faziam parte moças das mais representativas famílias brasileiras, entre muitas, posso citar Virgínia, filha do General Tito Portocarrero, Carmem Bebiano, uma das maiores acionistas da América Fabril, Lúcia Osório, colega do Colégio Anglo-Americano e neta do General Osório, e outras tantas que se passássemos a relatar não terminaríamos. [207]

Poucas foram as convocadas que não pertenciam a esses círculos mais abastados da sociedade carioca ou paulista e, por esse motivo, tinham uma certa flexibilidade no convívio social em um ambiente tão hierarquizado como o Exército. Outras poucas que realizaram os cursos em seus respectivos Estados de origem ou em outras regiões foram de fato convocadas, apesar do CEERE ter ocorrido em diferentes Estados.

Tabela 26 – Relação nominal das enfermeiras que concluíram o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército em outros Estados e seguiram para o teatro de operações da Itália.

ESTADO	NOME	SERVIÇO
CEARÁ	Maria Hilda Melo	H
BAHIA	Araci Arnaud Sampaio	H
	Isabel Novais Feitosa	H
	Jandira Faria de Almeida	H
	Joana Simões Araújo	T.A.
	Lenalda Campos	T A.

[206] CERTEAU, 1998.
[207] CANSANÇÃO, 1987. p. 40.

MINAS	Carlota Mello	H
	Ilza Meira Alkimim	H
	Rozelys Belém Teixeira	H
PARANÁ	Acássia Cruz	H
	Edith Fanha	H
	Guilhermina Rodrigues Gomes	H
	Hilda Ribeiro	H
	Jaci Chaves Lasserrê	H
	Maria Conceição Suarez	H
	Vanda Sófia Magewsks	H
	Virgínia Leite	H
N.S. = Não seguiu EAN = Escola Alfredo Pinto ECVB = Escola Cruz Vermelha Brasileira T.A. = Transporte aéreo H = Hospital		

Fonte: CANSANÇÃO, 1987.

As enfermeiras que compuseram o quadro de serviços médicos da FEB eram naturais de diferentes regiões do Brasil. Havia, portanto, 1 (uma) enfermeira do Estado do Acre, 2 (duas) de Alagoas, 2 (duas) do Amazonas, 4 (quatro) da Bahia, 1 (uma) do Espírito Santo, 26 (vinte e seis) do Rio de Janeiro, 6 (seis) de Minas Gerais, 1 (uma) do Pará, 8 (oito) do Paraná, 2 (duas) de Pernambuco, 1 (uma) do Rio Grande do Norte, 3 (três) do Rio Grande do Sul, 3 (três) de Sergipe e 5 (cinco) de São Paulo. Maria Hilda de Melo aparece como sendo a única enfermeira vinda do Estado do Ceará nos registros, no entanto, ela é natural do Estado do Piauí. Como mostrado no quadro acima, das 67 (sessenta e sete) enfermeiras que foram convocadas, apenas 17 (dezessete) enfermeiras que fizeram o curso em outros estados foram convocadas, ou seja, as restantes das convocadas, num total de 50 (cinquenta), fizeram o CEERE no Rio de Janeiro capital.[208]

A enfermeira piauiense Maria Hilda de Melo, que realizou sua formação em Fortaleza, sendo a primeira da turma, aparece nos registros e no quadro anterior como proveniente do CEERE feito no Ceará. “[...] Do Ceará veio Maria Hilda Melo, que chegou à Itália em 2 de maio de 1945, portanto já com a guerra terminada. [...]” [209]

[208] CANSANÇÃO, 2003.
[209] CANSANÇÃO, 1987. p. 223.

Ela saiu do interior do Piauí, onde atuou como funcionária pública e professora primária, para realizar o CEERE em Fortaleza, Ceará, já que no Piauí não houve a realização do curso. Na região nordeste, houve formação de turmas apenas no Ceará e Bahia. Como enfermeira, antes de ser convocada para a FEB, ela chegou a atuar nos hospitais militares em Recife e Natal. Assim sendo, ela foi para a Itália com o último destacamento enviado, chegando ao fim da guerra e permanecendo por pouco tempo. No relato da enfermeira Elza Cansanção, Maria Hilda Policarpo de Melo embarcou sem ordem para tal e se utilizando de subterfúgios para chegar ao seu destino.

> Em realidade, sua chegada à Itália se deu em face uma artimanha de sua parte. Aguardava em Natal uma chance para embarcar, entretanto, suas ordens jamais chegavam. A insígnia de tenente brasileira é uma estrela, e a de general no exército americano também é uma estrela, embora diferente da nossa. Maria Hilda fez-se passar por general brasileira e desta forma conseguiu chegar até Nápoles. Casualmente me encontrava no aeroporto, embarcando para frente, quando vi surgir a minha frente aquela enfermeira. Surpreendi-me, pois já de há muito estávamos repatriando as enfermeiras, e não havia a possibilidade de enviarem mais nenhuma. Indaguei-lhe, pois, quem era e o que estava fazendo ali, e o que ouvi foi uma série de impropérios. Como já estava embarcando, deixei que se arrumasse por lá.[210]

De acordo dom Olímpia Camerino[211], os hospitais de campanha eram cercados de arame farpado com minas nos arredores. Nos acampamentos, havia várias barracas onde elas se alojavam, "[...] as barracas eram de lona impermeável e erguidas sobre esteios de pisos de madeira" [...][212]. As enfermeiras norte-americanas tinham alas de dormitórios separadas das enfermeiras brasileiras. "[...] Na periferia dessa área existiam placas com inscrição "off limits", o que indicava estar, por fora, o terreno minado [...]"[213]Era comum os hospitais de campanha receberem inúmeros feridos mutilados por minas terrestres, não apenas soldados, mas também civis, incluindo crianças que, ao brincar em áreas perigosas, acabavam sendo atingidas por minas terrestres construídas para o inimigo.

Quanto mais próximo ficavam os hospitais de campanha da linha de frente, mais rigorosas eram as restrições de mobilidade fora das áreas permitidas. Essa restrição de mobilidade fora da área permitida também estava relacionada às explosões de minas deixadas para trás pelos alemães. "[...] Diz-se que é perigoso andar fora dos caminhos indicados devido as constantes explosões de minas deixadas pelos alemães. Um dos nossos brasileiros morreu

---

[210] CANSANÇÃO, 2003. p.103.
[211] CAMERINO, Olímpia de Araújo**. A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Capemi, 1983.
[212] CAMERINO, 1983. p. 53.
[213] CAMERINO, 1983.

quando ia para a praia e um outro está na enfermaria onde foi operado de perfurações diversas pelos estilhaços. [...]"[214]

Havia restrição de mobilidade devido à guerra, mas as enfermeiras sempre podiam andar pela cidade acompanhadas por oficiais. Embora alguns hospitais de campanha não estivessem na linha de frente, os constantes ataques e combates eram ouvidos na retaguarda, e quanto mais próximo o hospital de campanha estivesse do *front*, mais intensos eram os efeitos da guerra. "[...] Houve constante e forte combate à noite. parecia ser aqui de tão perto o som."[215] O teatro San Carlo, em Nápoles, na Itália, ainda estava em pleno funcionamento na época e era um ponto de lazer frequentado por muitos militares estadunidenses e brasileiros. Com frequência, as enfermeiras brasileiras e americanas visitavam clubes sociais e restaurantes fora da área hospitalar, acompanhadas por militares americanos e brasileiros.

Devido aos uniformes dos brasileiros terem uma cor semelhante à dos alemães, eles precisavam usar uma faixa no braço com a palavra "Brazil" para se distinguir. As enfermeiras brasileiras usavam os uniformes das enfermeiras estadunidenses, pois os uniformes fornecidos pela FEB não eram de boa qualidade. Altamira Valadares, em seu diário de viagem, relata o seguinte:

> [...] Recebemos tanta roupa de uniforme, desde os sapatos marrons, 2 pares de galochas, 1 capa de lã escura, bolsa de couro marrom ótima, 4 pijamas, calças e casaco, 5 vestidos, 3 toucas, tudo em tecido crepom listrado marrom claro. Tudo bom e com gosto. Parece mentira que tivéssemos que vir até aqui para recebermos roupas etc., em condições. [...][216]

Os moradores civis italianos da região eram responsáveis pelo fornecimento dos serviços básicos de limpeza e alimentação. Devido à guerra, isso era a única fonte de renda para muitos que viviam na região. Muitas vezes, era utilizado o sistema de trocas para obter determinados produtos em vez de usar dinheiro. Geralmente, as enfermeiras trocavam alguns itens que lhes eram fornecidos, como cigarros ou velas, por frutas que eram vendidas pelos italianos da região.

---

[214] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 28, 17 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/17-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

[215] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 52, 01 set. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/1-de-setembro-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

[216] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 21, 14 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/14-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

"Os italianos fazem todo o serviço pesado e trocam frutas, ovos, por cigarros, comida, roupa, calçados, sabão [...] umas italianas levaram nossa roupa para lavar, passar e engomar, 2 italianos carpiram e aterraram a nossa tenda. Cada 1 deu cigarros, sabão, chocolate e + 25 lrs"[217]. Equipamentos como o capacete, que eram distribuídos para as enfermeiras visando à segurança pessoal, assumiam, por vezes, outras funcionalidades. "[...] Ganhei hoje o capacete que para nós tem múltiplas aplicações = banheiro – lavar roupa e, proteção. [...]"[218] Essas interações sociais com trocas de produtos eram realizadas devido à restrição de circulação de determinados itens materiais em razão da guerra.

Nas questões de higiene pessoal em um ambiente extremamente hostil, o banho não podia ser demorado e havia dias específicos para realizá-lo "[...] Banho aqui é 2ª, 4ª e 6ª feiras para as nurses e 3ª, 5ª e sábados para os oficiais. [...]"[219]Além disso, as enfermeiras brasileiras tinham a opção de realizar conversão da moeda no Banco do Brasil e abrir uma conta para depositar dinheiro, geralmente o soldo recebido da FEB ou dinheiro enviado por familiares através dos grupos de enfermeiras que iam chegando do Brasil.

Como oficiais e enfermeiras americanas e brasileiras frequentavam os mesmos clubes sociais noturnos, encontros românticos eram frequentes, e muitas enfermeiras e oficiais chegaram a se casar. Nas regras da FEB, não era permitida a entrada de mulheres casadas no serviço de enfermagem. No entanto, a enfermeira Elza e o Dr. Solto Maior casaram-se antes do embarque para a Itália e permaneceram atuando nos mesmos hospitais de campanha. Altamira Valadares, em seu diário de viagem, relata alguns casamentos de enfermeiras estadunidenses que ocorreram nos hospitais de campanha, celebrados por um pároco local. No entanto, ela não relata casamentos de enfermeiras brasileiras. "[...] Hoje casa-se outra nurse e algumas colegas foram assistir o ato. Muitas colegas hoje fizeram penteados, permanentes, unhas, limpeza de

---

[217] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 47, 27 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/27-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

[218] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 55, 03 set. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/09/03-de-setembro-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

[219] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 56, 04 set. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/09/04-de-setembro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

pele etc. no salão anexo. [...]"[220] Em meio à guerra, houve pausas para festejar casamentos, e sempre que eventos como esses aconteciam, era motivo de grande festa e comemoração.

Na noite de segunda-feira, dia 11 de setembro de 1944, na comuna de Santa Luce, no Hospital de Campanha 38th, Altamira Valadares relata em seu diário de viagem a entrada de muitos feridos brasileiros que chegaram por ocasião de uma explosão numa mina. "[...] À noite chegaram muitos brasileiros feridos de 1 mina – 8 ou 9 – um deles morreu lá mesmo. Os médicos levaram a noite toda operando até pela manhã – os aviões roncaram a noite toda."[221]

Geralmente, os acampamentos hospitalares instalados em tendas não permaneciam muito tempo no mesmo local devido ao perigo de ataque. Por isso, era comum desmontar as tendas e realocá-las em outro local. Ela relata ainda um incêndio provocado propositalmente no hospital de campanha: "[...] Jacyra chegou de Pistoia e disse que há dias incendiaram 8 tendas: 4 brasileiras e 4 americanas pelo fogo que propagou da estufa elétrica do club – perderam tudo, até dinheiro e o Souto quase que morreu. Helena vae bem."[222]

Houve também casos de vazamentos propositais de rios próximos, provocando inundações em acampamentos hospitalares feitos pelos alemães. O 38th Evacuation Hospital, localizado no vilarejo de Santa Luce, na Itália, foi destruído em 1º de novembro de 1944 por uma enchente causada pelos alemães, que represaram o rio Arno e estouraram as comportas. As águas desceram pelas montanhas e destruíram tudo em seu caminho. Esse hospital de campanha ficou inundado e teve que ser evacuado às pressas.

Apesar de existir um sistema de correio para envio e recebimento de cartas, muitas enfermeiras, soldados e oficiais preferiam enviar suas cartas por meio de oficiais e soldados que estavam retornando para o Brasil. Todas as cartas enviadas pelo sistema de correio eram abertas pela censura, por questões de segurança, a fim de verificar o conteúdo que pudesse ser prejudicial à segurança nacional. Dessa forma, grande parte das cartas enviadas tanto pelos

---

[220] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 172, 06 nov. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/11/06-de-novembro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

[221] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 68, 11 set. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/09/11-de-setembro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

[222] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 344, 26 mar. 1945. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2021/03/26-de-marco-de-1945.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

familiares no Brasil quanto pelos que estavam no *front* italiano acabava, por vezes, não chegando ao seu destino. [223]

Os hospitais de campanha mais próximos da linha de frente recebiam com frequência os feridos graves, que eram atendidos imediatamente. Os casos menos graves eram transferidos para hospitais mais distantes, que possuíam infraestrutura adequada para internação. Em situações em que era possível esperar, preferia-se transportar o ferido para os hospitais mais distantes da linha de frente, pois possuíam uma estrutura de operação de grande porte e melhor capacidade de recuperação dos pacientes. No dia anterior, em 12 de outubro de 1944, houve um grande bombardeio em Livorno, sobrecarregando a equipe médica dos hospitais de campanha. Altamira Valadares relata o seguinte sobre esse episódio:

> Quando saí para ver o bombardeiro de Livorno – estava muita lama e escuro – O céu coberto de estrelas explosivas – coloridas e foi até tarde – 38th Pizza: as 6hs,10 clarim –Breakfast- Frio- lama _ as 7hs,00 O.R.: muito serviço – operaram a noite toda – seguramente umas 50 intervenções _ assim continuou o dia todo _ foram suspensas todas as ordens de saída e trabalho contínuo de 12hs, sem descanso.[224]

Os fotógrafos e correspondentes de guerra de jornais como o "Diário Carioca" eram figuras corriqueiras na retaguarda dos hospitais de campanha. Eles permaneciam algum tempo nos hospitais de campanha, realizando matérias jornalísticas. Muitas enfermeiras brasileiras foram entrevistadas e fotografadas para publicação nos jornais de circulação no Brasil. As enfermeiras brasileiras aproveitavam essa oportunidade para enviar notícias tranquilizadoras aos familiares no Brasil.

Além de realizar o trabalho direto com os pacientes, as enfermeiras também desempenhavam tarefas burocráticas e técnicas relacionadas aos materiais utilizados em cirurgias e procedimentos médicos. Isso incluía listar, separar e distribuir os materiais cirúrgicos e de uso médico, bem como preparar a esterilização das salas de cirurgia.

Nenhuma enfermeira chegou a falecer em serviço, porém muitas delas adoeceram devido ao trabalho prestado e à exposição a doenças infectocontagiosas. Algumas enfermeiras ficaram com sequelas posteriores, mas a maioria se recuperava nas enfermarias dos hospitais de campanha. Elsa Cansanção[225] relata o caso da enfermeira Graziela, da FEB, que sofreu um

---

[223] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 129, 13 out. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/10/13-de-outubro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

[224] VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 129, 13 out. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/10/13-de-outubro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

[225] CANSANÇÃO, 2003.

acidente ao escorregar e cair no chão molhado durante o serviço na Itália. No entanto, ela foi logo transportada para um hospital no Brasil. Infelizmente, devido a uma série de descasos com sua saúde e bem-estar físico, incluindo uma lesão na coluna e uma forte batida na cabeça, sem os devidos cuidados, sua condição se agravou e levou ao seu falecimento enquanto recebia tratamento no Hospital Militar no Rio de Janeiro.

Muitas das enfermeiras que adoeceram em serviço e tiveram o Estado de saúde agravado foram mandadas para os EUA a fim de receberem tratamento hospitalar adequado ou retornaram ao Brasil de imediato. Como foi o caso da enfermeira Olga Mendes do Rio de Janeiro:

> Seu estado de saúde agravou-se acometida que foi de angina funcional, e foi transladado para o 16th Evacuation Hospital de Pistoia, e posteriormente, evacuada em Navio-Hospital para os EUA, onde permaneceu em tratamento. O seu regresso ao Brasil se deu no Navio Hospital Florida, que a trouxe até Recife, Pernambuco, e de lá para o Rio de Janeiro o transporte foi feito em avião, sendo levada diretamente para o Hospital Central do Exército.[226]

Em 6 de julho de 1945, Getúlio Vargas baixou um aviso (17-185) dissolvendo a FEB, que ainda se encontrava em solo italiano. O aviso estabelecia que as unidades que fossem chegando ao Brasil ficassem subordinadas à 1ª Região Militar, destituindo o general Mascarenhas do comando, desincorporando os integrantes da reserva, desligando os da ativa e enviando muitos outros para lugares distantes no Brasil. [227]

O último navio que embarcou do porto de Nápoles levando a tropa brasileira saiu em 1º de setembro de 1945, chamado James Parker, e ficou conhecido como “navio negreiro da FEB” devido às condições de instalações e higiene que não eram das melhores. As enfermeiras brasileiras remanescentes, incluindo Maria Hilda Policarpo de Melo, viajaram de volta para o Brasil nesta embarcação e fizeram a escolta da brasileira Margarida Hirschamann, que foi presa por traição. Margarida era locutora da estação alemã Auri-Verde, instalada na cidade de Milão, que fazia propaganda nazifascista na língua nativa para a tropa brasileira na tentativa de persuadi-los.[228]

Ao fim da guerra, o corpo de enfermeiras da FEB foi dissolvido. Houve a proposta da criação de um quadro regular especializado no Exército, requerido pelo diretor-geral de saúde do Exército. No entanto, essa proposta só foi efetivada com dificuldades em 1950, quando as enfermeiras foram novamente incluídas na reserva do Exército no posto de segunda tenente. Em 1957, foi solicitada a convocação de 46 enfermeiras, com possibilidade de progressão na

[226] CANSANÇÃO, 2003.
[227] CANSANÇÃO, 2001.
[228] MORAES, 1952.

carreira e todos os direitos reservados aos oficiais. No entanto, 9 delas não se apresentaram e 12 já estavam reformadas por incapacidade adquirida durante a guerra ou por idade avançada.[229]

Através da produção desses registros deixados por elas, direta ou indiretamente, é possível fazer diferentes formulações de análises, seja por meio das práticas cotidianas, seja através da dimensão da memória dessas mulheres. O que importa, de qualquer forma, é discutir novas possibilidades para a história dessas enfermeiras. Ao voltarmos nossa atenção para as práticas cotidianas relatadas nos jornais ou nos livros de memórias, é possível identificar Maria Hilda Policarpo de Melo e as enfermeiras da FEB fazendo uso daquilo que Michel de Certeau[230] chamou de estratégias e táticas, que são inerentes às ações cotidianas nas quais elas estão constantemente envolvidas.

Isso é perceptível, por exemplo, no processo de envio e recebimento de correspondências nos hospitais de campanha, conforme relatado por Olímpia Camerino[231]. Era comum enviar algumas encomendas ou cartas por meio dos doentes que estavam sendo transportados para o Brasil, devido à alta fiscalização e censura no serviço postal. A estratégia era evitar a fiscalização dos envios de correspondências pelas autoridades. No entanto, as enfermeiras, tendo acesso aos soldados brasileiros nos hospitais de campanha, utilizavam-se de táticas para garantir que suas correspondências chegassem de fato aos seus familiares, além de enviar algumas pequenas lembranças que não podiam ser enviadas oficialmente.

Em vários momentos, foi possível observar as enfermeiras brasileiras utilizando sua inteligência e criatividade para escapar de uma ordem ou norma imposta, tentando, na medida do possível, burlar as regras às quais estavam submetidas, pois era de seu interesse fazê-lo. Para Michel de Certeau[232], a conveniência é a justificação do comportamento. Portanto, o indivíduo subverte aquela norma porque foi conveniente para ele, existe uma justificativa para determinado comportamento, embora nem sempre seja calculado ou planejado de forma coordenada, mas sim uma ação realizada de maneira conveniente. Essas perspectivas estão presentes o tempo todo nas práticas cotidianas das enfermeiras da FEB, e é interessante observar essas ações em conjunto.

4.2 Diário como lembranças e memórias de papel

[229] SCHUMAHER; BRAZIL, 2000.
[230] CERTEAU, 1998.
[231] CAMERINO, 1983.
[232] CERTEAU, 1998.

O registro da memória do presente vivido demonstra a preocupação em fazer memória de tudo. François Hartog[233]nomeia essa perspectiva como uma historização do presente e do cotidiano. Produzindo, desta forma, uma identidade pessoal de quem o produz. Assim sendo, a memória também é um processo de rememoração e o ato de escrever funciona como um remédio ao esquecimento, serve, por sua vez, como objeto de recordação.

No processo autobiográfico e biográfico empregado por Elza Cansanção e Olímpia Camerino na publicação de seus diários de viagens, elas revisitam lembranças do passado fixadas no papel, atribuindo-lhes novos significados e selecionando aquilo que deve compor o livro. Esses escritos contam, em partes, o cotidiano e as memórias sobre suas experiências sensíveis da guerra na Itália. Nas práticas cotidianas relatadas, é possível ter acesso a elementos comuns do dia a dia dessas enfermeiras, que constantemente empregam estratégias e táticas. Os episódios elencados não seguem uma cronologia ordenada, nem uma personalidade coerente, e as ações do passado, ao serem revisitadas, não permanecem inertes.

Duas coisas entram em conflito nessas escritas devido aos diferentes significados atribuídos antes, durante e após a guerra. Embora haja semelhanças entre eles, também existem dissonâncias entre o personagem social criado pela mídia impressa e as percepções que elas têm de si mesmas. A recordação de um passado distante traz contradições paradoxais. No entanto, ambos os livros – que serviram como ponto de referência para as questões estudadas – conseguem construir uma narrativa que lida com elementos contraditórios que fazem parte da identidade dos indivíduos e das representações que elas fazem de si através da linguagem. Cada momento particular é tomado isoladamente em relação à construção narrativa, que não segue um desenvolvimento linear nem um itinerário coerente e determinado.

O diário de viagem de Elza Cansanção, publicado em forma de livro com o título *E foi assim que a cobra fumou (1987),* entrelaça a narrativa de suas experiências vividas com narrativas contadas e vivenciadas por outros ex-integrantes da FEB. Essas narrativas acabam se misturando na composição do livro, que tenta abordar vários elementos e episódios considerados dignos de serem rememorados do cotidiano daquele ambiente. A autora, no início, afirma o seguinte: “Esse foi o início de minha carreira militar, carreira cheia de fatos alegres e alguns tristes e desagradáveis. Procuro guardar dela apenas as recordações alegres, apagando da minha mente as tristes.”[234]

---

[233] HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

[234] CANSANÇÃO, 1987. p. 67.

Essa afirmação é perceptível na construção de sua narrativa. Ao relatar episódios dos bastidores dos hospitais de campanha no *front* italiano, há poucos momentos em que ela deixa transparecer lembranças desagradáveis com mais ênfase. E mesmo quando essas lembranças surgem, são abordadas de forma superficial. Por exemplo, ao contextualizar a morte de seu noivo, ela fornece apenas informações superficiais e fragmentadas sobre o episódio que resultou em sua morte: "[...] os americanos iniciaram uma ofensiva com a 92ª DI, da qual fazia parte o 362ª RI onde servia o Tenente Robert Bishipo, de quem fui noiva. Esse rapaz foi morto no dia 2 de maio, logo após termos nos comunicado por telefone. Ele e o chofer foram destruídos pela granada." [235] Não havendo informações adicionais a respeito deste trágico episódio.

No entanto, a composição do livro é riquíssima. Além das próprias narrativas dos fatos vivenciados, o livro está repleto de fotografias, recortes de jornais e documentos obtidos junto ao Ministério da Guerra, além de detalhes minuciosos de seu roteiro de viagem, que passa pelo norte da África até o destino em Nápoles, na Itália, nos locais de atuação da Força Expedicionária Brasileira. Esses elementos complementares buscam, em certa medida, atestar a veracidade dos eventos narrados. Por exemplo, a fotografia abaixo, proveniente do acervo pessoal de Elza Cansanção, é publicada em seu livro.

Figura 27 – Enfermeiras e hospital desmontado.



Fonte: CANSANÇÃO, 1987. [236]

[235] CANSANÇÃO, 1987. p. 200.

[236] Na primeira foto vemos Novembrina, Maria Belém, Jugleide, Elzinha, Virgínia, quando se preparavam para embarcar nos caminhões quando da mudança do hospital 38th Evacuation, de Vada para Pisa. Na segunda foto, metade do hospital desmontada e pronta para ser transportada enquanto a outra metade permanecia em funcionamento.

Em contrapartida, o diário de viagem publicado na forma de livro por Olímpia Camerino, intitulado *"A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial" (1983)*, apresenta elementos distintos dos encontrados no livro de Elza Cansanção. Para a autora, a publicação de sua trajetória como enfermeira militar "é a concretização do desejo de registrar minhas lembranças".[237] Portanto, o ato de rememorar é uma forma de evitar que o passado seja completamente esquecido.

A composição do livro, como um todo, é feita principalmente a partir das experiências vividas pela autora durante sua atuação como enfermeira da FEB. Os elementos de sua atuação nos hospitais de campanha são enfatizados de forma significativa, revelando lembranças traumáticas e sensíveis. Ela declara: "Ao contá-la, ainda as lágrimas me correm pelas faces. Como esquecer a guerra, nós que trazemos na alma e no corpo as marcas da sua presença, que jamais se apagarão [...]"[238] As dores e vivências individuais experimentadas durante a guerra, ao cuidar dos feridos, são o diferencial na composição de sua narrativa.

Contudo, essas duas narrativas se complementam nos elementos dissonantes e semelhantes de suas rememorações. Ambas trazem informações sobre personagens tangenciais que compuseram o cenário de guerra no *front* italiano. É por meio desses detalhes narrativos que surgem sujeitos como a enfermeira piauiense Maria Hilda Policarpo de Melo.

Nas narrativas autobiográficas, temos como pano de fundo a abordagem das estruturas sociais, apresentando de forma menos esquemática os mecanismos que constituem as redes de relações e os grupos sociais. [239] Em certa medida, nas duas narrativas apresentadas, há uma normalização de comportamentos que perdem seu caráter individual e se tornam típicos de seu meio social, contribuindo para o retrato da época e do grupo ao qual pertencem. As trajetórias individuais se inserem e estão enraizadas em um contexto no qual, por meio das práticas cotidianas, é possível perceber como ocorreram as atuações dessas mulheres.

Os registros das memórias dos indivíduos modernos são subjetivos, fragmentados e ordinários, assim como suas vidas. Portanto, os diários publicados na forma de livros exigem uma maior atenção na reflexão sobre as construções de representações, a circulação desses livros e os dispositivos de apropriação. Através do diário de viagem, é possível rememorar uma passagem de tempo considerada marcante, sendo importante para compreender como ocorreu

[237] CAMERINO, 1983. p. 06.
[238] CAMERINO, 1983. p. 102.
[239] LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 167-183.

esse processo e as condições em que essas mulheres se estabeleceram nesse campo social (Exército).[240]

As experiências pessoais despertam representações afetivas sobre o mundo e o espaço social ocupado. A prática de escrever diários surgiu na segunda metade do século XIX, com a escrita de diários íntimos pela elite letrada, principalmente por mulheres. Até hoje, as mulheres são as principais produtoras desse gênero, embora tenha havido uma reformulação com o surgimento da internet e a produção de blogs pessoais. Essa produção ampliou a perspectiva do cotidiano na vida privada, estendendo-se também a autobiografias, biografias e correspondências. "[...] a memória é o elemento primordial que confere fundamento e existência",[241] como afirma a citação. Em um trecho de sua viagem, Elza Cansanção relata o seguinte:

> Chegamos a 12 de julho de 1944 à belíssima e misteriosa cidade de Alger. O calor era intenso, e nossa roupas inteiramente inadequadas. Andamos como rebanho mal conduzido, rodando de um lado para o outro, sem na realidade podermos ver muito da cidade, pois tudo era *off limits*. Graças à interferência do Embaixador Vasco Leitão da Cunha, dessa vez ficamos alojadas em um bom hotel, embora nos quartos destinados aos empregados. O Aleti Hotel era na ocasião o melhor da cidade. Em frente a ele havia um enorme jardim e ao lado uma pérgola que conduzia a um teatro. Transcorria o dia 14 de julho e era a primeira vez que os franceses, libertos do julgo nazista, comemoravam o seu dia nacional. O calor era terrível, e como da sacada de ferro de nosso quarto tivéssemos uma visão tão boa, nos deitamos no solo em trajes sumários e estávamos nos deliciando com o espetáculo do desfile militar. Era a primeira vez que víamos as tropas senegalesas e de outras tribos árabes. O visual magnífico, montados em belíssimos cavalos ajaezados de prata, com as cabeças cobertas por turbantes coloridos e com suas finas capas de lã branca, esvoaçantes sobre o lombo dos animais, nos faziam recordar os filmes de Ben-Hur.[242]

O próprio ato de falar ou escrever sobre si cria condições em que o sujeito estabelece seu lugar no mundo e na esfera social. [243] Essas perspectivas sobre o "eu" carregam singularidades e pluralidades identitárias ao longo de toda a trajetória contada. A memória não representa um conjunto ou uma unidade, mas apenas uma parte da realidade individual ou de grupos que possuem múltiplos aspectos identitários. Os fragmentos da memória registrados no papel revelam atos singelos do cotidiano que muitas vezes passam despercebidos, mas estão carregados de significados. O trecho destacado mostra como os pequenos detalhes de uma viagem revelam elementos de contato com o desconhecido que se destacam.

Nesse processo, há omissões, enfatização de determinados aspectos e até mesmo a redefinição das trajetórias individuais, resultando na manipulação da própria existência para

---

[240] GOMES, Ângela de Castro**.** Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-24.
[241] RIBEIRO, 2013. p. 209.
[242] CANSANÇÃO, 1987. p. 61-62.
[243] GOMES, 2004.

construir uma identidade que se deseja transmitir para si mesmo e para os outros, no caso dos leitores da narrativa. Nesse sentido, a veracidade do passado narrado é menos importante do que as representações que são feitas dele, o que é lembrado ou esquecido.[244] O esquecimento é algo inerente ao ato de lembrar.

A memória está em constante relação entre presente e passado, e a conjuntura vivenciada no presente remodela as memórias do passado. Ou seja, recordamos o passado a partir das demandas do presente, pois a memória é um fenômeno vivo e mutável. A história desses indivíduos historicamente marginalizados, como é o caso das enfermeiras da FEB, é construída a partir das memórias remanescentes desses indivíduos e dos grupos aos quais pertencem.[245]

Como afirma Pierre Nora[246], história e memória, apesar de claramente distintas, estão em constante articulação, alimentando-se uma da outra para sobreviver. Não deixar que o passado caia no esquecimento tornou-se uma responsabilidade tanto do indivíduo quanto do grupo ao qual pertencem. É o elemento ao qual Walter Benjamin chamou atenção, o perigo dos mortos continuarem mortos. É esse culto ao passado que leva a constantes registros em biografias, diários, fotografias, cartas, museus e similares, como uma forma de não deixar o passado ser esquecido.

O esquecimento tem sua importância na organização de uma linha de pensamento. Muitas vezes, ao nos depararmos com anotações em diários e cartas, por exemplo, nos surpreendemos com eventos que caíram no esquecimento. Mesmo um relato feito em uma série de diários, cartas e outros registros não é capaz de recuperar o passado, pois ele faz parte de uma série de acontecimentos e situações. Comunicar sobre o passado, seja de forma oral ou por meio de registros escritos, traz modelações do momento vivido. No diário, há uma busca pela cronologia dos eventos, mas o simples ato de lembrar e transpor uma linha de pensamento para o papel não garante a ordenação precisa dos fatos nem a linearidade da narrativa.[247]

Tanto o diário quanto as fotografias podem ser consideradas relíquias, locais nos quais se guardam lembranças e histórias de um dado momento. Porém, elas podem sucumbir com o tempo e até mesmo perder sua importância ou deixar de existir. Sons, cheiros e sensações

---

[244] RIBEIRO, 2013.
[245] MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. O cotidiano, os "regimes de historicidade" e a memória. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 236 - 253. set./dez. 2016.
[246] NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. n° 10, 1993.
[247] LOWENTHAL, D; HADDAD, T. L; MALUF, R. Técnica: M. COMO CONHECEMOS O PASSADO. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 17, 2012. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110 . Acesso em: 8 jul. 2023.

trazem de volta um passado de forma vívida, servem de estímulo para rememorar as lembranças, assim como as fotografias que trazem materialidade a essas lembranças.

De acordo com Pierre Bourdieu[248], o indivíduo procura, por vezes, postular um significado à sua existência, preocupando-se em dar sentido, tornando razoável e construindo etapas de um desenvolvimento necessário. Para compreender a trajetória a partir da narrativa empregada por essas sujeitas, é preciso previamente construir os estados sucessivos do campo no qual elas se desenvolveram e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram as agentes consideradas a um conjunto de outros agentes envolvidos no mesmo espaço social. É preciso, de toda forma, fazer um desvio para a construção do espaço.

Essas enfermeiras expedicionárias, ao longo de sua jornada nos hospitais de campanha na Itália, produziram deliberadamente uma memória de si, e ao retornarem, englobaram um conjunto de ações autobiográficas em diários, recolhendo objetos materiais com ou sem a intenção de que com estes resultasse em coleções. Por exemplo, as fotografias, os cartões postais e objetos diversos que habitaram o cotidiano durante o percurso de suas jornadas, produzindo, portanto, o que Ângela de Castro Gomes[249] nomeia, a partir de Pierre Nora, de "teatro da memória", ou seja, um espaço onde se guardam os registros que materializam a história desses sujeitos e do grupo do qual fizeram parte. Como, por exemplo, este recorte de jornal do acervo pessoal de Olímpia Camerino presente na publicação de seu livro.

Figura 28 – Alunas do curso de enfermeiras para a FEB, em treinamento de educação física.



Fonte: CAMERINO, 1983.

[248] BOURDIEU, Pierre**. A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-193.
[249] GOMES, 2004.

Este arquivo pessoal contido, por exemplo, nos diários, produz o "eu" assumindo a subjetividade inerente a partir de uma dimensão integrante de sua linguagem, construindo assim a "sua" verdade, revelando as dimensões íntimas e profundas de uma narrativa introspectiva. O que importa ao analisar esses fatos elencados não é a verdade absoluta, mas sim a ótica assumida pelo registro e como o produtor deste registro se expressa. Não se trata de dizer o que de fato aconteceu, mas o que se viu, sentiu e experimentou em relação aos acontecimentos passados.[250] Nesta perspectiva, é evidente que as experiências vivenciadas em um ambiente singular e desconhecido as fizeram produzir esses registros referenciais sobre sua existência e presença no espaço social ocupado enquanto enfermeiras militares.

Michelle Perrot[251] chama a atenção para o silêncio das fontes em relação à história das mulheres, não só em fontes escritas, mas também em relação à memória. Essas questões suscitam uma análise minuciosa sobre o registro das lembranças das enfermeiras febianas feitas nos diários e na posterior publicação de seus diários na forma de livro. As posteriores publicações e reinterpretações sobre suas trajetórias no serviço de saúde da FEB fazem parte da tentativa de reafirmação enquanto sujeito histórico.

Os vestígios mais íntimos de suas atuações encontram-se em seus relatos durante o período de atuação e posteriormente, quando revisitam o registro de suas lembranças em seus diários ou nas poucas entrevistas que deram em vida. Entretanto, Maria Hilda Policarpo de Melo não produziu esse tipo de registro, porém, ela aparece de forma correlata nesses registros produzidos por outras enfermeiras, o que nos permite trazê-la para o centro das discussões a partir desses poucos indícios e pistas. É preciso, de toda forma, ter uma visão dançante sobre as produções de memórias deixadas por elas, lembrança que dança, que baila, que flui e se transforma nas produções desses registros enquanto lembranças e memórias de papel.[252]

4.3 Escrever ou esquecer: lembranças traumáticas

A memória é um dos elementos mais instigantes e estimuladores produzidos pelo cérebro humano. O simples ato de rememorar traz à tona sentimentos, aromas, imagens, sabores e sons de um momento vívido. Nossa memória guarda e reconstrói esses eventos que nos

[250] GOMES, 2004.
[251] PERROT, 1998.
[252] CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. Por uma escrita bailarina da história. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (Org.). **História cultural**: produção e circulação de conhecimento. São Paulo: HUCITEC, 2017.

marcam, assim como descarta aquilo que é passageiro. "[...] As lacunas de esquecimentos e silêncios são tão significativas quanto as lembranças latentes [...]"[253]. A memória tornou-se, ao longo do tempo, principalmente após as transformações na historiografia mundial com a criação da Escola dos Annales, indispensável para os historiadores. Utilizando-a como fonte a partir de uma relação entre o presente e o passado, é uma forma de entender o tempo histórico em suas diferentes complexidades, fugindo de uma lógica da linha do tempo cronológico e adotando um olhar aguçado às rupturas.

Rememorar é, como lembra Jeanne Gagnebin[254], um ato político que está inserido dentro de uma camada coletiva. É preciso ter uma atenção especial à rememoração, pois ela implica necessariamente nos imperativos de agir no presente. O passado relembrado e recordado traz tanto memórias individuais quanto coletivas. Nossas lembranças pessoais não se encerram em si mesmas, há um entrelaçamento com o outro e com o coletivo. Ou seja, como lembra Maurice Halbwachs[255], a memória é um fenômeno social, e embora exista a memória individual, a construção da memória do sujeito é feita a partir da interação com o outro.

Michael Pollak[256] pontua que os fatores de disputa e negociação da memória precisam ser problematizados. É o que ele denomina de "memórias subterrâneas", que muitas vezes são reprimidas e submetidas a um enquadramento em detrimento de uma memória coletiva. O processo de rememorar o passado constrói sentido para a identidade do indivíduo e para uma identidade coletiva pertencente a um grupo. Desta forma, é preciso dar voz às memórias subterrâneas das minorias e dos marginalizados, ressignificando e trazendo à tona aquilo que estava no esquecimento. Como, por exemplo, as reinterpretações feitas pelas ex-enfermeiras sobre sua participação na delegação do serviço de saúde da FEB, rompendo, assim, com a política de esquecimento a que foram relegadas.

Existe, sobremaneira, uma seletividade nas memórias produzidas pelas enfermeiras febianas, em um processo de negociação entre memória individual produzida e registrada nos diários de viagem, nos objetos que compõem esse teatro da memória e a memória coletiva do grupo ao qual pertencem. Até mesmo entre elas, a memória entra em disputa, existindo conflito e competição entre memórias concorrentes.[257]

---

[253] PEDRAZANI, Viviane. A Memória Como Objeto De (Re) Construção Do Passado: Um Debate Teórico. **Humana Res**. Teresina, v. 1, n. 1, p. 66 – 80. 2019.
[254] GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
[255] HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2º ed. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais LTDA, 1990.
[256] PEDRAZANI, 2019.
[257] POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15. 1989.

A memória, de acordo com Michael Pollak[258], pode ser mudada ou ressignificada a partir de um monumento e da representação que fazemos desse monumento. Escrever ou esquecer perpassa essas subjetividades de omitir ou silenciar um dado momento vivido que gera certas lembranças traumáticas, lembranças essas que não cabem em um pedaço de papel. Dessa forma, ocorre um silenciamento sobre o passado, e esse silenciamento pode estar ligado a um sentimento de culpa e trauma em relação a um dado momento vivido. Isso pode ser observado no relato a seguir:

> Estou de serviço. Chega uma ambulância trazendo soldados feridos. Eram brasileiros. Atendemos e consternados verificamos que havia um morto. Que lastima! Devia regressar ao Brasil dois dias depois. Socorridos os feridos, foram distribuídos pelas enfermarias. E o morto? Ficaria no necrotério até o dia seguinte, quando o levariam para o cemitério de Pistóia [...] No hospital reinava profundo silêncio. Na penumbra da enfermaria todos dormiam[...] o cansaço e depressão moral se apoderavam de mim. São três horas da madrugada. Chovia e fazia frio. Novo inverno se aproximava. A guerra há muito terminara e ainda restava em terras da Itália um punhado de brasileiros, que esperavam ansiosos o dia de rever a Pátria querida. Desejo escrever. Desabafar. Falar dos nossos soldados, das suas dores, dos seus sofrimentos. O sino da igrejinha de Sparanise bate quatro horas. Um trem passa apitando. Uma saudade imensa me domina. Não posso escrever [...] e o que morreu? E o que ficou no necrotério? Devia ir vê-lo. Lembrei-me de alguém, que no Brasil esperava ansiosa por aquele que não mais voltaria. Acordei o pracinha auxiliar da enfermaria e seguimos para o necrotério. Ali, ajoelhados, balbuciamos uma prece.[259]

O esquecimento e a luta contra o esquecimento fazem parte tanto do indivíduo quanto do grupo ao qual pertencem. Escrever, por exemplo, em diários, é uma forma de vencer o esquecimento. Da mesma forma, o ato de não falar ou escrever sobre um dado momento vivido considerado traumático é uma maneira de buscar um necessário esquecimento de um passado doloroso. O esquecimento está numa linha tênue entre o recordar e o esquecer, a fim de tornar a experiência humana mais aprazível[260]. Neste trecho destacado, é perceptível a solidão que muitas vezes as enfermeiras enfrentam sozinhas, a dor da perda muitas vezes não é compartilhada e, por vezes, suprimida por uma avalanche de acontecimentos sucessivos que não permite um desvio de atenção para sentir o peso de uma guerra que também se faz na retaguarda. Assim, é à luz de uma vela que muitas vezes elas descarregam angústias de um dia longo em seus diários.

Nas lembranças traumáticas, é interessante observar as escolhas que tanto Elza Cansanção quanto Olímpia Camerino fizeram em seus diários de viagem, optando pelo silenciamento de alguns momentos vividos e destacando outros. Como enfermeira nos hospitais

---

[258] POLLACK, 1989.

[259] CAMERINO, 1983. p. 64-65.

[260] SILVA, Gisele Reinaldo da. Memória e olhar como mecanismos de (re)leitura da história. **Revista Moara**, n. 56, vol. 2, ago./dez. 2020.

de campanha, Elza Cansanção relata, em suas memórias publicadas a partir do diário de viagem, poucos episódios que ocorreram dentro das enfermarias, focando em momentos ao redor, como as festas de Natal, Ano Novo, as passagens por lugares desconhecidos e outros eventos. Por outro lado, Olímpia Camerino recorda cada rosto e nome de mutilados, feridos e mortos que passaram por sua enfermaria, buscando, através do diário de viagem e de sua posterior publicação, preservar essas lembranças e evitar que sejam esquecidas, solidificando assim a memória.

A memória é seletiva, mesmo quando registrada, e, de acordo com Michael Pollak[261], é um fenômeno construído, operando consciente e inconscientemente nesse processo de organização. Isso se reflete no sentimento de identidade e na imagem que as enfermeiras febianas, por exemplo, constroem de si mesmas e dos outros. O que não é dito muitas vezes torna-se mais importante do que todos os inúmeros detalhes que se sobressaem. É interessante observar como cada uma delas constrói e representa seu próprio papel, tanto para si mesmas quanto para os outros.

> Sparanise, setembro de 1945. Enfermaria 1, do 35th Field Hospital. Era o hospital remanescente. Estava instalado em barracas e ficava numa planície ao lado da cidadezinha de Sparanisa, destruída e quase abandonada. Tivemos um dia agitado. Dois italianinhos foram socorridos. Chegaram ao hospital ensanguentados e mutilados. Suas mãozinhas despedaçadas. Foram atingidos por mina quando brincavam em terreno adrede preparado para o inimigo. Ante os gritos de dor de uma pobre mãe, falecia o pequeno Pietro, vítima da própria cilada italiana. Cena de dor e amargura.[262]

Os momentos mencionados surgem de maneira incidental em suas escritas, muitas vezes se tornando parte integrante do cenário cotidiano. São uma coleção de eventos que compõem uma existência individual, apresentados como um relato dessa história. Ao narrarem e construírem suas histórias de vida, essas enfermeiras assumem sua identidade pessoal e coletiva, utilizando a linguagem para relatar suas aventuras em narrativas longas, enquanto reconhecem sua própria mortalidade. Elas se esforçam para preservar suas memórias entre os vivos, por meio da produção de seus relatos, como a publicação de seus diários, que são objeto de análise neste estudo. Dessa forma, elas estabelecem uma conexão com o passado ao revisitar essas escritas, não apenas descrevendo-as como eventos inertes, mas dando-lhes vida.[263]

---

[261] POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, p. 200-215. 1992.
[262] CAMERINO, 1983. p. 63.
[263] BOURDIEU, 2006.

Figura 29 – Enfermeiras Jacira e Neuza cuidando de uma criança italiana



Fonte: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2022.

A História é como uma forma de expressão poética, abrangendo narrativas que dão sentido ao mundo real por meio das ações humanas e da linguagem utilizada na narração. Ela se constrói a partir da reconstrução do passado, baseada nos vestígios deixados por ele. Esses vestígios carregam lembranças de uma presença que já não existe mais e que podem desaparecer para sempre. Os vestígios, a memória e a escrita possuem uma fragilidade inerente e paradoxal, pois nos recordam da necessidade de combater o esquecimento e a dissipação das informações históricas.[264]

Através da memória, é viável reconstruir a própria identidade, algo que se torna evidente nas narrativas empregadas por elas. Assim, o passado é reconfigurado ao ser recordado com base nas necessidades do presente, conferindo-lhe um novo significado em termos de tempo e espaço, ao mesmo tempo que seleciona o que pode ou não ser compartilhado. Objetos carregados de memória, como fotografias, telegramas, cartas e outros, preservam fragmentos de uma jornada tanto individual quanto coletiva, servindo como bens simbólicos. Esses objetos são considerados por Pierre Nora[265] como "lugares de memória", capazes de trazer à vida momentos específicos que pertencem tanto ao âmbito pessoal quanto ao coletivo. Nos livros

[264] GAGNEBIN, 2006.
[265] NORA, 1993.

analisados aqui, esses objetos que compõem o cenário da memória surgem para conferir maior autenticidade aos eventos narrados.[266]

A constante marginalização da presença das enfermeiras febianas na história oficial impulsionou-as a publicar seus diários de viagem em forma de livros, reafirmando sua presença e resgatando memórias de um passado vivenciado intensamente. Embora tenham desempenhado um papel essencial no contexto da FEB, sua participação é pouco abordada nas narrativas históricas. Mesmo estando presentes nesse cenário híbrido da guerra, suas contribuições foram ocultadas ou minimizadas.

Estando presentes em um contexto de guerra, as mulheres desempenharam papéis de combatentes, seja auxiliando os soldados nas tarefas diárias, cuidando dos feridos ou até mesmo pegando em armas. No caso do recorte estudado aqui, elas atuaram como enfermeiras militares, e seus relatos a partir de suas perspectivas trazem um olhar sensível para momentos de medo, fragilidade, sofrimento e até mesmo breves momentos de distração. As enfermeiras brasileiras que se envolveram nessa guerra distante, na Itália, em um ambiente desconhecido, foram inicialmente chamadas de "heroínas da pátria" e "mãe-pátria", mas logo após o seu retorno, foram profundamente esquecidas.

Não podemos revisitar o passado exatamente como aconteceu, mas o passado deixa suas marcas e vestígios no presente, permitindo-nos inferir como esses eventos se desenrolaram. A lembrança do passado, a partir de testemunhos pessoais, abrange tanto aspectos individuais quanto coletivos, mas traz experiências pessoais de um momento vivido, oferecendo uma visão pessoal do passado. A memória do passado, por sua vez, molda nossa identidade pessoal e coletiva, que está constantemente sendo atualizada e reinterpretada. Ao relembrar um determinado acontecimento, trazemos nossa própria perspectiva sobre o passado vivido. Dessa forma, os sentimentos experimentados no passado se destacam nas recordações do presente.[267]

A recordação do passado é influenciada pela saudade, nostalgia e pelo distanciamento temporal do momento vivido. É mais fácil lembrar e descrever situações felizes do que traumáticas. Segundo Paul Ricoeur[268], em sua análise da memória coletiva baseada em Maurice Halbwachs[269], embora a memória individual exista e seja fundamental para a formação de uma identidade singular, não lembramos sozinhos, pois somos seres sociais inseridos em uma sociedade. Como indivíduos pertencentes a um grupo, trazemos em nossa memória individual

[266] GOMES, 2004.
[267] LOWENTHAL et al., 2023.
[268] RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.
[269] HALBWACHS, 1990.

uma perspectiva da memória coletiva desse grupo ao qual pertencemos. O testemunho registrado, seja em diários de viagem ou em livros de memórias, não é apenas direcionado ao nosso "eu" futuro, que voltará a essas escritas como forma de recordação, mas também à ideia de que alguém irá ler e compartilhar dessas experiências.

4.4 Memória e Esquecimento: a participação de uma enfermeira Piauiense na FEB

Na cidade de Picos-Piauí, encontra-se uma rua que leva o nome da enfermeira piauiense, Hilda Policarpo, onde ela morou antes de partir para o *front* italiano. Essa rua também serve como um local de memória, embora poucos piauienses saibam responder com certeza quem foi Hilda Policarpo. Para a maioria das pessoas, é apenas o nome de uma rua. O interessante é que Maria Hilda Policarpo de Melo foi a única enfermeira voluntária do Piauí a fazer parte da equipe de saúde da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, sua trajetória não recebeu grande destaque em nenhum trabalho de pesquisa.

Na tese de doutorado de Welbert Feitosa Pinheiro sobre a personalidade que dá nome ao museu de Picos-Piauí, Ozildo Albano, Maria Hilda Policarpo de Melo é mencionada como professora do educador. No ano de 1938, a piauiense, que mais tarde atuou como enfermeira na delegação da FEB no *front* italiano, foi professora primária na Escola Municipal Landri Sales. Ela conseguiu o cargo nessa escola através de uma indicação do prefeito da época, uma vez que não havia concurso para professores. De acordo com Welbert Feitosa[270], ela utilizava práticas educativas relacionadas ao estímulo da leitura de diversos gêneros textuais, promovendo o protagonismo dos alunos. Além disso, ela era descrita como uma professora acessível, moderada e altamente preparada para transmitir conhecimento aos seus estudantes.

No ano de 1939, Maria Hilda Policarpo de Melo deixou suas funções como professora primária com o objetivo de se apresentar voluntariamente como combatente na Segunda Guerra Mundial. No ano seguinte, em 1940, ela concluiu o curso de Saúde Pública no Hospital Getúlio Vargas, em Teresina, Piauí. Ela redigiu uma carta endereçada ao Ministério da Guerra, oferecendo-se como enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira, e sua oferta foi prontamente aceita, desde que ela completasse um dos cursos exigidos para adentrar ao CEERE, como o curso de Samaritana ou de Voluntária Socorrista. Como resultado, ela se tornou conhecida como "heroína de guerra" pela população local da época. Um dos entrevistados na pesquisa de

[270] PINHEIRO, W. F. **Garimpeiro de memórias**: práticas educativas de Ozildo Albano - Piauí **(**1952-1989). 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

Welbert Feitosa, que foi seu ex-aluno, lembrou que ela morava no bairro de Ipueiras em Picos, onde hoje se localiza outra propriedade.[271]

A memória possui o poder de representar o passado, seja ele histórico ou social, e as memórias coletivas são construídas através de mecanismos como a oralidade e a escrita. [272] A imprensa periódica desempenha um papel crucial na comunicação com a opinião pública, sendo influenciada tanto por poderes estatais como privados. É por meio desses registros que ainda restam, encontrados em lugares de memória como a imprensa escrita, que podemos obter informações sobre a trajetória de vida da enfermeira piauiense. No entanto, tais registros são escassos, ressaltando a importância de preservar e valorizar a história e contribuições de figuras como ela.

Pierre Nora[273] argumenta que os lugares de memória são espaços carregados de simbolismo e lembranças, nos quais a memória coletiva se manifesta de forma tangível. Esses locais englobam desde monumentos e museus até cidades e objetos, representando um conjunto de elementos materiais e imateriais que evocam eventos passados e contribuem para a preservação da memória de uma comunidade ou sociedade específica. Nora enfatiza que a memória não é meramente uma questão individual, mas sim uma construção social e cultural. Ele ressalta a influência dos fatores históricos, políticos e sociais na formação da memória coletiva, enfatizando o papel fundamental dos lugares de memória nesse processo. Além disso, ele destaca a importância da preservação e reflexão sobre esses lugares, pois eles desempenham um papel vital na construção da identidade e na compreensão do passado. Ele nos lembra da necessidade de valorizar, preservar e interpretar os lugares de memória, a fim de obtermos uma compreensão mais profunda de nosso passado e fortalecermos nossa identidade como comunidade e sociedade.

Maria Hilda Policarpo de Melo nasceu em Teresina, Piauí, e infelizmente existem poucos trabalhos e pesquisas que abordam sua história, com exceção de uma breve menção no livro “Picos, os Verdes Anos 50”, do pesquisador Renato Duarte. Além disso, ela é mencionada de forma indireta na tese de doutorado de Welbert Feitosa Pinheiro, intitulada *Garimpeiro De Memórias: Práticas Educativas De Ozildo Albano - Piauí (1952-1989*). É evidente a necessidade de ampliar o conhecimento sobre a vida e contribuições de Maria Hilda Policarpo de Melo, destacando sua importância na história local.

---

[271] PINHEIRO, 2018.
[272] LE GOFF, 2003.
[273] NORA, 1993.

Apesar de seu falecimento, o nome de Maria Hilda Policarpo de Melo permanece gravado em uma rua da cidade de Picos, onde ela viveu por muitos anos e atuou como professora primária. Embora seja lembrada pelos mais velhos que a conheceram na época, pouco foi feito para preservar sua memória na consciência coletiva do povo piauiense e na história local de Picos, mesmo tendo uma trajetória de vida interessante e peculiar. É lamentável que essa figura notável não tenha recebido o devido reconhecimento e valorização.

O espaço físico desempenha um papel importante na representação simbólica e na prática cultural. Maria Hilda Policarpo de Melo enfrentou os desafios dos ditames patriarcais da época, que desaprovavam a presença das mulheres em espaços públicos, especialmente em ambientes predominantemente masculinos. Isso dificultou a produção de registros sobre sua trajetória de vida. No entanto, ela foi uma mulher que, em seu tempo e contexto, rompeu com as amarras que restringiam as mulheres apenas ao ambiente doméstico. Ao enfrentar os perigos de uma guerra na Itália, ela se libertou e desafiou as convenções da época.

Traçando uma cronologia do momento em que ela se apresentou como voluntária até sua partida final para Nápoles, na Itália, como enfermeira da FEB, podemos observar a seguinte linha do tempo com base em registros de manchetes jornalísticas de diferentes periódicos brasileiros da época: em 5 de dezembro de 1943, Maria Hilda Policarpo de Melo embarcou para a capital do Ceará, com o objetivo de fazer o CEERE no Hospital Militar sediado em Fortaleza.[274] Na data de 24 de julho de 1944, ela foi nomeada enfermeira de 3ª classe. Em 30 de dezembro de 1944, o jornal *A Manhã (RJ)* publicou que ela foi convocada para se apresentar à diretoria de saúde.[275] No ano seguinte, em janeiro de 1945, a piauiense chegou ao Rio de Janeiro para se apresentar ao Ministro da Guerra. [276] Em 21 de janeiro, o jornal *A Manhã (RJ)* publicou sobre seu embarque para Natal-RN, onde ela iria estagiar no serviço de enfermagem nos transportes aéreos.

Na data de 23 de março de 1945, o jornal *Notícias (RJ)* publicou que a enfermeira Maria Hilda Policarpo de Melo ainda se encontrava no Hospital Militar de Natal, e foi solicitada sua transferência para o Hospital Militar em Recife.[277] Em 20 de abril de 1945, o *Diário de Notícias (RJ)* publicou que a enfermeira piauiense estava à disposição do comandante da FEB.[278] Por fim, em 2 de maio de 1945, ela embarcou com destino a Nápoles, e em 21 de julho de 1945,

[274] ITINERANTES**. GAZETA**, Teresina, ano 33, n. 1.446, p. 04, 5 dez. 1943.
[275] VIDA militar. **A Manhã**. Rio de Janeiro, ano 4, n. 1.042, p. 10, 30 dez. 1944.
[276] A PRIMEIRA brasileira que se apresentou voluntariamente para os serviços de guerra. **A Noite**. Rio de Janeiro, ano 34, n. 11.819, p. 11, 07 jan. 1945.
[277] NOTÍCIA DO EXÉRCITO**. DIÁRIO DE NOTÍCIAS**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 6.879, p. 05, 28 mar. 1945.
[278] NOTÍCIA DO EXÉRCITO. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**. Rio de Janeiro, ano 15, n. 6.898, p. 05, 20 abr. 1945.

regressou ao Brasil. Ela encerrou sua atuação na FEB e, em 11 de outubro de 1945, foi convocada para participar da solenidade de entrega da medalha de campanha. [279] Não voltou a atuar como enfermeira no Exército após o fim da guerra na Itália. [280]

Durante sua jornada do Piauí até Nápoles, onde atuaria no *General Hospital*, Maria Hilda Policarpo de Melo passou por quatro cidades em diferentes Estados do Brasil. Esse percurso durou mais de um ano, desde o momento em que ela se voluntariou até ser convocada para embarcar com o último destacamento com destino ao *front* de batalha no exterior. Embora o trajeto de cada enfermeira que ingressou na FEB tivesse suas particularidades, partindo de locais distintos, todas tiveram que percorrer um longo caminho por diferentes Estados brasileiros até chegarem ao destino final.

As 67 enfermeiras da FEB não embarcaram todas juntas, foram enviadas em grupos pequenos. O primeiro grupo, composto por cinco enfermeiras e um médico da equipe de saúde da FEB, foi o primeiro a embarcar. As enfermeiras que estavam no Rio de Janeiro, aguardando a ordem de embarque, eram transportadas em um avião de transporte americano até Natal, no Rio Grande do Norte. Todas as enfermeiras da FEB atravessaram o Oceano Atlântico por via aérea, incluindo Maria Hilda Policarpo de Melo. Durante a viagem, faziam paradas nas ilhas ao longo do percurso ou mudavam a rota, se necessário, devido ao perigo de abatimento de aviões pelas forças do Eixo. Ao chegarem em terra firme, seguiam por via terrestre pelo norte do continente africano até chegar em Nápoles, na Itália, onde aguardavam ordens para ocuparem seus postos nos hospitais de campanha.[281]

No caso da enfermeira piauiense, ao chegar em Nápoles, na Itália, ela não foi direcionada aos hospitais mais distantes, uma vez que a guerra já havia terminado. No entanto, ela permaneceu no local cuidando dos feridos que vinham dos hospitais de campanha, preparando-os para o repatriamento. Durante o percurso por via terrestre, entre as paradas de descanso, algumas enfermeiras tiveram a oportunidade de conhecer, ainda que brevemente, algumas cidades ao longo do caminho. Esse trajeto era extremamente exaustivo, com uma média de 12 dias de duração.[282]

---

[279] NOTÍCIA DO EXÉRCITO. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**. Rio de Janeiro, ano 16, n. 7.046, p. 05, 11 out. 1945.
[280] NOTÍCIA DO EXÉRCITO. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**. Rio de Janeiro, ano 16, n. 7.046, p. 05, 11 out. 1945.
[281] MORAES, 1952.
[282] CANSANÇÃO, 1987.

Figura 30 – A primeira brasileira que se apresentou voluntariamente para os serviços de guerra.



Fonte: A Noite, 1945.

A fotografia acima foi publicada no jornal A Noite (RJ), na qual ela concede uma entrevista à redação vestindo o uniforme de passeio fornecido a todas as enfermeiras que concluíram o CEERE. Nessa ocasião, ela já ostenta o posto de tenente-enfermeira. O uniforme retratado na fotografia é o de passeio, amplamente utilizado em desfiles e aparições oficiais das enfermeiras.

Por outro lado, o uniforme de serviço era bastante simples, composto por um vestido de algodão cinza de baixa qualidade, um avental comum utilizado em hospitais brasileiros e um lenço verde oliva para amarrar na cabeça. Em contraste, os uniformes das enfermeiras norte-americanas eram bem estruturados, feitos com tecidos de algodão de boa qualidade, meias de seda e sapatos marrons de qualidade superior. A diferença entre a qualidade dos uniformes das enfermeiras brasileiras e norte-americanas era tão evidente que o Chefe de Saúde da FEB determinou que as enfermeiras brasileiras passassem a utilizar os uniformes das norte-americanas. Além de não serem esteticamente atraentes e de qualidade inferior, os uniformes brasileiros não eram adequados para enfrentar o frio do inverno italiano.

O referido jornal demonstra interesse em compartilhar com seus leitores a história da enfermeira piauiense, destacando-a como a pioneira do Nordeste a se voluntariar para os serviços de guerra.

> Em 1940, a senhorita Maria Hilda de Melo, natural do Estado do Piauí, concluía o curso de enfermeira da Saúde Pública, em Teresina, Em seguida requereu ao Ministro da Guerra a sua inclusão no serviço do Exército, no qual foi atendida, sob a condição de completar o curso de Voluntária Socorristas naquela capital. Em 1943, foi chamada para a 10º Região Militar com sede em fortaleza, capital do Estado do Ceará, a fim de servir na Reserva do Exército, fazendo o curso respectivo, merecendo sempre os melhores elogios pela sua eficiente atuação. Nesse mesmo curso, foi classificada em 1º lugar, e em fortaleza permaneceu durante 11 meses prestando os mais relevantes serviços, até que agora veio ao Rio apresentar-se ao Ministro da Guerra. O titular da pasta da guerra logo aproveitou os bons serviços da 2º tenente, Maria Hilda Melo para a substituição de uma colega licenciada. [...] A tenente Maria Hilda Melo é a única mulher piauiense e a primeira do nordeste que se apresenta espontaneamente para prestar serviços de guerra.[283]

Como destacado pelo jornal *A Noite (RJ)*, a enfermeira Maria Hilda Policarpo de Melo recebeu destaque na turma do CEERE que participou em Fortaleza, no Ceará. Embora tenha tido uma breve passagem pelo General Hospital em Nápoles, a enfermeira piauiense desempenhou um papel fundamental no aprimoramento dos serviços técnicos como enfermeira de guerra, especialmente na instalação da Base Aérea Norte-Americana em Natal. Portanto, ela atuou como enfermeira de guerra e tenente-enfermeira da FEB, tanto no Brasil quanto no exterior.

No Jornal *A Noite (RJ)* ela dá uma das poucas declarações que se tem registro nos jornais da época, vejamos o que ela diz:

> Não esperei ser convocada para o serviço, vim por conta própria e da minha espontânea vontade solicitar a minha convocação ao ministro da guerra para prestar meus serviços onde quer que o Brasil deles precise. Sinto-me feliz envergando a farda do nosso Exército glorioso e estou pronta para seguir a qualquer momento em que receber ordens dos meus chefes militares. E onde quer que o destino me leve saberei cumprir abnegadamente com os meus deveres de enfermeira de guerra, a socorrer os nossos soldados tombados no campo da honra. [...] Estou cativa das muitas atenções com que tem sido cercada a minha pessoa.[284]

A declaração dela é semelhante à de tantas outras enfermeiras, pois expressa o espírito de patriotismo e abnegação, reforçando o sentimento de dever para com a nação. Afinal, como tenente-enfermeira da FEB, ela fala em nome de toda uma classe. Suas palavras refletem o discurso oficial do Estado Novo, amplamente divulgado pela imprensa sob seu controle.

O destaque dado a ela pelo jornal ressalta o fato de que ela não esperou ser convocada, mas buscou ativamente a oportunidade de servir como enfermeira na guerra. Ela personifica o comportamento esperado daqueles que desejam se voluntariar e também ilustra o papel atribuído às mulheres no campo de batalha. Ao conceder uma entrevista na redação do jornal,

---

[283] A PRIMEIRA brasileira que se apresentou voluntariamente para os serviços de guerra. **A Noite**. Rio de Janeiro, ano 34, n. 11.819, p. 11, 07 jan. 1945.

[284] A PRIMEIRA brasileira que se apresentou voluntariamente para os serviços de guerra. **A Noite**. Rio de Janeiro, ano 34, n. 11.819, p. 11, 07 jan. 1945.

ela se apresenta uniformizada, incorporando plenamente a perspectiva corporativa e linguística da instituição militar. Sua declaração está em consonância com a imagem estereotipada criada em torno das enfermeiras da FEB, retratando-as como maternais, abnegadas e patrióticas.

Figura 31 – As três enfermeiras quando em visita ao DIÁRIO. Da esquerda para a direita Maria de Lourdes Santos, Maria Hilda de Melo e Alzira Marinho.



Fonte: DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1944.

Na fotografia acima, publicada no jornal *Diário de Pernambuco (PE)*, Maria Hilda Policarpo de Melo está ao lado de duas outras enfermeiras, Maria de Lourdes Santos e Alzira Marinho, ambas do Rio de Janeiro. Elas estavam em Recife aguardando o embarque para a Itália, mas as duas não chegaram a ser enviadas para o *front* italiano. A presença dessas jovens enfermeiras da FEB na cidade, vestindo o uniforme verde oliva do Exército Brasileiro e com o distintivo da FEB no braço esquerdo, despertou a curiosidade das pessoas locais. Por esse motivo, o jornal as procurou para que pudessem compartilhar suas expectativas em relação ao serviço na Itália. O jornal destaca o caso curioso da única enfermeira do Piauí a integrar a equipe de saúde da FEB.

> [...]Maria Hilda é piauiense nascida em Teresina, possui o curso de saúde pública com práticas hospitalares no hospital Getúlio Vargas, de Teresina. Quando a guerra pendeu mais seriamente para o Brasil, exigindo nossa participação armada fora do país, Hilda de Melo ofereceu ao ministro da Guerra os seus préstimos de enfermeira. Custou a ser aceita, mas quando veio a ordem de seguir para fortaleza, onde faria o curso de enfermagem de guerra no hospital militar de 10º R. M., não hesitou. Abandonou o cargo de apelação do Piauí, largou as comodidades e partiu.
> Foi também a única mulher que no Piauí se apresentou para prestar serviços de enfermagem na guerra. Em fortaleza foi classificada em 1º lugar na turma de 33

> candidatas que concluíram o curso de adaptação no H.M.F. e, logo em seguida designada para chefiar o serviço de enfermagem dali.[285]

Maria Hilda Policarpo de Melo era uma pessoa comum que saiu do interior do Piauí para se profissionalizar na capital, a fim de atuar como enfermeira em uma das guerras mais violentas do século XX. Sua trajetória de vida, inserida em seu tempo e espaço, é fundamental para compreender uma série de questões sociais e políticas ao seu redor, além de proporcionar uma compreensão dos aspectos do cotidiano de uma enfermeira de guerra. Assim, foi possível resgatar a participação dessa piauiense por meio da imprensa escrita e dos relatos presentes nos livros de memórias de ex-enfermeiras da FEB.

O passado não pode ser recuperado exatamente como ocorreu, pois ele não é estático. Mesmo tendo apenas fragmentos disponíveis, é possível reconstruir, a partir das fontes mencionadas, o imaginário social em relação à presença dessas mulheres em espaços que, aparentemente, eram ocupados exclusivamente por homens de maneira oficial, ou seja, nas instituições militares. Dessa forma, é possível discutir o sujeito no contexto temporal, a memória a partir de suas representações nos jornais e a construção identitária desses indivíduos. A produção desses registros possibilitou diferentes análises, seja por meio das práticas cotidianas, seja pela dimensão da memória dessas pessoas. O mais importante, de qualquer forma, é debater novas possibilidades para a história em que esses sujeitos estão inseridos.

Maria Hilda Policarpo de Melo percorreu um longo caminho até alcançar seu destino como enfermeira de guerra no *front* italiano. Apesar de sua participação ter sido breve, ela se destacou como chefe do serviço de enfermagem do Hospital Militar de Fortaleza. Além disso, foi condecorada posteriormente por seus serviços, porém não seguiu carreira militar. Como em um romance digno de um filme, ela encontrou o amor de sua vida enquanto trabalhava como enfermeira na base militar em Recife, e os dois se casaram. Logo após o fim da guerra, em 13 de abril de 1946, Maria Hilda se casou com Ernest Harrison, um engenheiro e químico norte-americano que servia no Exército dos Estados Unidos na época. O casal se estabeleceu em Chicago, nos EUA, e teve duas filhas. Maria Hilda não retornou à atuação como enfermeira no Exército quando houve a convocação das ex-enfermeiras da FEB em 1957.[286]

---

[285] FOI A ÚNICA no Piauí. **Diário de Pernambuco**. Recife, ano 120, n. 283, p. 03, 1 dez. 1944.
[286] A RUSSIA tem razão**. CORREIO DA MANHÃ**. Rio de Janeiro, ano 47, n. 16. 878, p. 02, 28 de mar. 1948.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Nova História Militar adota uma abordagem interdisciplinar, explorando a guerra e seus participantes através de diversos campos de pesquisa. Este enfoque possibilita a investigação das mulheres como sujeitos militares em contextos de guerra, utilizando fontes que permitem ter uma dimensão do trabalho, da memória e da vida cotidiana dessas sujeitas. Essa perspectiva foi crucial para entender a participação de Maria Hilda Policarpo de Melo e das enfermeiras na FEB e, desta forma, desafiando narrativas tradicionais e promovendo uma visão mais inclusiva.

Nesse contexto, nos hospitais de campanha, nas narrativas presentes na imprensa, nos livros de memória e nos documentos estatais, revelam o cotidiano da guerra, especialmente o papel das mulheres, como Maria Hilda Policarpo de Melo e as enfermeiras da FEB. Elas demonstram astúcia e resistência em um ambiente predominantemente masculino e hostil. A comunicação e os símbolos de poder desempenham um papel importante ao legitimar ideias e discursos que moldam as interações sociais.

A mobilização de enfermeiras voluntárias, incentivada pelo Estado Novo, serviu aos interesses políticos do governo, que as retratava como mães-pátria que se sacrificariam em prol da nação. A imprensa, alinhada com o Estado, reforçava essa narrativa, destacando o papel das enfermeiras como figuras maternais no campo de batalha e na retaguarda da FEB. A imagem de mulheres como Hilda Policarpo era utilizada para inspirar e mobilizar a população, refletindo uma estratégia de legitimação de escolhas e valores sociais.

O CEERE teve como objetivo fundamental incutir e fortalecer nas enfermeiras o senso de identidade comunitária, uniformizando atitudes, comunicação, raciocínio e conduta, promovendo também uma disciplina que englobava tanto aspectos mentais quanto físicos, posicionando-as dentro de uma estrutura hierárquica estabelecida, a do Exército.

A vestimenta carrega consigo uma dimensão identitária, servindo como meio de expressão e definição das dinâmicas de poder. No âmbito militar, as enfermeiras da FEB adotaram padrões específicos em relação ao vestuário. O treinamento recebido por elas contribuía para a assimilação dos valores e comportamentos militares, influenciando diretamente sua identidade social e regulando suas condutas no contexto militar. O uso do uniforme, portanto, confere ao indivíduo um poder simbólico, proporcionando-lhe visibilidade, prestígio e autoridade. No caso dos uniformes das enfermeiras da FEB, deveriam transmitir atributos simbólicos que as conectassem à autoridade de seu posto como oficiais do Exército e enfermeiras militares da retaguarda.

Por fim, no processo de registro da memória produzido por ex-enfermeiras da FEB em seus livros e diários, demonstra-se a preocupação em preservar essas lembranças do passado. Os relatos deixados por elas reconstituem, em parte, o cotidiano e as memórias de suas experiências enquanto enfermeiras de guerra na Itália. Além disso, essas memórias revisitadas não permanecem inertes nem seguem uma cronologia ordenada. A narrativa empregada por elas em seus escritos perde seu caráter individual e torna-se representativa de seu contexto social, contribuindo para o retrato da época e do grupo ao qual pertencem.

A partir desses relatos, foi possível obter um panorama da realidade social dessas enfermeiras no contexto da guerra e ter acesso a outros personagens que deixaram poucos registros e que são mencionados por elas, como é o caso de Maria Hilda Policarpo de Melo. Essa enfermeira piauiense foi utilizada como personagem central nesta pesquisa, trazendo à tona uma série de discussões sobre a participação das enfermeiras na condição de militares na FEB.

Apesar da importância de relembrar a participação de uma piauiense no cenário do conflito mais destrutivo do século XX, a Segunda Guerra Mundial, pouco foi feito para conhecermos a trajetória dessa enfermeira. Este trabalho não tem a pretensão de esgotar as contribuições de uma análise histórica sobre as enfermeiras da FEB e sobre Maria Hilda Policarpo, mas sim servir como ponto de partida ou um meio possível para novas pesquisas relevantes sobre o tema que carece de pesquisa no âmbito da História.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Da terceira margem eu so(u)rio: sobre história e invenção. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007. p. 19-36.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007. p. 53-67.

BERNARDES, M. M. R et. al. Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. **Revista Fontes**, v.29, n.2, p. 531-550, abr/jun. 2022.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. História**, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1995.

ANDRADE, R. P. Cartas ao Presidente: as Políticas de Saúde Pública do primeiro governo Vargas na visão dos amazonenses. In: NOGUEIRA, Y. M. (org.). **História da saúde**: olhares e verdades. São Paulo: Instituto de Saúde, 2010, p. 91-98.

ARAÚJO, J. S. **BRAVOS DO PIAUÍ! ORGULHAI-VOS. SOIS DOS MAIS BRAVOS BATALHÕES DO IMPÉRIO:** A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai 1865 -1866. 2009. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

BASÍLIO, A. C.; FERRO, M. do A. B. Enfermeiras piauienses que contribuíram para a enfermagem brasileira: história e memória de experiências profissionais. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, *[S. l.]*, v. 2, n. 1, p. 68–85, 2012. Disponível em: https://www.revistasuninter.com/revistasaude/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/75. Acesso em: 12 set. 2023.

BERNARDES, M. M. R et. al. Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. **Revista Fontes**, v.29, n.2, p. 531-550, abr/jun. 2022.

BERNARDES, M. M. R; LOPES, G. T. As Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no Front Italiano. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 447-453, 2007.

BERNARDES, M. M. R. et al. Uniformes de enfermeiras do Exército Brasileiro: identidade visual na II Guerra Mundial. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 1, p. 118-124, 2019.

BERNARDES, M. M. R; LOPES, G. T; SANTOS, T. C. F. Base de Sustentação Militar de Vargas Durante a 2ª Guerra e a Soberania Bélica Alemã: Percepções de Enfermeiras e militares. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 544-550, out./dez. 2005.

BOURDIEU, Pierre**.** A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-193.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, P; DE SAINT-MARTIN, M. **A Dominação Masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRODERSEN, M. I. C. S; PADILHA, H. H; VAGHETTI, G. Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 292-300, abr./jun. 2006.

CAIRE, Raymond**. A mulher militar.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

CAMERINO, Olímpia de Araújo**. A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Capemi, 1983.

CAMPELLO, A; PORTO, F. A Enfermeira Ondina Miranda de Souza e Sua Participação na 2ª Guerra Mundial. **Revista pesquisar e cuidar**. fundam. online, v. 2, n. Ed. Supl., p. 987-991, out./dez. 2010.

CANSANÇÃO, Elza. **E foi assim que a cobra fumou**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

CANSANÇÃO, Elza. **Um! Dois! Esquerda! Direita! Acertem o passo!** Maceió: Cian, 2003.

CANSANÇÃO, Elza**. Eu estava lá! I was there! Io stavo lá!:** a epopeia da Força Expedicionária Brasileira através da fotografia. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001.

CARVALHO, V. M. G. **Ex-Combatentes Do Brasil –** Entre História e Memória (1945-2009**).** 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. Por uma escrita bailarina da história. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire (Org.). **História cultural**: produção e circulação de conhecimento. São Paulo: HUCITEC, 2017.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho**. Mulheres plurais**: a condição feminina na primeira república. Teresina: EDUFPI, 2013.

CASTRO, C; IZECKSOHN, V; KRAAY, H. Da História Militar à 'nova' história Militar. In: CASTRO, Celso et al (org.). **Nova História Militar Brasileira**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 10-46.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. v. I. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHALHOUB, S. **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: EUNICAMP, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

COELHO, E. A. C. Gênero, saúde e enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 3, p. 345-348, maio./jun. 2005.

COLLINS, Patrícia HILL; BILGE, Sirgma. O que é interseccionalidade**?** In: COLLINS, Patrícia HILL; BILGE, Sirgma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 16-51.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

DAUPHIN, Cécile et al. A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: Ensaio de historiografia. **Revista Gênero**: Niterói, v. 2, n. 1, p. 7-30, 02 set. 2001.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil.** Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.

DIAS, M. O. L. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2º. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FONSECA, T. M. G. De mulher a enfermeira: conjugando trabalho e gênero. In: LOPES, M. J. M; MEYER, D. E; WALDOW, V. R. (org.). **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie**. Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GEOVANINI, Telma et. al. **História da Enfermagem: versões e interpretações**. Rio de Janeiro: Revinter, 2010.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinai**s**: raízes de um paradigma indiciário**.** In: GINZBURG, Carlo (org.). **Mitos, emblemas, sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-181.

GOELLNER, S. V. Bela, maternal e feminina: Imagens da mulher na Revista Educação Physica. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

GOMES, Ângela de Castro. **A guardiã da memória**. Acervo-Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v.9, n.1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.

GOMES, Ângela de Castro**.** Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-24.

GOMES, Ângela de Castro. **Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos** privados. Revista Estudos Históricos. n. 21, 1998.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A et al. Movimentos Sociais urbanos, minorias e outros estudos**. Ciências Sociais Hoje**, Brasília: ANPOCS, 1983, p. 223-244.

GROSSI, Miriam P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998 (revisado em 2010).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2º ed. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

JANOWITZ, Morris**. O Soldado Profissional**: um estudo social e político. Rio de Janeiro: Ed. GRD, 1967.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques (org.). **História e memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 366-420.

LEITE, J. L. Diários de Guerra: mulheres, livros e testemunhos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 26., 2011,** São Paulo**. Anais do 26º Simpósio Nacional de História.** São Paulo**:** ANPUH, 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300940511_ARQUIVO_Anpuh2011-JucaraLeite.pdf. Acesso em: 03 out. 2023.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 167-183.

LIRA, C. H. S. **O Piauí Em Tempos De Segunda Guerra:** Mobilização local e as experiências do contingente piauiense da FEB. 2008. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

LOWENTHAL, D; HADDAD, T. L; MALUF, R. Técnica: M. COMO CONHECEMOS O PASSADO. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 17, 2012. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110 Acesso em: 8 jul. 2023.

MECONE, M. C. C; FREITAS, G. F. Representações da enfermagem na imprensa da cruz vermelha brasileira (1942-1945**). Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 741-749, out./dez. 2009.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. O cotidiano, os "regimes de historicidade" e a memória. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 236 - 253. set./dez. 2016.

MELO, H. P; THOMÉ, D. **Mulheres e poder**: história, ideias e indicadores. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.
MENDES, F. F. A Economia Moral Do Recrutamento Militar No Império Brasileiro. **Revista Brasileira De Ciências Sociais.** *[S. l.]*, v. 13, n. 38, p.1-17, out. 1998.

MORAES, Berta. Testemunho de uma Enfermeira. In: MORAES, Berta et al. **Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1952. p. 405-423.

MOREIRA, Almerinda**.** Desmitificando a Origem da Enfermagem Brasileira. In: GROVANINI, Telma et al. (org.). **História da Enfermagem**: Versões e Interpretações. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p. 61-130.

MOREIRA, Almerinda. Enfermagem e memória: os centros de documentação das escolas de enfermagem do Rio de Janeiro**.** In: NOGUEIRA, Y. M. (org.). **História da saúde**: olhares e verdades. São Paulo: Instituto de Saúde, 2010. p. 299-310.

MOREIRA, M. C. N. Imagens no espelho de Vênus: mulher, enfermagem e modernidade. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 55-65, jan. 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. n° 10, 1993.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa. **Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós guerra: processo de reinclusão no serviço militar ativo do Exército (1945-1957**). Tese (Doutorado em enfermagem). 299p. Rio de Janeiro. UFRJ, 2010.

OLIVEIRA, A. B; SANTOS, T. C. F. Entre ganhos e perdas simbólicas: A (des) mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial. **Escola Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 423-428, set. 2007.

OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil-EUA**: uma nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Curitiba: Juruá, 2015.

OLIVEIRA, M. C. L. **A mulher brasileira vai a guerra**: a inserção de enfermeiras na retaguarda da Força Expedicionária Brasileira (1942-1945). Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.

PASSOS, C. C. **Relações de gênero na caserna**: significado dos sujeitos militares no Exército Brasileiro. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
PEDRAZANI, Viviane. A Memória Como Objeto De (Re) Construção Do Passado: Um Debate Teórico. **Humana Res**. Teresina, v. 1, n. 1, p. 66 – 80. 2019.

PEDRO, J. M; PINSKY, C. B (org). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2013.

PEDRO, J. M. As guerras na transformação das relações de gênero: entrevista com Luc Cápdevila. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 81-102 jan./abr. 2005.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: ANNABLUME, 2001.

PEREIRA, A. V. Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 24, n. 1, p. 49-77, jan./jun. 2011.

PERROT, Michelle**. As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PINHEIRO, W. F. **Garimpeiro de memórias**: práticas educativas de Ozildo Albano - Piauí **(**1952-1989). 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

PINSKY, C. B. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 159-184, jan./abr. 2009.

PINTO, H. M. P. ENFERMEIRAS FEBIANAS - Mulheres Brasileiras na Segunda Guerra Mundial. **Blog O Resgate FEB**. [internet]. 1 abr, 2011. Disponível em: https://henriquemppfeb.blogspot.com/2011/04/enfermeiras-febianas-mulheres_01.html. Acesso em: 06 de maio de 2023.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-215. 1992.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p. 3-15. 1989.

PORTO, F; SANTOS, T. C. F. A Enfermeira Brasileira na Mira do Click Fotográfico (1919-1925). In: AMORIM, W; PORTO, F. (org.). **História da Enfermagem**: lutas, ritos e emblemas. Rio de Janeiro: Água Dourada, 2007, p. 25-87.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**. 2ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2017.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Mulheres Plurais. In: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Do singular ao plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

QUÉTEL, Claude. **As mulheres na guerra**. Trad. Ciro Mioranza. v.1-2. São Paulo: Larousse, 2009.

RIBEIRO, P. S. EM LUTO E LUTA: construindo a memória da FEB Patrícia da Silva Ribeiro. 2013. Tese (Doutorado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro, 2013.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

ROCHA, O. C. L. Discursos e imagens sobre mulheres nas primeiras décadas do século XX na sociedade de Teresina. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho de 2011.

ROQUE, D. M. **A veterana:** perfil biográfico da 2º tenente Helena Ramos enfermeira da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2019.

SANTOS, L. A. C. Poder, ideologias e saúde no Brasil da Primeira República: ensaio de sociologia histórica. In: HOCHMAN, G; ARMUS, D. (org.). **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. p. 249-293.

SCHMIDT, Benito Bisso. **História e Biografia** In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SCHUMAHER, S.; BRAZIL, E. V. **Brasileiras na Segunda Guerra Mundial. Dicionário mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. 2ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SCHWENGBER, M. S. V. Bela, maternal e feminina. Imagens da mulher na Revista Educação Physica, de Silvana Goellner, Ijuí: Unijuí, 2003 (Coleção Educação Física). **Movimento**, *[S. l.]*, v. 9, n. 3, p. 165–173, 2007.

SCHWETHER, Natália Diniz. **Agora é que são elas**: desvendando o processo de incorporação das mulheres nas Forças Armadas de Brasil e Argentina. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SCLIAR, M. História do Conceito de Saúde. PHYSIS: **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História**: Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-97.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.) **A Escrita da História**: Novas Perspectivas, S. Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter (Org.) **A Escrita da História**: Novas Perspectivas, S. Paulo: UNESP, 1992. p. 39-62.

SILVA, Gisele Reinaldo da. Memória e olhar como mecanismos de (re)leitura da história. **Revista Moara**, n. 56, vol. 2, ago./dez. 2020.

SIMILI, I. G; CAMACHO, P; PONTE, P. Educação e Moda: Uniformes de Enfermagem na Segunda Guerra Mundial. **Revista Modapalavra E-periódico,** ano 3, n. p. 80-102, 6, jul./dez. 2010.

SOARES, Luiz Carlos; Vainfas, Ronaldo. **Nova História Milita**r. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 113-13.

SOIHET, Rachel; PEDRO, J. M. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

SPÍNDOLA, T. Mulher, mãe e... trabalhadora de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 34, n. 4, p. 354-361, dez. 2000.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial.

VALADARES, A. P. **Álbum Biográfico das Febianas**: pesquisa da II Guerra Mundial. Batatais: Mauro Familiar, 1976.

FONTES

LEIS, PORTARIAS E DECRETOS

BRASIL. Decreto n.º 6.907, de 13 de dezembro de 1943. Dispõe sobre a criação do quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército do Ministério da Guerra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, 13 dez. 1943. Seção 1. (Figura 1)

BRASIL. Decreto n.º 14.257, de 13 de dezembro de 1943. Dispõe sobre a aprovação do regulamento do quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército do Ministério da Guerra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, 13 dez. 1943. Seção 1.

BRASIL. Decreto n.º 14.257, de 13 de dezembro de 1943. Dispõe sobre o regulamento do quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército do Ministério da Guerra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, 13 dez. 1943. Seção 1.

BRASIL. Portaria n.º 5.855, de 4 de janeiro de 1944. Dispõe sobre o Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército do Ministério da Guerra. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, 4 jan. 1944. Seção 1.

JORNAIS E REVISTAS

A ENFERMEIRA de guerra. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [*s.v*], n. 16, p. 01, jan./fev. 1945. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=1279. Acesso em: 12 maio. 2023.

A GRADUAÇÃO das enfermeiras Expedicionárias. **DIÁRIO DA NOITE**. Rio de Janeiro, ano 16, n. 3.478, p. 5, 13 maio. 1944.

A MULHER e a defesa nacional. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [*s.v*], n. 2, p. 23, ago. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=504. Acesso em: 12 maio. 2023.

ANDRADE, Carlos Sudá de. A profissão de enfermeira. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [s.v], n. 2, p. 2, ago. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=484. Acesso em: 12 maio. 2023.

ANSIOSOS pela hora da luta! ***A Noite***. Rio de Janeiro, ano 34, n. 11.650, p. 1, 19 jul. 1944. (Figura 3)

AS ENFERMEIRAS expedicionárias completam o seu preparo físico e militar. **A Noite**. Rio de Janeiro, ano 33, n. 11.580, p. 01, 10 maio. 1944. (Figura 6)

A PRIMEIRA brasileira que se apresentou voluntariamente para os serviços de guerra. **A Noite**. Rio de Janeiro, ano 34, n. 11.819, p. 11, 07 jan. 1945. (Figura 30)

A RUSSIA tem razão**. CORREIO DA MANHÃ**. Rio de Janeiro, ano 47, n. 16. 878, p. 02, 28 de mar. 1948.

AS ENFERMEIRAS expedicionárias e seus uniformes. **A Noite**. Rio de Janeiro, ano 34, n. 11.819, p. 08, 11 maio. 1945.

AS NOVAS Carteiras de identidade da Cruz Vermelha Brasileira. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [s.v], n. 4, p. 32, out. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=614. Acesso em: 12 maio. 2023. (Figura 11)

AS TRÊS ENFERMEIRAS quando em visita ao diário. Da esquerda para a direita Maria de Lourdes Santos, Maria Hilda de Melo e Alzira Marinho. **Diário de Pernambuco**. Recife, ano 120, n. 283, p. 03, 1 dez. 1944. (Figura 31)

CELSO, M. E. As enfermeiras da força expedicionária. **JORNAL DO BRASIL**. Rio de Janeiro, ano 54, n. 263, p. 05, 07 nov. 1944.

CONSTRUIR COM sangue e com lágrimas a eternidade da pátria. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [*s.v*], n. 1, p. 6, jul. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=436. Acesso em: 12 maio. 2023.

DESTREZA, coragem e iniciativa própria. **A Noite**. Rio de Janeiro, ano 34, n. 11.798, p. 2, 15 dez 1944. (Figura 4)

DIPLOMARAM-SE as enfermeiras que integrarão o corpo expedicionário. **Diário de Pernambuco**. Recife, ano 119, n. 108, p. 03, 9 maio. 1944.

EM EXERCÍCIOS as enfermeiras expedicionárias. **A Noite**. Rio de Janeiro, ano 34, n. 11.650, p. 01, 19 jul. 1944. (Figura 10)

ENFERMEIRAS para a Força Expedicionárias. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [*s.v*], n. 4, p. 5, out. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=588. Acesso em: 12 maio. 2023.

FOI A ÚNICA no Piauí. **Diário de Pernambuco**. Recife, ano 120, n. 283, p. 03, 1 dez. 1944.

ITINERANTES. **GAZETA**. Teresina, ano 33, n. 1.446, p. 04, 5 dez. 1943.

NORTON, Barbara. Expedicionários do Brasil. **O CRUZEIRO**. Rio de Janeiro, [*s.v*], [*s.n*], p. 3, maio. 1945. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pesq=%22Maria%20Hilda%20Mello%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=45353. Acesso em: 12 maio. 2023.

NOTÍCIA DO EXÉRCITO**. DIÁRIO DE NOTÍCIAS**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 6.612, p. 03-04, 14 maio. 1944.

NOTÍCIA DO EXÉRCITO**. DIÁRIO DE NOTÍCIAS**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 6.879, p. 05, 28 mar. 1945.

NOTÍCIA DO EXÉRCITO. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**. Rio de Janeiro, ano 15, n. 6.898, p. 05, 20 abr. 1945.

NOTÍCIA DO EXÉRCITO. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**. Rio de Janeiro, ano 16, n. 7.046, p. 05, 11 out. 1945.

PRECISAMOS prestigiar ainda mais nossas Patrícias que se encontram no front. **DIÁRIO CARIOCA**. Rio de Janeiro, ano 14, n. 5.009, p. 01, 12 out. 1944.

SAMARITANAS e socorristas de guerra. **Revista da cruz vermelha brasileira**. Rio de Janeiro, [*s.v*], n. 1, p. 30-35, jul. 1943. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=141216&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=460. Acesso em: 12 maio. 2023.

TENENTES enfermeiras da F.E.B comissionadas junto ao curso de saúde da 7. R. MILITAR. **Diário de Pernambuco**. Recife, ano, 120, n. 283, p. 3, 1 dez. 1944.

VIDA militar. **A Manhã**. Rio de Janeiro, ano 4, n. 1.042, p. 10, 30 dez. 1944.

SÍTIOS E ACERVOS DIGITAIS

DAKAR – Guerreiros Senagalezes. **Fundação Oswaldo Cruz**. Código de referência: BR RJCOC VP-03-06.v.02-200. Inserido em 16 nov. 2022. Disponível em: https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/dakar-guerreiros-senegalezes. Acesso em: 23 jul. 2023. (Figura 14)

ENFERMEIRAS Jacira e Neuza cuidando de uma criança italiana. **Fundação Oswaldo Cruz**. Código de referência: BR RJCOC VP-03-06.v.02-140. Inserido em 16 nov. 2022. Disponível em: https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/enfermeiras-jacira-e-neuza-cuidando-de-uma-crianca-italiana. Acesso em: 23 jul. 2023.

ENFERMEIRAS não identificadas (Nápoles-Itália). **Fundação Oswaldo Cruz.** Código de referência: BR RJCOC VP-03-06.v.02-207. Inserido em 16 nov. 2022. Disponível em: https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/mat-dr-ernesto-cap-dr-contreiras-e-enfermeira-antonieta. Acesso: 08/01/2024. (Figura 9)

HOTEL ATLANTIC, requisitado para oficiais Brasileiros e americanos (em trânsito), Casablanca. **Fundação Oswaldo Cruz.** Código de referência: BR RJCOC VP-03-06.v.02-201. Inserido em 16 nov. 2022. Disponível em: https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/hotel-atlantic-requisitado-para-oficiais-brasileiros-e-americanos-em-transito-casablanca. Acesso: 08/01/2024. (Figura 13)

MAT. DR. ERNESTO, Cap. Dr Contreiras e enfermeira Antonieta. **Fundação Oswaldo Cruz.** Código de referência: BR RJCOC VP-03-06.v.02-106. Inserido em 16 nov. 2022. Disponível em: https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/mat-dr-ernesto-cap-dr-contreiras-e-enfermeira-antonieta. Acesso: 08/01/2024. (Figura 8)

PRIMEIRAS OFICIAIS enfermeiras brasileiras a chegar a Itália. **Biblioteca digital do exército.** [internet]. Disponível em: https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/6674. Acesso em: 06 de maio de 2023. (Figura 12)

VALADARES, A. P. 11 de novembro de 1944. **Blog Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial.** [internet]. 14 nov, 2020. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/11/14-de-novembro-de-1944.html?m=0 . Acesso em: 06 de maio de 2023. (Figura 19)

VALADARES, A. P. 14 de novembro de 1944. **Blog Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial.** [internet]. 11 nov, 2020. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/11/11-de-novembro-de-1944.html?m=0. Acesso em: 06 de maio de 2023. (Figura 20)

VALADARES, A. P. 04 de novembro de 1944. **Blog Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial.** [internet]. 03 nov, 2020. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/11/04-de-novembro-de-1944.html?m=0. Acesso em: 06 de maio de 2023. (Figura 23)

VALADARES, A. P. 11 de dezembro de 1944. **Blog Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial.** [internet]. 11 dez, 2020. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/12/11-de-dezembro-de-1944.html. Acesso em: 06 de maio de 2023. (Figura 25)

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 28, 17 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/17-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 04, 06 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/6-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 05, 07 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/7-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 05-06, 08 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/8-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 12, 11 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/11-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 13, 11 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/11-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 06, 08 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/8-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 09, 09 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/9-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a

28/04/1945], p. 17, 12 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/12-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 17, 12 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/12-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 18, 12 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/12-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 52, 01 set. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/1-de-setembro-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 21, 14 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/14-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 47, 27 ago. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/08/27-de-agosto-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 55, 03 set. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/09/03-de-setembro-de-1944.html?m=0. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 56, 04 set. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/09/04-de-setembro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 172, 06 nov. 1944. Disponível em:

https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/11/06-de-novembro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 68, 11 set. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/09/11-de-setembro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 344, 26 mar. 1945. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2021/03/26-de-marco-de-1945.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 129, 13 out. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/10/13-de-outubro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], p. 129, 13 out. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/10/13-de-outubro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

VALADARES, A. P. (1944). **Diário de Guerra de Altamira Pereira Valadares**. [Manuscrito publicado]. Centro de Documentação da Segunda Guerra Mundial, V. 1 e V. 2 [04/08/1944 a 28/04/1945], [*s.p*], 11 dez. 1944. Disponível em: https://centrodocumentacaoaltamira.blogspot.com/2020/12/11-de-dezembro-de-1944.html. Acesso em: 05 maio. 2023.

VIRGÍNIA E duas enfermeiras em frente a uma das ambulâncias alemãs capturadas na cidade de Parolla, Itália. **Fundação Oswaldo Cruz.** Código de referência: BR RJCOC VP-03-06.v.02-181. Inserido em 16 nov. 2022. Disponível em: https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/virginia-e-duas-enfermeiras-em-frente-a-uma-das-ambulancias-alemas-capturadas-na-cidade-de-parolla-italia. Acesso em: 23 jul. 2023. (Figura 5)

VIRGÍNIA PORTOCARRERO trajando uniforme de inverno das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália. **Fundação Oswaldo Cruz.** Código de referência: BR RJCOC VP-03-06.v.02-056. Inserido em 16 nov. 2022. Disponível em: https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/virginia-portocarrero-trajando-uniforme-de-inverno-das-enfermeiras-da-forca-expedicionaria-brasileira-durante-a-segunda-guerra-mundial-na-italia Acesso: 08/01/2024. (Figura 7)

ZHEIT. **Os Uniformes das Enfermeiras da FEB**. 2020, Fotografia. Disponível em: https://zheit.com.br/post/os-uniformes-das-enfermeiras-da-feb. Acesso: 09/01/2024.

ANEXOS

Originais das Tabelas 1 e 26 respectivamente

DISCRIMINAÇÃO	TOTAL DE HORAS	SESSÕES DE ESTUDO POR SEMANA					
		1.ª	2.ª	3.ª	4.ª	5.ª	6.ª
Prática hospitalar de enfermagem	144	24	24	24	24	24	24
Educação física (Sessões de 30 minutos)	9	1½	1½	1½	1½	1½	1½
Ordem unida (Sessões de 30 minutos)	9	1½	1½	1½	1½	1½	1½
Serviço de Saúde em Campanha	6	1	1	1	1	1	1
Hierarquia militar, disciplina, sinais de respeito, Regulamentos Militares	11	1	2	2	2	2	2
Cirurgia de guerra	4	—	—	1	1	1	1
Higiene e profilaxia	3	—	—	—	1	1	1
Total	186	29	30	31	32	32	32

Estado	Nome	Serviço
CEARÁ	Maria Hilda Melo	H
BAHIA	Araci Arnaud Sampaio	H
"	Isabel Novais Feitosa	H
"	Jandira Faria de Almeida	H
"	Joana Simões Araújo	T.A.
"	Lenalda Campos	T.A.
MINAS	Carlota Mello	H
"	Ilza Meira Alkimim	H
"	Rozelys Belém Teixeira	H
PARANÁ	Acássia Cruz	H
"	Edith Fanha	H
"	Guilhermina Rodrigues Gomes	H
"	Hilda Ribeiro	H
"	Jaci Chaves Lasserrê	H
"	Maria da Conceição Suarez	H
"	Vanda Sófia Magewsks	H
"	Virgínia Leite	H

N.S. = Não seguiu
EAN = Escola Ana Néri
EAP = Escola Alfredo Pinto
ECVB = Escola da Cruz Vermelha Brasileira
T.A. = Transporte Aéreo
H = Hospital